



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

À PROCURA DA IDENTIDADE MASCULINA CABO
VERDIANA- NO OCULTO DAS SUAS RELAÇÕES
INTERSUBJETIVAS (E NO SEU FEMININO)

MANUEL MARIA RAMIRES BLANC DE SOUSA

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do
grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2018

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos.

Para os agradecimentos talvez seja adequado começar por dizer, que provavelmente não existe outra área do saber, do pensamento humano, aonde caiba tanta gente em tons de gratidão como esta. É de facto um grande consolo, estudar um tema tão permeável à reciclagem de experiências, de pessoas, que possa fazer de útil e enriquecedor, as mais inconcebíveis coisas trazidas por estas criaturas, a que com grande ironia chamamos de humanas, quando nos vem à cabeça um súbdito desejo de pensar e ver coisas nobres. Pois humanidade, nem sempre é uma coisa que abunde propriamente entre humanos., ou até é, se por humanidade entendermos uma outra coisa menos simpática e bastante mais obscura.

Posto isto, talvez seja hora de dirigir os meus agradecimentos para um número de pessoas que irei por aqui por grau de de importância, quanto a este curso é claro.

A primeira pessoa terá de ser um meu amigo Sebastião que usa um número considerável de momentos para mostrar o quão grato está por me ter na sua vida. Gratidão esta que deveras sinto, ainda que não me seja fácil demonstrar de forma directa. Ao longo destes últimos 5, 6 anos tenho sido um psicólogo ao seu serviço, o que não invalida que encontre nele as mesmas coisas que encontra em mim, uma falta de limites por vezes preocupante, uma atitude ofensiva perante a vida e uma capacidade notável de desfazer os nós gerados pela parvoíce, recorrentemente a nossa, assim como a capacidade de ouvir e de escutar quem nos fala, ainda de modos muito diferentes, pois ao contrário dele, não tolero conselhos, e me veja mais facilmente a atirar-me duma ponte, do que a ouvi-los voluntariamente. Definitivamente não é o meu tipo de escuta, ainda que valorize e signifique com grande força, quando os sinto esforçados, implicados ou abertos.

A segunda será a minha amiga Guida, sem a qual não teria sobrevivido ao ISPA, ou a qualquer trabalho mais formal. Pessoa que me deu todo sentido que a minha existência lhe dá a ela , o que é ótimo, pois faz-me sentir que embora não tenha recebido um cêntimo pelos esforços consideráveis que dediquei á eterna busca pela colossal e esmagadora arquitetura da mente humana, receba verdadeiras fortunas, o que é ótimo, porque se não um gajo não aguenta isto. Pessoa que tem uns olhos enormes, que me preenchem só de olhá-los e que é sempre a primeira pessoa em que penso quando quero um abraço. Como não seria de estranhar, é uma pessoa com alguma alergia ao toque, e só em raras situações é que acede fazer tal coisa.

Por último agradecer à professora Maria Emilia, a pessoa que deu alguns dos poucos conselhos que achei uteis, de uma forma que foi para além do afecto e genuína preocupação com que por vezes me foram dados (o que para mim faz toda a diferença). Inteira-se, após uns textos que lhe entreguei, é até hoje, o melhor conselho de que me lembro. Pessoa a quem recorrentemente chamo de tia, e a quem só por acaso ainda não chamei de Pai, ou de Mãe, pois é tão dura e autoritária como tocantemente compreensiva comigo e muitas outras coisas, que não irei pôr aqui.

Resumo

O objetivo deste estudo é o de explorar os processos de construção identitária, inerentes a uma fase já adulta, assim como o universo representacional do masculino cabo-verdiano numa lógica etnopsicanalítica.

Devido à ausência de estudos etnopsicanalíticos sobre o masculino cabo-verdiano, e de estudos que não tentavam aferir o impacto e a profunda influência do feminino sobre o masculino; considerou-se relevante estudar a identidade do masculino ao abrigo da noção de cultura, fortemente mediada pelas relações objetais próximas e ao abrigo da noção de que o masculino é também conduzido e constituído a partir do feminino.

Os participantes deste estudo são dois jovens adultos cabo-verdianos, com a idade de 32 e 33 anos, que vivem em Portugal, mas que nasceram e são originários da ilha cabo-verdiana de São Vicente.

O instrumento utilizado foi o da Entrevista Narrativa em Associação livre, através da qual se analisaram duas narrativas. Num primeiro momento, foram analisadas em contexto de grupo, e num segundo individualmente, após se terem destacado, alguns dos seus aspetos fundamentais.

Os resultados evidenciaram uma configuração complexa e distinta, que em comum, mostravam uma tendência psíquica bastante forte para aquilo que decidimos denominar de a fuga do feminino, como consequência ambígua de se ter estado demasiado próximo da sua profunda influência, ainda que de formas muito diferentes.

Palavras-chave: masculino a partir do feminino, fuga ao feminino, paterno, identidade cultura cabo-verdiana, etnopsicanálise e psicanálise.

Abstract

The objective of this study is to explore the processes of identity construction, inherent to an adult phase, as well as the representational universe of the Cape Verdean masculine in an ethno-psychoanalytic logic.

Due to the absence of ethno-psychoanalytic studies on the Cape Verdean male, and studies that did not try to gauge the impact and the profound influence of the female on the masculine; it was considered relevant to study the identity of the masculine under the notion of culture, strongly mediated by the close object relations and under the notion that the masculine is also driven and constituted from the feminine.

The participants of this study are two young Cape Verdean adults, aged 32 and 33 years old, living in Portugal, but who were born and come from the Cape Verdean island of São Vicente.

The instrument used, was the Narrative Interview in Free Association, through which two narratives are analyzed; in a first instance, in a group context, and in a second, individually, after having already been highlighted, some of its fundamental aspects.

The results showed a complex and distinct configuration, which in common, showed a strong psychic tendency for what we have decided to call the escape of the feminine, as an ambiguous consequence of being too close to its profound influence, although in very different ways.

Keywords: masculine from the feminine, escape from the feminine, paternal, identity, Cape Verdean culture, ethnopsychonalysis and psychoanalysis.

Índice

1. introdução	7
2. enquadramento teórico	8
2.1. quatro dimensionalidades teóricas.....	8
2.2. masculino a partir do feminino	12
2.3. masculino cabo verdiano	18
3. objetivo de estudo	23
4. método	24
4.1. tipo de estudo	24
4.2. instrumento.....	24
4.3. participantes.....	26
4.4. procedimento da recolha de dados	27
4.5. procedimento da análise de dados.....	27
5. Apresentação e análise das narrativas.....	28
5.1. Análise da narrativa de Atlas.....	28
5.2. Análise dos grandes temas de Atlas.....	39
5.2.1. A representação do feminino do masculino e do casal	39
5.2.2. A identidade	43
5.2.3. Fuga do feminino.....	45
5.3. Análise da narrativa de Sigmundo.....	48
5.3.1. A representação do feminino do masculino e do casal	54
5.3.2. A identidade	58
5.3.3. Fuga ao feminino.....	60
6. Discussão	62
7. Considerações Finais	68
Referências Bibliográficas.....	73
ANEXOS	75
Anexo A- Narrativa do Atlas.....	75
<i>M- Então pronto, fala-me lá da tua experiência</i>	<i>75</i>
<i>M-ahmm, eu acho que eu acho que vou parar.....</i>	<i>75</i>
Anexo B- Narrativa do Sigmundo	94

1. INTRODUÇÃO

O estudo aqui realizado, tem o intuito de aprofundar alguns dos aspetos identitários do indivíduo cabo-verdiano adulto, assim como do seu universo representacional, devido à ressonância que as circunstâncias particulares da sociedade cabo-verdiana foram provocando ao longo deste seminário de dissertação, sendo, portanto, mais um estudo realizado a cerca da identidade de género cabo-verdiana.

Dessa forma, um dos motivos que levaram à realização deste trabalho, nasceu da percepção de que estávamos diante de uma cultura em que as identidades tinham uma expressão muito forte ligada ao género, com particular interesse para o masculino, devido à quantidade de famílias cabo-verdianas em que a figura paterna está ausente do espaço físico (Ramos, 2009); deste modo, a construção de uma identidade masculina, de acordo com Afonso (2007), se não estaria mais dificultada, teria de ocorrer em moldes muito particulares.

Ancorados na ideia de que a sociedade cabo-verdiana é estruturada de uma forma especialmente distinta e singular, em que culturalmente muitas famílias são contruídas tendo como perspectiva implícita à possibilidade de criar a sua própria família, a migração de um dos Pais do casal, que só lhe poderá oferecer uma existência que fique longe da precariedade económica se migrar (Dias, 2006). O que é obviamente duro, mas muito interessante, uma vez que por intermédio desta realidade, se cria a ausência daqueles que no seio das relações intersubjetivas tendem, segundo as nossas referências, a constituir as bases fundamentais da identidade do sujeito psíquico (Marques, 2002). Hipótese essa que não é contrariada, pois uma das conclusões gerais que retirámos do trabalho, é que é possível estar ausente estando presente, e presente estando ausente, através da força do simbólico. E se tradicionalmente era o Pai, o marido, que partia em busca de melhores condições para família, atualmente os cenários mantêm tipicamente a ausência do Pai, mas por vezes, a Mãe Também, com a diferença de que « os motivos que inspiram estas realidades desmultiplicaram-se de tal forma, que é extremamente difícil de as definir através de categorias (Fortes, 2013).

Neste estudo foi considerado pertinente usar uma perspectiva etnopsicanalítica interessada em aprofundar os processos inerentes à formação da identidade, uma vez que se constatou, a quase ausência de estudos sobre o tema, com exceção feita à tese realizada ao abrigo deste seminário (que nos instigou mais que resfriou), que tomassem em conta as questões intersubjetivas profundas criadoras de uma série de sentidos identitários, dos quais se destacam, nesta dissertação, a relação do masculino com o feminino e, neste caso concreto, do masculino a

partir do feminino, mas também do masculino, a partir do masculino. Noções essas, que poderão ficar particularmente enriquecidas através deste estudo, pois ao longo do percurso de vida do homem cabo-verdiano, este é descrito como muito próximo do materno precisamente pela ausência do paterno e, muito distante, ou instável na sua relação com o feminino quando chega a uma idade adulta (Ferreira, 2016; Fortes, 2013).

O estudo começou com duas entrevistas, levadas a cabo ao abrigo das recomendações do método Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI), analisadas posteriormente em grupo, através das recomendações sugeridas pelo método. Como expectável, as análises suscitaram a necessidade de recolher literatura acerca do tema da identidade cabo-verdiana, com natural destaque para o masculino. A Revisão de literatura foi organizada, de modo, a que se pudessem estabelecer pontes semânticas com os conteúdos das entrevistas. Incentivando, no entanto, pesquisas de literatura, assim como reflexões suportadas em teoria, mediadas pelas reflexões que essas entrevistas suscitaram no grupo e no indivíduo. Essas explorações teóricas estarão apresentadas no início do trabalho e deverão servir para aprofundar, ajudar a codificar e complementar a compreensão das entrevistas, assim como a enriquecer as análises mais aprofundadas dos grandes temas, da discussão e das considerações finais, que tentaram debater e harmonizar todas as reflexões teóricas levadas a cabo ao longo do trabalho.

O primeiro capítulo do enquadramento teórico é essencialmente sobre a intersubjetividade, na sua relação com a identidade, refletida a partir de quatro perspetivas distintas, uteis de maneiras diferentes para a compreensão do material; o segundo, é sobre os modos como podemos conceber o masculino a partir de um feminino que permanece, ainda que muitas vezes invisível e o terceiro é sobre o masculino cabo verdiano, essencialmente através da realidade da migração, do modo como o ele se representa e o feminino o representa.

No fim, são elaboradas algumas considerações finais, com o intuito de fazer um apanhado geral das conclusões essenciais do trabalho, que não substituíram, de modo algum, todas as reflexões que guarda nele assim como de estabelecer algumas pontes que ficaram por estabelecer entre o enquadramento teórico e as narrativas.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. QUATRO DIMENSIONALIDADES TEÓRICAS

Para esta parte do enquadramento teórico, explorar-se-ão essencialmente quatro dimensionalidades teóricas que foram consideradas relevantes para entender certos aspetos fundamentais deste estudo, que tem como plano de fundo o conceito de intersubjetividade. A primeira destas ideias será o tema da identidade na sua íntima relação com a intersubjetividade (Hollway, 2010). A segunda, é uma exploração teórica, através de uma equação semântica, que tenta expressar como psiquicamente nada desaparece ou se perde, apenas se transforma. A terceira, tentará explorar a ideia de que o acesso às diferenças, é possibilitado por movimentos de identificação, através de uma reflexão sobre a obra Totem e Tabu. E a quarta, será a exploração da ideia de que a compreensão (construção) da cultura, do outro, e deste a partir dela, é possibilitada, por movimentos de desconstrução do Self, naturalmente ligado de forma íntima à cultura, ao outro.

Para Hollway (2010), amplamente suportada pelas conceções teóricas psicanalíticas, as relações intersubjetivas, são aquilo que cria e recria o sujeito durante toda a sua existência. De acordo como esta, as experiências precoces formam as bases, aonde assenta uma grande parte da nossa subjetividade; experiências essas que podem ser reprimidas, inomináveis, mas que não podem ser eliminadas e que por isso, implicam sempre uma continuidade ao nível dos processos pelos quais se recria a identidade.

Hollway (2010) faz uso dos modelos kleiniano e bioniano, para afirmar que se é a partir do outro e, é na relação com ele, que construímos a possibilidade de nos diferenciarmos deste e do mundo. O facto de mais facilmente o humano se tornar prisioneiro psiquicamente, pela forma com se relaciona com o mundo e logo consigo mesmo, por causa daqueles, com quem não conseguiu estabelecer relações intersubjetivas de qualidade, que lhe permitissem criar um terceiro, produto singular de duas individualidades como refere Ogden (2018) é algo que permite fazer olhar para a dependência do outro, nomeadamente na forma como este é interiorizado como algo necessário para se poder alcançar a independência deste.

É numa aceção análoga que Hollway (2010) usa o pensamento kleiniano para falar da forma como a negação do outro, através das projeções do que não é psiquicamente tolerável no seu próprio Self, o empobrece, o transforma em algo mau e que define num segundo momento o que é interiorizado e, dessa maneira mantido persistentemente no mundo interno. O facto deste

outro, numa altura em que não é possível existir sem ele, estar envolvido, tão fortemente nas experiências subjetivas do próprio Self, que ainda não pode ser concebido de forma separada, ajudar a definir aquilo que numa fase ligeiramente posterior será possível ver deste; (1) se um outro separado, em quem é possível conceber a sua alteridade, como consequência das intencionalidades que lhe são dirigidas, e dessa maneira procurar alterar-se, de modo a não o destruir, (2) ou um outro, extensão do que não é tolerável no próprio Self e, portanto, abominável, é testemunho do papel deste, no acesso a experiências tão diferentes.

Se olharmos para a conceção teórica de que a experiência é amplamente construída a partir do contrário desta, ou seja, que só é possível conceber o prazer, ou estados particulares de felicidade, por oposição a situações menos prazerosas e estados de menor felicidade, podemos depressa concluir como certas experiências com os outros, permanecem interiorizadas, de tal forma, que mesmo que no exterior, se vejam livres das circunstâncias dessas experiências, continuaram a revivê-las de modo circular na sua própria existência. A partir de Winnicott, Hollway (2010) refere que o mundo exterior é sempre mediado pelo mundo interior, e que as coisas não podem ser aprendidas em si mesmas, mas numa eterna relação de conflito entre o que é real e ficcional.

A segunda dimensionalidade teórica quanto as suas características gerais, poderá representar-se nos seguintes termos: os lugares de onde se vem, enquanto teórico, ser psíquico ou migrante, fazem sempre parte da explicação sobre os lugares aonde se chega; os lugares, aonde se chega, que contêm sempre tanto dos lugares de onde se veio, alteram também a representação desse lugar. Da mesma maneira que para aquele que fica, o que parte não parte da sua psique, ocupando-a por vezes mais do que alguma vez a iria ocupar se nunca tivesse partido.

Começando ponto por ponto: o lugar de onde se vem, faz sempre parte da explicação dos lugares aonde se chega por causa dos deslocamentos, das projeções, e da subjetividade que vê a partir de uma identidade própria, mediada pelas referências culturais, sociais, objetais e ambientais. Algo que pelos piores motivos é muito patente nas narrativas pós colonialistas, que segundo Lévi-Strauss (1955) eram construídas exclusivamente a partir de um olhar que não procurava conhecer, mas sim comparar desigualmente culturas, através de categorias, nas quais a sociedade ocidental estaria híper desenvolvida e as outras culturas subdesenvolvidas; acabando assim por não fazer descobrir lugar nenhum (cultura), que não aquele de onde vinham. O que é válido também para um sem número de situações aonde não tem de estar envolvida uma migração, pois a própria noção de preconceito, implica esta lógica.

Os lugares, aonde se chega, que contêm sempre tanto dos lugares de onde se veio, alteram também a representação desse lugar. Contêm-no, porque muitas vezes a representação de algo novo, implica que outras representações sejam alteradas, nesse sentido, várias são as coisas que poderão acontecer, que levarão a significar de modo diferente algumas das características do lugar de onde se veio. Relacionado mais uma vez com as lógicas dos contrários, será de certo fácil de imaginar, que alguém que se encontre em plena guerra, representará, o estado anterior de coisas, o lugar de onde se veio, como sendo de paz, mesmo essa paz não existindo. Grinberg (1996) noutra registo, observa que necessidade de adaptação do migrante, pode forçar inconscientemente uma idealização do lugar aonde se chegou, causando numa proporção inversa um desvalor, sobre o lugar de onde se veio, alterando-o dessa forma.

Para aquele que fica, o que parte, não parte da sua psique, ocupando-a por vezes mais, do que alguma vez a iria ocupar se nunca tivesse partido. Naturalmente, que para esta explicação podemos pensar nos lutos, que transformam aquele que partiu, naquele de que a sua psique se ocupa e dá vida. Mas também, se usarmos a conceção de Winnicott (1972/1989) de que a presença do outro através da sua interiorização, no nosso mundo interno, só pode ser criada satisfatoriamente na sua ausência, dá-nos acesso a poder pensar uma quantidade enorme de coisas que são possíveis de descobrir e existir, precisamente quando estas deixam de lá estar.

A terceira dimensionalidade teórica terá a obra de Freud (1913/1969) “Totem e Tabu” como plano de fundo pela sua relevância para a criação da etnopsicanálise, uma vez que terá sido o primeiro trabalho dessa natureza, que permitiu dar ênfase à noção de homem universal, até certo ponto, independente da cultura, raça, e meio no qual está inscrito (Devereux, 1955).

Bettelheim (1954) por exemplo posicionava-se em relação este trabalho de forma constrangida, por observar, que a partir de algumas interpretações pré-concebidas em relação a uma série de rituais, baseadas na obra, não existia diálogo possível entre a antropologia e a psicanálise. E que os sentidos destes rituais eram mais ricos e diversificados inconscientemente, do que aquilo que a obra de Freud levava a crer.

Posto isto, de facto não é possível dizer que “Totem e Tabu” de Freud (1913/1969), através de alguns dos seus conteúdos explícitos e implícitos, não terá tido a capacidade de ter feito com que certos conteúdos culturais fossem reduzidos e empobrecidos. Mas é também uma obra que conteve, contém uma possibilidade de enriquecimento única, pois não distingue o homem “civilizado” do homem “primitivo” quanto ao conteúdo inconsciente do recalcado, o que muito embora aos dias de hoje seja parcialmente criticável, teve, tem o mérito, de juntar dois tipos de

sociedades que eram muitas vezes distinguidas pelos ocidentais de forma radical, como produtoras de indivíduos psíquicos completamente opostos e sem complementaridades possíveis; aonde de um lado, de forma reducionista se encontrariam as sociedades civilizadas, geradoras de homens civilizados, evoluídas, com limites e interposições ensinadas de forma “consciente” para contrariar os desejos e as tendências “animalescas” dos homens e, do outro as primitivas aonde esses desejos animais e instintivos, transversais ao género humano, proliferariam sem os preceitos de uma sociedade cultural e moralmente mais avançada.

Dessa maneira, o que Freud acaba por fazer é dizer que existem dimensões morais apreendidas de modo inconsciente que são universais e independentes da cultura, e que esta expressará essas dimensões morais invariavelmente, independentemente de a um nível manifesto não ser possível identificar as diferenças. Assim, Freud acaba também por possibilitar que o ocidente se pudesse ver espelhado e identificado no homem primitivo. E como numa perspectiva psicanalítica a identificação é a base da alteridade, seja através daquele que identifica algo em nós, que consideramos estar lá, mas sem ele não parecíamos capazes de reconhecer, seja através daquele que desejamos ser como, não ser como, ou aquele que desejamos ser com (transferência positiva), ou daquele que é interiorizado de forma obscura, no seio de uma relação intersubjetiva: tudo isto são factos psíquicos potenciadoras de uma alteridade, que tem na base um qualquer tipo de identificação.

Por fim, tentemos terminar de forma sucinta, deixando este capítulo do trabalho com a seguinte frase do grego Heródoto, por muitos considerado o Pai da história e da antropologia (Bonnard, 2007) *“Se fosse proposto a todos os homens fazer uma escolha entre as melhores leis que se observam nos diversos países, é manifesto que, após um exame meditado, cada um se determinaria pela da sua pátria; de tal maneira é verdade, que cada homem está convencido de que não há outra mais bela. É claro, pois, que só um insensato fará disto assunto de gracejos (349).* Frase essa que terá ressonância na obra de Devereux (1967a), para quem só é possível conhecer o outro e aceder à sua cultura através da contratransferência, assim como do desapego da própria cultura. O que é também verificável no antropólogo Levi Strauss (1955), ou até mesmo na obra de (Bion, 1962/1991) que toma como condição implícita de algumas transformações, a destruição/desconstrução dolorosa de algumas representações idealizadas de si e do outro.

2.2. MASCULINO A PARTIR DO FEMININO

Num primeiro momento iremos falar de noções que ajudam a explicar o humano e o seu sentimento identitário profundo a partir do materno, nos seus dois polos mais fundamentais, o da vida e o da morte.

Começemos então por (Klein, 1946/1988) que apresenta a Mãe na relação com o seu bebé, como aquela a partir de quem se poderá constituir a representação de um outro que não seja exclusivamente projeção do que não se pode tolerar em si mesmo; alguém que pelo amor, desejo de preservação que suscita, que é realizado após ter sido destruído ao nível da representação por uma psique que não entende a dor, a frustração (que é inevitável) sem ódio e ímpeto destrutivo, convoca a necessidade no bebé, assim que realiza o que “destruiu” de fazer um sacrifício narcísico, de deprimir ao realizar que tinha destruído o objeto materno e a partir daí, constitui-lo separado, ainda que num primeiro momento reflexo de danos causados por si, que por sua vez convidam à travessia da reparação do objeto exterior, que se for subjetivamente reparado irá ser interiorizado, reforçando dessa maneira uma alteridade sublimada, e sadiamente significada (Hornstein, 1990) . Em Mélanie Klein, o poder do materno é preponderante, mas definido numa ambiguidade radical e profundamente inquietante, invariavelmente ligado a experiências de dor, aniquiladoras da interioridade se continuamente evacuadas e transformadas em culpa exterior, ou possibilitadoras de um futuro, se elaboradas como culpa própria, que através da interiorização do objeto reparado, não deverá ser mais sentida.

Bergeret (1974) descreve a relação intersubjetiva com o materno como uma relação a ser ultrapassada, na medida em que não se pode ficar totalmente encerrado nela. Definindo as três estruturas psicóticas como estando eternamente encerradas nas dinâmicas com o materno precoce: a fusão inseparável através do aprisionamento intoxicante da esquizofrenia , a introjeção e destruição do objeto materno, que está para além da possível reparação e que leva ao melancólico a viver uma existência num mundo interior/exterior ruinoso, aonde se sente causador de todo mal, (Winnicott , 1990) e o aprisionamento do paranoico, num mundo repleto das suas projeções e a recusa particular da introjeção do objeto materno, que para sempre será amado com intenso ódio: são tudo expressões dos universos psíquicos que ficam estacionados nos sentidos das relações duais precoces. No fundo, para Bergeret (1974) aqueles para quem o materno é imensamente poderoso, são testemunhos da sua imperfeição, do seu defeito, pois são comumente as suas falhas, que atraem, que determinam a sua absoluta preponderância na organização psíquica, a impossibilidade de acesso a um terceiro. Muito embora, no paranoico

o materno seja recusado, é essa mesma recusa, que impossibilita a transição de uma organização psíquica para outra e é dessa maneira também que esse materno é mantido inalterado na constelação fantasmática da sua vida psíquica.

No Rorschach, as angústias e as inquietações ligadas ao materno, aparecem sobre a forma de olhos perturbadores de uma intimidade que ao não se conseguir separar de experiências infantis inomináveis, permanece vigiada através dos sentidos omnipresentes destas, vigiada pelo lugar absoluto do materno na psique. Dessa forma, o materno aparece simbolizado na forma de uma águia com garras que prendem, com olhos que tudo vêem, simbolizado pelas teias e os múltiplos olhos da aranha, pela viúva negra que é engolida pelos filhos e engole a experiência, o mundo ao ser engolida por eles.

Lacan, faz-nos mergulhar também na ideia de um materno alienante, possibilitador de uma experiência que ampare o bebê do desamparo em que este estaria se não o tivesse. Mas da mesma maneira que Lacan sublinha a dependência inicial desse outro que define como tesouro de significantes, também refere que este poderá levar o sujeito a estar encerrado no desejo e no esquema interpretativo do materno, e desse modo alienado de si mesmo (Hornstein, 1990). Para Lacan o papel do materno é descrito como incrivelmente poderoso, pelo que poderá restringir, pelo seu lado aprisionante e alienante; destacando de forma especialmente veemente a necessidade de separação e recusando, ao contrário das teorias das relações de objeto uma regressão do paciente analista que remeta para a maternagem (Hornstein, 1990).

Em Bion (1962/1991), assume-se uma posição mais ambígua, uma vez que este assume uma posição terapêutica de índole mais materna, a partir da teoria do continente-conteúdo, mas também a necessidade não permitir que todos os conteúdos, sejam contidos por este, de afirmar a singularidade e a independência psíquica. Bion (1962/1991) assume, de facto, a preponderância do outro na transformação da experiência, através da sua capacidade de conter, de significar e metabolizar o que não tem nome, o que é pura frustração, a pulsão de morte da identificação projetiva (Ogden, 1979). Dessa maneira, Bion assume a utilidade e as possibilidades transformadoras de uma transferência, contratransferência materno e bebê simbólicos. Mas mais uma vez, e também através de Bion podemos entender o papel invisível do materno, na sua capacidade de dar sentido à experiência, numa fase em que esta não pode ser comunicada pela via da palavra, e logo também não consegue ser interiorizada e constituída através dessa via.

Em *formas e transformações do narcisismo*, Kohut (1966) usa uma afirmação de Freud, para dar força a um conceito seu, acabando também por afirmar como o masculino, se pode explicar a partir do feminino “*um homem que foi o favorito indiscutível da sua Mãe mantém por toda a vida o sentimento de um conquistador, aquela confiança no sucesso, que amiúde induz o sucesso real*”(109). Kohut usa esta frase para falar de um conceito, que no caso específico de Freud estaria associado ao materno. Esse conceito dá pelo nome de Self narcísico; Self esse que entraria em vital conflito com ideal do ego (no rapaz, normalmente ligado ao masculino), uma vez que ambos se interpõem e dependem um do outro, para gerarem um sentido de self geral mais sadio.

Para dar ênfase à ligação e interdependência destes conceitos diferenciados, (Kohut, 1966) afirma numa metáfora, que o ideal do ego, seria o que levava o homem e o self narcísico aquilo que o empurrava. Correndo o risco de distorcer Kohut, creio que também poderíamos dizer, que o self narcísico é aquilo que enche no invisível os ideais do ego; pois é fácil de imaginar como um sentimento depressivo, que invade o sujeito, poderá fazer com que este, mesmo sendo representado pelo outro relevante como estando à altura dos seus próprios ideais, não consiga sentir-se próximo deles, e o contrário também é verdadeiro.

Naturalmente que a psique humana admite contradições, e um self grandioso, não tem de estar associado a um materno presente, podendo até com facilidade estar associado a um ausente. Mas se usarmos a concepção que (Winnicott, 1971/1989) tem acerca do sentimento de onipotência que o materno simbólico, prestador de cuidados primários gera no bebê pela sua capacidade de estar suficientemente atento e adequadamente disponível às necessidades que o seu infante não consegue naturalmente representar, fazendo dessa forma com que este sinta os seus desejos satisfeitos de forma mágica, uma vez que estes vêm ao seu encontro e não o contrário, podemos perceber o papel do materno, na criação de uma experiência interior de ser , independente da possibilidade de representar as origens desse sentido íntimo (Winnicott, 1990). Ou como diria Freud, o feminino é aquele que está remetido ao silêncio, mas é também “o umbigo do sonho”, faz parte de uma experiência fundamental, que está, no entanto, e novamente aquém de poder ser representada (Marques, 2002).

Ainda com Winnicott (1990), destacamos a importância que este dá, aquilo a que chama de elemento feminino puro, que se poderá traduzir na capacidade de o materno simbólico absoluto tornar possível o eu sou, que dá sentido ao eu faço que por sua vez se liga ao elemento masculino, ao paterno. Para Winnicott (1990), o elemento feminino faz emergir o gesto que cria a ilusão, o elemento masculino abre a experiência da ilusão. Por último, de referir que da mesma

maneira que (Safra, 2009) a partir de Winnicott, fala em elementos masculinos e femininos puros, para ele o materno não pode ser entendido isolado, uma vez que está inscrito numa cultura, numa dinâmica de casal que de forma indireta contem sempre o masculino, seja pela sua ausência ou pela qualidade da presença na relação com este.

No fundo e para concluir esta primeira parte do capítulo, podemos agora sim afirmar que tentamos expressar o papel preponderante do materno na psique humana, assim como a sua qualidade inacessível e inominável de uma forma que vai para além da censura do recalcado. materno que se assume como o Deus imanente da psique humana, Deus da morte e da vida, portador de uma quantidade de sentidos para aquele que dele teve dependente que transcendem esse materno em larga medida, transcendem a sua consciência manifesta e as suas intencionalidades ocultas; um materno criador da e criado pela subjetividade dos seus filhos. No entanto se o materno é Deus, o paterno numa linguagem de inspiração Freudiana é o rei da psique humana, o que instaura à lei, a ordem, o interdito e a castração. Nesta lógica, aonde não se pode pensar o paterno sem o materno, Cornut Janin (2000, cit. por Marques, 2002) afirma que por detrás das angústias legendadas por Freud através do masculino nos três casos de indivíduos masculinos que nos oferece a sua obra, está sempre um feminino ainda mais oculto. De forma análoga (Bettelheim, 1954), refere o alívio, a vivência não angustiada de alguns rituais castradores descritos como causadores de angústia de castração, com o desejo de separação do universo simbólico ligado à maternagem e de pertença a um novo grupo.

Seguindo esta última ordem de ideias em que o masculino é posto face a face com o feminino, tentemos prosseguir com uma perspetiva, um modo de olhar mais específico de como o masculino pode expressar o seu poder, a sua presença, através do não dito, do desdito, do que ele não consegue representar, do recalçamento e da recusa.

De acordo com Afonso, (2007), o indivíduo masculino, ao contrário do que defende a teoria freudiana, encontra-se numa situação mais exigente do ponto de vista psíquico, por ter de cortar com o materno mais radicalmente que o feminino para se poder identificar com indivíduo do seu género. Contudo, quando essa proximidade é danosa, muitas vezes depreciada e não é interposta por um paterno que possibilite movimentos de identificação, nem sempre é um masculino com elementos femininos que se destaca; é na verdade muitas vezes um masculino hiperbolizado que se manifesta através de defesas narcísicas fálicas, Ross (1986, cit. por Afonso 2007). Numa proposta mais abrangente, Ross (1986, cit. por Afonso) refere que a sexualidade adolescente no masculino, é tipicamente reivindicativa de uma identidade de género que por ainda estar indefinida, não separada do feminino, é fálica, autocentrada e receosa de se perder

na presença da mulher, e por isso alimenta uma clivagem da bissexualidade psíquica, numa fase em que os elementos femininos, são demasiados para não serem considerados perigosos.

Winnicott, (1990) reafirma a concepção de bissexualidade psíquica de ambos os sexos, de uma outra forma, referindo com relação a um caso seu, a possibilidade de um homem, a partir do desejo materno de que fosse uma mulher (causalidade essa, para a qual se inclina, mas não pôde confirmar inteiramente) conservasse em si uma identidade feminina pura, clivada e inalterada pela sua identidade masculina. Para dar um exemplo menos puro daquilo que tenta enunciar, usa Hamlet que depois da morte do Pai e consequente posição adotada pelo materno que não consegue simbolizar e o leva a odiar, se sente obscuramente motivado a tentar recusar os elementos femininos através da crueldade que de súbito e de forma aparentemente inusitada passa a dirigir a Ofélia. Para Winnicott, Hamlet está a tentar recusar, eliminar, os seus elementos femininos, cortar de forma mais concreta, com a relação que tinha com ele.

De uma forma análoga, podemos também referir Macbeth na dialética intersubjetiva que estabelece durante toda a narrativa com Lady Macbeth. De acordo com Hildebrand (2006), esses diálogos põem frente a frente um homem que expressa e procura dar sentido na relação com o feminino, o lado feminino da sua personalidade e que esbarra na tendência diametralmente oposta de Lady Macbeth, que tenta manipular a personagem para satisfazer os seus desejos fálicos, o seu desejo de ser masculina a partir do masculino. A restante narrativa reflete entre muitas coisas a destrutividade de uma oralidade incontida, não escutada, como quando Macbeth alucina e simboliza o suicídio psíquico, ao ver que a faca que irá usar para matar vorazmente o Rei que admira, está virada para si, ele o quando é perseguido por fantasmas de assassinato e desenvolve uma relação sádica com o feminino de Lady Macbeth, a quem foi dada simbolicamente a oportunidade de evitar a situação, o que posteriormente é representado pela sua culpabilidade inconsciente (Hildebrand, 2006). Em Macbeth podemos observar nitidamente toda a impotência psíquica da tirania oral com que governa, mas também o poder do feminino sobre o masculino na capacidade de o conter, mas também de estimular a sua perversão de modos que o transcendem, uma vez que os desejos de poder de Lady Macbeth, tinham um simbolismo fálico e os de Macbeth oral. É no seio da intersubjetividade de complementaridade descruzada, que a tragédia se dá: Lady Macbeth recusa ser o feminino que Macbeth procura para conter e transformar a sua voracidade desenfreada, e Macbeth entrega-se a essa voracidade, fazendo Lady Macbeth desaparecer e permanecer de pedra e cal como feminino infinitamente frustrante quando recusa entrar em diálogo intersubjetivo com ele ou qualquer outro, mas nomeadamente com ele, perdendo assim qualquer hipótese de se separar

e deixar alguém se interpor às lógicas orais téticas, que são consumidoras e destruidoras de si e do que o rodeia.

Desta maneira, creio que foram enunciadas uma pluralidade de formas de como o feminino é parte fundamental da identidade masculina, que também se cria a partir do feminino e o diz, deixando-o, no entanto, invisível e aquém de representação.

2.3. MASCULINO CABO VERDIANO

Para falar do masculino cabo-verdiano, iremos fazê-lo a partir de 5 prismas diferentes entrecruzando-os: o prisma da migração, para falar da configuração social muito particular da sociedade cabo-verdiana, dando especial ênfase ao masculino desse ethos da migração de que fala (Dias, 2006); o prisma do masculino simbólico representado através do ideal dos homens; e através do ideal do feminino e da sociedade; a forma como o masculino se representa a si, na relação com os seus ideias, e por fim, a forma como o feminino realmente o representa e age diante dele .

Miranda & Tavares (2016) referem que os nativos cabo-verdianos, com especial destaque para os de São Vicente, gozavam de uma condição especial quando comparada com as outras colónias portuguesas, pois Cabo Verde seria uma espécie de utopia e exemplo colonial, no qual os colonizados teriam um estatuto mais “próximo” do de cidadão português que os outros “indígenas” do restante império, assim como teriam níveis de escolaridade bem mais altos. Mas mesmo desde esse passado colonial, a identidade masculina cabo-verdiana, e a migração são duas noções inseparáveis. Segundo Dias (2006), em função das condições ambientais extremamente adversas à criação de riquezas vindas do solo, o paterno cabo-verdiano na qualidade daquele que deve proporcionar sustento, sempre se viu obrigado a partir em busca de melhores condições para si e para a sua família, deixando-a muitas vezes para trás para que ela se pudesse desenvolver longe da precariedade. Estas migrações no passado colonial tinham muitas vezes a perspectiva segura de que se iriam alcançar cargos mais altos, socialmente prestigiados, e de chefia, em relação aos outros povos colonizados (Dias, 2006). Dessa maneira o cabo-verdiano do século XX existiu muitas vezes como mestiço, ou seja como aquele que estava algures entre o colonizado e o colonizador (Miranda & Tavares, 2016) e a tendência da migração, pela busca de um *status* mais alto junto da sociedade cabo-verdiana, ainda se verifica nos dias de hoje, ainda que numa configuração muito diferente (Dias, 2006).

A migração cabo-verdiana está Também inscrita na comunidade masculina cabo-verdiana, não só como uma prática ligada à subsistência, mas também a um devir cultural; algo que se expressa também através da forma como são representados os que ficam na sua terra, descritos como tendo olhos fechados para o novo e para o que acontece no mundo que existe fora e não dentro das ilhas (Dias , 2006). Muito embora as ilhas de Cabo Verde sejam lugares em que se encontram expressões especialmente fortes da América, Europa e África (Ramos, 2009), e isso faça com que transmita o sentimento de que é um conjunto de ilhas que estão muito perto e muito longe de todos esses lugares, estas parecem ser principalmente um ponto de passagem para todas estas culturas, que na presença incompleta de todas elas, parecem aliciar os homens que lá nascem a sair dessas ilhas, que em si contêm inúmeras expressões de um vasto mundo a ligar-se ao seu passado e presente cultural, movendo-se para fora de Cabo Verde (Massart, 1989-2009).

Toda esta situação complexa e ambígua, deverá levar muitos dos homens a migrar por questões autocentradas, mesmo que a um nível manifesto não o expressem (Ferreira, 2016), o que tende a desafiar a ordem simbólica tradicional, na qual as migrações masculinas, simbolizadas pela família como sacrifícios necessários para a sua subsistência, e como condição implícita ao casamento, dão uma importância muito forte ao papel do paterno na sociedade, que mesmo ausente nessas condições, é tradicionalmente representado com um grande respeito e uma autoridade absoluta em relação à mulher; contudo é quando essa condição se deixa de verificar que essa representação do masculino tende a cair no seu oposto (Lobo, 2012).

Posto isto, se a ordem simbólica cabo-verdiana for preservada, o que se verifica é uma condição em que se assiste à coexistência de valores e práticas que apontam para a centralidade da posição ocupada pela mulher na organização familiar, ao mesmo tempo que em termos ideológicos, é o homem que se deve manter como o centro das tomadas de decisão, da autoridade e do respeito (Dias, 2006). Isto se a ordem simbólica for preservada. No entanto o que se observa na realidade cabo-verdiana atual, aferida por intermédio da literatura, por nós reunida, é uma progressiva queda do poder paterno, que vai sendo cada vez mais desimplicado, desrespeitado e desautorizado (Lobo, 2006). Nessa queda, assiste-se à ascensão do poder das mulheres, que muitas vezes ocupam todos os lugares de responsabilidade e poder no seio das famílias: seja o de migrante, que migra com o objetivo de sustentar a família, o de irmã, avó que cuida de forma primária dos filhos que são sustentados pelas Mães que migram (Fortes, 2013). Tudo coisas que implicam uma alteração da representação do paterno, em quem se continua a reconhecer traços da antiga ordem, como o autoritarismo, ou a necessidade de impor

respeito, mas com os quais segundo as mulheres, Mães e filhos não se pode contar, uma vez que os sentem como distantes, irresponsáveis e indiferentes aos mais variados temas familiares (Lobo , 2012).

Segundo Massart (1989-2009) o homem cabo-verdiano da cidade da Praia, move-se em função daquilo que ele denomina de masculino hegemónico, a forma mais desejada e honrada de ser um homem; e que essa forma se expressa através de uma ideologia, que retrata o masculino como conquistador de mulheres, um homem prestigiado, que providencia aos outros, que os protege e é merecedor de respeito; assim como um homem realizado, estável e sempre em movimento. No fundo, indivíduos que se representam como tendo um número enorme de direitos e deveres, assim como um ideal que tenta compatibilizar aquilo que parece ser manifestamente incompatível com a ideia de um masculino presente fisicamente, mas que é possível manter junto da família , de si e da sociedade através de uma migração, uma vez que certas características do seu Self, como o de conquistador de mulheres, à distancia, não trazem instabilidade às suas relações com o feminino e, portanto, com a família também.

De modo que o que Massart (1989-2009) observou ao longo do seu estudo longitudinal, é que esse ideal, para aqueles que acabam por ficar em Cabo Verde é impossível de concretizar, ou de ficar perto. O que se liga ao que observou acontecer na sociedade cabo-verdiana de 1989 a 2009, ao nível da interação feminino-masculino, onde o feminino foi progressivamente pondo mais em causa os Selves imaginários dos homens, adotando inclusive posturas semelhantes às deles e acusando-os consecutivamente de serem o oposto de tudo o que idealizam ser. O que o leva dizer que as diferenças de género ficaram mais obscuras. Acabando por afirmar também que muitas vezes este masculino hegemónico mantém-se, mas não pode ver-se refletido junto do feminino, ou da família, e que, portanto, tenta ser agido junto dos pares, através de um clima de competição e disputa desses atributos masculinos.

Massart (1989-2009) refere que estes homens têm uma vida social intensa, sempre num clima de competição, mesmo em relação aos próprios filhos quando entram na adolescência, e que algumas das características do seu Self idealizado são altamente compatíveis com uma maneira de ser, que pretende estar independente dos outros, sempre em movimento, ter várias mulheres, e procurar conhecimento e saber, mas que não o são com a ideia de estabilidade e controlo das situações. Daí que muitos deles refiram, de acordo com Massart (1989-2009), que ser homem é difícil e que a vida é uma luta constante, mesmo que sejam representados pelas mulheres como irresponsáveis, inúteis e desumanos (Fortes, 2013). A sua necessidade de estar sempre em movimento, de rejuvenescer, de competir, de impressionar, de adquirir mais conhecimento

e conquistar mulheres, ao mesmo tempo que se é (ou deseja ser) uma referência, leva-os a dizer que têm uma vida difícil e cansativa, mesmo que pareça ser inteiramente dedicada ao culto do eu. Nesse sentido Massart (1989-2009) refere que uma das condições necessárias para atingir o seu Self ideal, é a juventude e, mesmo em idades mais avançadas, procuram-na através de mulheres mais jovens, que reforçam a sua virilidade.

Focando-nos mais agora na forma como o feminino representa o paterno, o masculino: começemos então por dizer que a literatura observa uma situação geral que tende a descrever como paradoxal (Fortes, 2013). Por um lado, observa que o feminino protege muito o masculino, por outro, também é capaz de o atacar ferozmente, e até fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Na ilha da Boa Vista, por exemplo, os homens são conhecidos por serem sustentados pelas mulheres que migraram, o que não implica que substituam o papel da mulher enquanto provedor de cuidados, quando permanecem em Cabo Verde (Lobo, 2006). No entanto, a situação mais comum, que se observa em vários casos, segundo Fortes (2013), são as mulheres estabelecerem relações de enorme ambiguidade com o masculino: se por um lado a tendência é estas substituírem o masculino, num conjunto de funções, que antes lhes estavam destinadas, é notável a quantidade de mulheres cabo-verdianas que expressam uma série de interditos com relação à forma como se relacionam com os homens, e continuam a significar muitas das decisões que as levaram a procurar e perdoar as referências paternas, nas normas e pressões exercidas pela sociedade cabo-verdiana. O que nos leva a concluir que existe uma enorme diferença entre o que simbolicamente o feminino, e também o masculino, continua a esperar do masculino, e o que acontece na realidade, ou seja, a forma como o feminino tende a representar o masculino que interiorizou e conheceu intimamente, que em nada se liga ao ideal de um masculino hegemónico.

Fortes (2013) refere, que muito embora o poder do feminino e a relação difícil e conflituosa que com o masculino cabo-verdiano estabelece, a mulher ainda é património do masculino da sua cultura. Nesse sentido, Fortes (2013) observa que o corpo da mulher cabo-verdiana, ainda pertence simbolicamente ao homem cabo-verdiano, e que existem penalizações culturais, quanto à pertença e não pertença no grupo, para quem se envolve com um homem branco. Da mesma maneira, observa que mesmo apesar da tendência de as mulheres viverem profundamente ressentidas com o masculino, que descrevem de formas odiosas, estas são também incentivadas culturalmente a protegê-lo e a ligar-se a ele.

De forma semelhante, existem algumas mulheres que relatam experiências difíceis e um enorme ressentimento e até raiva em relação ao masculino, mas que também encontram formas de o

perdoar e compreender, que num registo ocidental são inaceitáveis (Fortes, 2013). Fortes (2013) descreve também a pressão social que sentiram para dar um lugar ao masculino paterno no decorrer das suas vidas; assim como a facilidade com que sentem que são representadas socialmente, como não sendo portadoras de estatutos sociais reservados ao masculino simbólico e tradicional, que na verdade ocupavam/ocupam. Nesse sentido, Fortes (2013) fala de uma mulher que a partir do seu trabalho sustentava a casa, mas que a sociedade insistia em representar o seu homem, como quem o fazia, muito embora o acusasse de gastar tudo entre si e os amigos. Fala também de outra que afirma ter suportado inúmeros problemas com o masculino, mas que insistia em fazer um enorme esforço para mantê-lo, por ter interiorizado através da sociedade cabo-verdiana, “*que uma casa sem um homem é um barco à deriva (143)*”

Por último, dizer que embora a migração e aquilo que descreve seja uma realidade inerente a todas as ilhas de Cabo Verde e que está na base de muitas famílias com configurações muito distantes daquelas que através do nosso viés cultural apelidamos de normais, assim como de uma tendência que nos pareceu global, de um masculino distante nas mais diversas áreas; a nossa exploração teórica, tem o defeito de não conseguir delimitar de forma fina, as diferenças que deverão existir entre todas as ilhas, quanto às realidades que lá se observam. Sendo também, que pelo uso generalizado que fizemos de estudos qualitativos com amostras muito diversas, para aferir as representações do masculino e feminino, muitas configurações familiares e representacionais, ficaram de parte. Até podemos, por exemplo, uma vez que os estudos de abordagem qualitativa, requerem quase sempre um envolvimento pessoal considerável de quem participa (Hollway & Jefferson, 2000), pôr a hipótese de que aqueles que se sentem impelidos a falar, sejam aqueles que sentem ter motivos para se queixar; de modo que as descrições aqui encontradas, podem apenas ambicionar uma aproximação àquilo que na sociedade cabo-verdiana provavelmente se destaca como comum e não mais do que isso.

3. OBJETIVO DE ESTUDO

O objetivo do estudo, é o de procurar compreender o universo representacional do masculino cabo-verdiano, numa fase já adulta, e aonde portanto é expectável uma estabilidade (mesmo podendo ser instável) de uma série de aspetos fundamentais das noções psicanalíticas sobre a identidade, para que então possamos compreender mais ricamente a construção, as origens, os processos acabados e inacabados da sua identidade particular, fundada, recorrentemente, quanto ao fundamental, no seio das relações intersubjetivas com as pessoas próximas, que, numa lógica etnopsicanalítica terão sempre ligadas intimamente à cultura, nos seus aspetos singulares, mas sempre relacionáveis, ao sujeito psíquico universal.

De referir também que os estudos feitos a partir do método FANI, nos levam a manter uma postura aberta, que não antecipa aquilo que vamos encontrar. Um dos aspetos fundamentais que levou a à exploração deste tema, não pode ser por nós estruturado, uma vez que surgiu de uma curiosidade pura, que espera mais poder tropeçar naquilo que lhe interessa, do que ir ao seu encontro.

4. MÉTODO

4.1. TIPO DE ESTUDO

O tipo de estudo foi escolhido, de modo a que fosse possível conciliar o método de investigação com as características do objeto de estudo da clínica psicanalítica. Ele inscreve-se naturalmente nos procedimentos das metodologias qualitativas e é um estudo de caso. De acordo com Pendenelli & Fernandez (2008) é mais fácil definir claramente o que não é um estudo de caso, do que aquilo que é um estudo de caso, pois considera mais simples distingui-lo dos seus opostos radicais.

Pendenelli & Fernandez (2008) afirmam que aquilo que interessa a um estudo de caso, não são as semelhanças que as metodologias que fazem uso da estatística procuram. Nesta ótica, o simples facto de um individuo ter um estrato social, uma pressão no trabalho, e uma etnia semelhante a um outro, não o define em nada quanto aquilo que um estudo de caso procura saber. O estudo de caso dá ênfase às diferenças suportadas naquilo que para este é inalienável do ser humano, a sua subjetividade. De modo que a questão central que sempre se coloca, e a qual não é fácil de responder, é a de como se vai do particular para o geral.

De acordo com Yin (2003), para se investigar um fenómeno específico, que se explica pelo o acesso à subjetividade dos sujeitos, é necessária a adoção de uma estratégia de investigação mais ampla que permita explorar os fenómenos inseridos num contexto de vida real, com pouco controlo do investigador sobre os eventos. Dessa forma, podemos concluir, que muito embora o método tenha sido escolhido de modo a que pudesse conciliar a teoria psicanalítica, com a forma de condução da entrevista assim como dos dados obtidos, foi escolhido também de modo a que se pudesse afastar desta, precisamente por esta ser obtida, maioritariamente de contextos clínicos, potenciadores de uma subjetividade própria e nos quais nem todo o tipo de sujeitos com patologias, ou não, se podem encontrar, o que impossibilita ou não dá ênfase a um certo tipo de questões (Marques, 2002), que neste estudo se irá tentar debruçar sobre, nomeadamente o binómio cultura-sujeito psíquico e sujeito psíquico-cultura.

4.2. INSTRUMENTO

As investigações feitas pelo método da Entrevista narrativa em associação livre, inspiram-se maioritariamente no paradigma psicanalítico, e portanto, num paradigma que crê que o homem não habita racionalmente o sentido de tudo aquilo que diz, e que naturalmente vai movendo,

recusando e alterando a representação das suas experiências, a partir de estratégias psíquicas e dinâmicas intersubjetivas, que numa grande percentagem dos casos, são em algum momento passíveis de ser formuladas pelos sujeitos, aonde se dão estes fenómenos (Hollway & Jefferson, 2000).

“Doing Qualitative Research Differently” Fazer investigação qualitativa diferente, é o nome do livro que tenta sustentar a mais valia de se fazer investigação pela FANI, e como o próprio nome do livro indica, não se trata de assumidamente fazer investigação qualitativa melhor, ou mais evoluída, mas sim o de fazer investigação que se proponha a fazer algo diferente, perante os problemas identificados noutros métodos qualitativos. Assumindo também dessa forma, outros problemas e riscos que esses métodos não têm à partida, com o fim de produzir investigação válida, que preencha algumas das lacunas identificadas nessas outras investigações qualitativas. Um dos pontos essenciais referidos por Hollway & Jefferson (2000) que deram origem à necessidade de fazer investigação diferente, prendia-se com o desfasamento grande, entre o que alguns dos clínicos encontravam nos seus consultórios e a investigação produzida que não conseguia expressar a complexidade das lógicas de funcionamento e dos fenómenos que costumavam encontrar nas vidas interiores dos seus pacientes.

Outra das questões que o livro coloca, e que de acordo com este só pode ser ultrapassada através de um método que dê primazia à interpretação e à reflexividade como modo de produzir conhecimento válido, liga-se à facilidade com que mesmo o indivíduo comum é capaz de identificar inconsistências e contradições incompatíveis com a ideia de que o homem é um animal racional, capaz de legendar inteiramente os motivos dos seus comportamentos e sentimentos, algo que torna naturalmente o sujeito do discurso não inteiramente fiável para falar diretamente da sua experiência, e que faz daquele que o interpreta o único disponível para poder unir algumas dessas contradições, de forma a que estas se possam explicar uma à outra e não se descredibilizarem mutuamente, como seria espetável, se só pudéssemos considerar como válidos, os relatos que seríamos capazes de qualificar como racionais (Hollway & Jefferson, 2000). Num quadro teórico psicanalítico, mesmo que alguém diga sem o saber, qualquer coisa que não se verifica como verdadeira ou real para quem ouve, existe sempre a verdade do porquê da mentira, da distorção, da contradição, mesmo que não seja fácil e ao limite, inteiramente possível decifrá-la; a distorção pode e muitas vezes é mais reveladora da identidade e especificidade do sujeito, do que a sua capacidade de descrever fiável e objetivamente, as coisas que observa (Marques, 1999).

Quanto ao método pelo qual se dirigem as entrevistas, a abordagem recomenda perguntas abertas, que tendam a não partir de pressupostos demasiado limitativos quanto as possibilidades de resposta, e que permitam ao sujeito criar a sua própria narrativa das coisas, enquanto livre associa ideias, sem ter a impressão de que existem boas respostas e más respostas, coisas uteis e inúteis. Segundo Mishler (1986, cit por hollway, 2000) os métodos pergunta-resposta, têm tendência a suprimir as histórias dos entrevistados. E é isso que Hollway & Jefferson (2000) demonstram em dado momento, dando-nos acesso a vários excertos de entrevista, baseados num *know how* teórico que tenta antecipar aquilo de que já está à espera de ouvir; o que acaba por resultar em silêncios, respostas curtas e pobres. Dessa forma, a conclusão a retirar é: quando desrespeitamos as particularidades dos outros e apenas o queremos encaixar em categorias redutoras do saber, ele apresenta-se a nós reduzido e profundamente incompleto, deixando-nos apenas saber o que já sabemos.

Este método tem uma epistemologia que parte do pressuposto base, de que cada ser humano guarda em si uma singularidade e uma individualidade que não possibilita podermos anteciparmo-nos quanto aquilo que se poderá encontrar (Marques, 1999). Muito resumidamente, nestas entrevistas tenta-se não interferir nos modos particulares que as pessoas encontram para contar a história daquilo que lhes é pedido, sendo a função do entrevistador introduzir perguntas que se possam conter no que já foi dito, não introduzindo termos novos, o que não implica que não hajam ideias pré-concebidas, e as perguntas não remetam para uma agenda teórica e subjetiva própria, capaz de afetar de forma determinante a investigação (Hollway & Jefferson, 2000).

Existem também uma série de fatores que podem afetar o resultado da entrevista, que nada têm a ver com a performance, a disponibilidade e o quadro teórico do entrevistador; questões como o aspeto físico, o género, a cor de pele e o aparente *status* social, podem determinar posturas por parte dos entrevistados que estes não teriam, se algumas destas condições não se verificassem. Da mesma maneira, o entrevistador não se pode considerar como uma força neutra, acima de certos preconceitos que ele próprio não pode expressar (Hollway & Jefferson, 2000). Já para não falar dos aspetos, transferenciais e contra-transferenciais, que poderão ter na base deslocamentos e projeções inspirados em questões mais profundas, ou pelo menos bem mais difíceis de identificar.

4.3. PARTICIPANTES

Os participantes deste estudo são dois adultos originários de Cabo Verde, da ilha de São Vicente, com os nomes inventados, Atlas e Sigmundo. Atlas tem 31 anos e instalou-se definitivamente em Portugal durante a adolescência, para viver numa família quase só composta por mulheres, até fazer 17 anos, altura em que decidiu viver sem a família. Sigmundo de 32 anos, passou toda a adolescência e o início da fase adulta em Cabo Verde, até se mudar para Portugal aos 22 anos, num primeiro momento para viver com o Pai no Cacém, mas depressa se mudou para Lisboa aonde reside até aos dias de hoje.

Ambos os participantes foram avisados sobre o tema do estudo, assim como de forma aproximada, qual o quadro teórico no qual estava inscrito, da importância da sua colaboração e o fim académico dos seus testemunhos. A transcrição das suas entrevistas pode ser encontrada em Anexo. Atlas encontra-se no anexo A e Sigmundo no anexo B.

4.4. PROCEDIMENTO DA RECOLHA DE DADOS

Para a recolha da amostra, tivemos o único requisito de encontrar homens adultos que se representassem como inscritos numa cultura cabo-verdiana. Os contactos foram fornecidos por uma estudante do seminário que era conhecida de ambos os sujeitos da amostra.

As entrevistas foram agendadas com os participantes e realizadas em locais escolhidos por estes, nos quais se sentissem confortáveis. Os dois entrevistados colaboraram de livre vontade tendo sido esclarecida a finalidade académica da entrevista. No caso específico de R, a entrevista foi precedida de uma conversa, que teve a intenção de familiarizar mais profundamente aquilo que era suposto acontecer; conversa na qual foi introduzida a pergunta que definimos no contexto de seminário, *“como te representas enquanto homem, sabendo tu que pertences a uma cultura cabo-verdiana”*. Com AR fizemos a entrevista, sem esta estar precedida de uma grande conversa e como tal, introduzimos a pergunta fundamental, no contexto da entrevista.

Relativamente à pergunta, ela foi entendida com uma pergunta difícil de se posicionar perante, uma vez que a condição de género está normalmente definida antes do nascimento, e, portanto, não permite aos entrevistados organizar um antes e um depois, como a maioria dos temas estudados neste seminário, ou descritos por (Hollway & Jefferson, 2000) permitiram; mas que ainda assim consideramos adequada.

4.5. PROCEDIMENTO DA ANÁLISE DE DADOS

Tendo em conta que a reflexividade e a interpretação subjetiva da narrativa e da palavra do objeto de estudo são inevitáveis e implícitas ao instrumento que está a ser usado, assim como a impossibilidade de até certo ponto, saber os motivos e as influências que estão na base do que é percebido como estando no material, através da autoanálise; considerou-se fundamental analisar as entrevistas num primeiro momento em contexto de grupo, para que esta subjectivização do entrevistador em relação ao entrevistado pudesse ser espelhada, assim como auxiliada pelas contribuições também elas subjetivas do grupo, em relação ao qual e com o qual é aconselhável construir posições consensuais e partilháveis em relação ao material obtido (Hollway & Jefferson, 2000).

Dessa maneira, após a recolha das narrativas, procedeu-se a análise grupal, de onde se retiraram alguns dos aspetos fundamentais do discurso dos entrevistados, que por sua vez inspiraram as pesquisas que foram consideradas relevantes, para criar o enquadramento teórico; pois foi através da análise das narrativas que se tornou fundamental destacar o masculino, a partir do feminino numa conceção psicanalítica mais pura, e o masculino cabo-verdiano, fazendo sempre a sua ligação com o feminino; uma vez que o masculino e o feminino foram considerados inseparáveis conceptualmente um do outro, logo numa primeira análise das entrevistas; assim como certos aspetos culturais.

Numa terceira fase, foram retirados e analisados os temas que considerámos mais relevantes para entender a identidade de género dos participantes; e que acabaram por ser iguais: *1) representação do masculino, do feminino e do casal 2) identidade 3) fuga ao feminino.*

Num último momento iniciou-se uma análise conjunta das entrevistas, que procurasse e pudesse perceber de que forma é que estas se relacionam entre si, que sentidos distintos teriam aquilo que se assemelhava, o que de uma entrevista poderia explicar o que se encontra na outra; quais as invariantes dos dois discursos.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS NARRATIVAS

5.1. ANÁLISE DA NARRATIVA DE ATLAS

Depois de uma conversa com o entrevistado, na qual introduzi a pergunta *“como é que te representas enquanto homem, sabendo tu, que pertences a uma cultura cabo-verdiana”* e, em que tentei clarificar, na medida do possível, aquilo que era pretendido para a entrevista, iniciei a gravação com a seguinte sugestão *“então pronto, fala-me lá da tua experiência”* pergunta à qual Atlas responde: *“Começamos por onde?...”*. Para largos segundos depois, começa: *“dia 19 de setembro de 1998 foi o dia em que cheguei a Portugal...”*.

Face à pergunta *“então pelo que percebi, foste crescendo sozinho, ou como o único homem da casa, nesses momentos?”*, R responde falando do feminino como se este engolisse o seu oposto e complementar *“Não que me sentisse muito, não é? as famílias cabo-verdianas não são propriamente muito patriarcas (risos de parte a parte) normalmente a mulher é que tem mais, como é que se diz, o controlo, a figura central da casa”*, e ainda no mesmo parágrafo *“apesar de também ter uma perspetiva masculina, fui tendo sempre mais uma perspetiva feminina, porque vi a luta, o sofrimento (...)vi o esforço todo que a minha Mãe e as minha irmãs foram fazendo e eu pronto, era estudante e elas é que trabalhavam, elas é que faziam tudo”*, como se dissesse que por causa da ausência do masculino, o feminino ganhou mais força, mas ao dizer que *“era estudante e elas é que trabalhavam, elas é que faziam tudo”* também introduz em nós a sensação de que estaria e se sentiria um pouco à parte.

Face à pergunta *“E o teu Pai qual é a tua história com ele?”* R começa por dizer que *“por acaso até tenho alguma história com ele, apesar de tudo”* e de seguida fala de uma época da sua vida em que o seu Pai estava com ele, não estando *“vivi muitos anos com ele (lá em Cabo Verde?) sim em Cabo Verde, mas ele também é assim, uma pessoa muito distante, vive a vida dele tanto que eu enquanto adolescente a viver com ele em Cabo Verde, nós não vivíamos juntos, eu vivia numa casa, que era minha e da minha Mãe e da minha família e ele supostamente vivia lá também, mas não(risos) ;ele estava sempre fora, porque tinha outra mulher, deitava-se fora da minha Mãe, tinha outra mulher, então passava mais tempo com ela”*. Atlas aqui fala de uns Pais que quanto à realidade exterior já estavam separados, mas que no seu discurso aparecem juntos. Falando Também desse período da seguinte maneira *“portanto foi uma experiência, uma adolescência pelo menos na parte em que eu estive em Cabo Verde de 2008 a 2003(2001 a 2003) muito mais solitária; em que fazer-me homem foi uma coisa, foi como é que se diz, foi um esforço solitário, não foi (sim, sim), em que não encontrei nenhuma referência, porque eu*

não achava que ele fosse uma referência, percebes? foi (sim, sim), em que não encontrei nenhuma referência, porque eu não achava que ele fosse uma referência, percebes?” Aqui Atlas começa por falar em ausência de referências, mas momentos depois, como que volta atrás e fala da parte do seu Pai que ele admira e com a qual de certo modo se identifica. *“Apesar de o admirar como pessoa e de ser um homem inteligente que me influenciou muito e e... ele adora línguas, eu também adoro línguas então ele deu-me essas bases todas, essa curiosidade toda, tipo para o mundo e para tudo, mas nunca o achei como uma referência masculina e que nunca achasse que aquele homem é o que eu quero ser, olha se calhar na infância talvez tenha tido essa percepção, mas na adolescência não.”* Aqui, Atlas acaba por descrever como o seu Pai foi sendo desconstruído, consoante as fases do seu desenvolvimento psicofísico.

Após uma pergunta na qual Atlas é convidado a pôr em relação as circunstâncias da sua ligação ao paterno com a situação geral da paternidade cabo-verdiana, encontra ligações e refere a ausência do paterno como um lugar comum em Cabo Verde, o que também dá algum destaque ao: *“apesar de tudo, até tive uma história com ele”* ; *“é um padrão que eu já identifiquei há muitos anos, mesmo, mesmo dos tempos da adolescência, porque eu via pá, entretanto, falando dos amigos com quem eu cresci, ahh, se eu te dizer que são aí um grupo de 20 ou 30 pessoas, amigos mesmo, próximos, ahm, 4 ou 5 tinham Pais presentes, não havia muitos. Uns viviam no estrangeiro, outros já se tinham separado da família da mulher, já tinham outras famílias, outros nem sequer existiam, ou nem sabiam quem eram os Pais”* e logo de seguida aborda uma contradição importante, que voltará a aparecer de forma mais detalhada noutra momento da entrevista *“a masculinidade não é... É um bocadinho sobrevalorizada, a ideia de que um homem é que é o centro de tudo, mas no fundo não é, porque ele é homem sozinho, um lobo solitário, mas uma família, não é propriamente uma coisa que se vê assim muito, muito(eehm).”* Excerto este que inspirou a seguinte pergunta, *“mas e como é que tu sentes isso em ti”* que por sua vez teve uma ressonância considerável *“É, é, eu acho que é um, eu acho que todo o meu caminho da adolescência até a idade adulta foi um bocadinho a querer fugir a isso sabes(sim), não quer dizer que eu vá ser melhor enquanto Pai de família, enquanto marido, ou não sei o quê, mas como eu não tenho a certeza de que vou conseguir ser aquilo que eu idealizo como deve ser um chefe de família, um Pai e tudo, então sempre fugi, eu nunca quis ter esse tipo de compromissos sabes(ok, ok..) houve uma altura em que até achei que sim(sim), pensava sim quero ser Pai, quero ser marido, quero... mas sempre que tive assim relações, em que realmente poderia ter seguido por esse caminho, sabotava-me a mim mesmo sabes?)”* Aqui, dá-nos entender que o paterno cabo-verdiano, é mais do que uma referência; ele também se inscreve nele, de uma

forma inquietante. Sendo que desse excerto, podemos pensar que Atlas é levado pela sua mente a compensar-se com outra faceta de si; que marca possivelmente uma transição na qual se terá conseguido distanciar do paterno cabo-verdiano, referência/não referência, ora vejamos: *“a minha ideia como homem, pronto, chegar a Portugal, viver aqui, pá a adolescência foi um bocado complicada, não, não consegui encontrar o meu lugar, mas também vivia num bairro muito pequeno, na pontinha, um bairro tipicamente português. No fundo, acabei por me adaptar, tenho montes de amigos que também cresceram ali, fui aceite, fui bem aceite, no início não tanto, mas para o final sim, pá toda a gente me conhecia, chegava o natal, convidavam-me todos para a casa deles”* sendo, que não deixa de ser curioso que este sentido de se estar a adaptar, coincida, quer me parecer, com uma inadaptação à escola: *“adaptei-me muito bem, cheguei à escola, tive algum sucesso no início e depois as coisas começaram a mudar para o lado, não é? No começo da adolescência, a rebeldia; o não gostar muito figuras de autoridade, nunca tive paciência para me dizerem, nunca deixei que me dissessem como viver a vida, ou... (sim, sim).”* Aqui Atlas fala desse processo de distanciação, quase fuga da autoridade, das referências muito difíceis de simbolizar ou de dar sentido que teve; algo que em parte, creio ser descrito, como uma vitória sobre si mesmo(pessoal).

No seguimento desta conversa; pergunto *“E a tua Mãe para ti, ela é uma figura de autoridade?”* e a resposta *“É, é, até hoje, tanto que nos damos muito bem, mas à distância(...)então tudo o que ela me disse eu tentei sempre fazer o contrário, eu tenho muito essa particularidade, que é quando me tentam impor alguma coisa, eu fujo sempre e faço exatamente o contrário”*. R começa então a falar da pressão que foi feita sobre ele quando era jovem e dos efeitos contraditórios que esta terá tido *“de não me prender com as regras e com as expectativas dela, não é(...) Eu cresci, epá hmma gdg, epá eu cresci num mundo, em que tanto o meu Pai, como a minha Mãe me consideravam; era considerado como uma pessoa que tinha uma inteligência acima da média(...)então toda a gente tinha muitas expectativas e muita pressão, de eu ia fazer isto e que eu ia ser aquilo e que tinha de fazer isto e que eu tinha ser aquilo e isso de certa forma pôs tanta pressão em mim... quer dizer acho, acho neste momento que isso pôs tanta pressão em mim, ... hmm que, que eu acabei por me rebe, rebe hamm, rebeliar contra isso, e não quis ser nada daquilo”*

Não muito depois, Atlas fala destas expectativas, mas mais como algo que o perseguia, do que como algo com que se conseguisse identificar com *“é, porque acabas por absorver isso deles e tornam-se tuas não é, como tu disseste, tornam-se tuas não é, e mas e no final nem tu próprio sabes se aquela verdade, é mesmo o que tu queres, ou que tu realmente queres ser ou que*

realmente queres fazer” e volta a falar da necessidade de se libertar dos limites que os outros lhe impõem, voltando a falar dessa fuga, como uma vitória pessoal, apesar de nem tudo ter corrido como seria desejável “rebeldia, sai de casa da minha Mãe, e comecei a viver sozinho aos 17; a trabalhar, era vendedor na altura, e nunca mais olhei para trás, e a vida que eu tenho, pode ser que não seja a vida que eu idealizava, com certeza, mas... pelo menos, não, não, não tenho barreiras, não tenho limites impostos por ninguém. Acho eu, é a única coisa que me contenta(risos), a não ser os meus, percebes? Reconhecendo, no entanto, limites próprios: sobre os quais discursa, “acabas sempre por ter; tens sempre uma ideia de, de, do que é ser, um tipo de pessoa que tu queres ser não é,(sim, sim) apesar das coisas não correrem da maneira como tu imaginas, mas tens uma ideia do que achas que deverias ser como pessoa, das tuas capacidades, das tuas limitações”, falando também dos momentos em que se afasta, e se aproxima os seus ideais, ou quando ao refletir, repara que passou de ser uma coisa, para ser outra.

Neste momento da entrevista, destaco o seguinte aspeto do seu discurso. *“porque tu falas dessa noção, que não queres que os outros me imponham limites, mas tu próprio, tens os teus limites”.* Atlas a partir disso fala da sua tendência à introspeção, assim como do sentido crítico que tem sobre si próprio, num modo ambíguo *“é uma introspeção que eu faço; que não faço tantas vezes como devia se calhar, ou então se calhar, as vezes faço demais(risos). Mas é, sempre, olhar, epá, teres um olhar crítico sobre ti mesmo, sabes, claro que não é só sobre a vida. O que é que estás a fazer, pá, para onde é que estás a caminhar, como é que vai, que tipo de pessoa é que te estás a tornar? Onde é que, que, em que ponto da tua vida, é que perdeste certos sonhos e começaste a ter outros? E a partir daqui, faz referência a uma conversa sobre a carreira dos futebolistas, que tivemos antes da entrevista; na qual dizia que teria jogado futebol no sporting, quando era novo, e que até era bom e gostava, mas que não prosseguiu, por isso, o forçar a ter uma vida demasiado estruturada e atarefada, algo que não o seduzia “e epá, nunca gostei muito de estruturas, por exemplo ir aos treinos, tinhas dois treinos por dia(...) eu chegava às últimas aulas, tipo às aulas das cinco, seis da tarde e adormecia, era mesmo cansativo.”*

Perante esta realidade, pergunto *“Como é que era o papel da tua Mãe, como é que ela geria essa vida tão atarefada?” e Atlas volta a vincar o seu individualismo no momento de tomar decisões, assim como o descrédito que atribui a quem lhe se impõe com opiniões “Porque antes demais, eu também não sou esse tipo de pessoa que dou muito espaço para que as pessoas argumentem muito. Se eu quero realmente fazer alguma coisa, não há ninguém que vai dizer*

que não, ou se eu não quero realmente fazer alguma coisa, também não há ninguém que me faça(risos) e acho, também que ela desistiu dessa batalha há muito tempo”

Nesse momento, volto atrás e sugiro que fale sobre a irmã que já tinha referido. Destacando-se as seguintes passagens em relação ao tema: *“mas se eu vejo aquela minha irmã triste, parece que o meu mundo acabou... percebes tipo. É porque ela não merece. Que ela nunca, ela nunca... ela é uma pessoa que tem 41 anos, eu tenho 31 e eu não consigo apontar nela uma coisa que eu não gosto (risos meus), então é mesmo... o único defeito que ela tem é mimar muito”* e *“ela é super amorosa, ela tem um filho, agora, que é o Tiago, um miúdo mesmo traquinas e eu vou lá de vez em quando e ele está a fazer asneiras e eu ralho com ela ou com ele e ele começa a fazer aquela cara triste e se ele fica triste, ela também fica triste, ele fica com uma lágrima no olho e ela fica com uma lágrima no olho e aí digo, estás a mimá-lo muito, não faças isso(risos), mas eu não consigo Atlas, eu não consigo . Não consegue mesmo, não consegue ter aquela disciplina, aquela rigidez, que os Pais normalmente tendem a impor aos filhos (...) Mas depois ela também exagera, porque depois ela mima tanto, que depois também tem de haver um certo limite, não é?”.* Aqui fica patente o quão acarinhada a sua irmã é, sendo até caso para dizer que não há nada que ele não goste nela e que ela se antagoniza em muitos aspetos à sua Mãe, com quem ele mais choca ; mas isso não o impede de guardar nele um sentido crítico para com a facilidade com que o amor incondicional, se pode transformar num mimo excessivo e por isso nocivo (esta crítica, liga-se intimamente a uma das críticas que irá fazer à dinâmica entre feminino e masculino cabo-verdiano).

Ao descrever o papel da sua irmã, na sua vida, começa-se a falar indiretamente naquilo que legendei como o feminino desdobrado, que apareceria na sua vida por causa deste contraste entre a sua Mãe e a sua irmã, mas também por causa do que observava na sociedade cabo-verdiana. Atlas refere quanto à sua Mãe e irmã : *“e pá, a minha Mãe foi tendo filhos e ela sempre cuidou dos filhos (...) ela sempre foi...de certa forma, eu acho que ela nunca sequer chegou a ser criança, sabes?”*, *“A minha Mãe é mais o, a figura paterna da família entre aspas e a Perséfone é mais minha Mãe”*, *“Portanto ela sempre foi Mãe, minha Mãe ia sair para ir trabalhar e ela é que ficava connosco, ela é que cozinhava, ela é que lavava, ela é que(sim, sim, nice) pois ela é o que eu te digo, ela é assim, ela é aquela figura que eu sim considero, minha Mãe. Mas depois ela também exagera, porque depois ela mima tanto, que depois também tem de haver um certo limite, não é?* E após ser sinalizado esse feminino desdobrado, de que fala, começa a acrescentar-lhe coisas *“sim porque as avós, isso acontece muito em Cabo Verde, muitas vezes as avós, são mais Mães do que as próprias Mães. Porque imagina, as Mães vão*

trabalhar, vão à procura da vida, não é, e quem fica com as crianças, geralmente são as avós, ou as irmãs, ou as tias”. usando estas descrições para levantar aquilo que ele identifica como uma máscara da sociedade Cabo-verdiana “sociedades também não serem tão patriarcais quanto isso. São patriarcais na ideia, mas na prática não são, porque o centro de tudo sempre foi a mulher.”. Após a seguinte pergunta: “Mas tu sentes isso, que a sociedade é patriarcal na ideia?”, responde categoricamente “É, é, porque os homens é que mandam, os homens... mandam (tosse teatral) entre aspas; os homens é que controlam, mas não, na verdade não é, não é, porque no fundo ham ... Se tiveres esta conversa com qualquer outra pessoa de Cabo Verde, ela vai te dizer a mesma coisa; tu podes dizer qualquer coisa sobre o Pai de uma pessoa de Cabo Verde, nunca podes dizer nada sobre a Mãe(sim), a Mãe é intocável sabes(sim, sim)é que é mesmo intocável(risos meus), é que não podes, é que normalmente é mesmo, é um assunto tabu”.

Após um pedido de clarificação “*Sim, mas tu tens isso em relação à tua irmã, não é?*” adensa-se mais a descrever o espaço que a sua Mãe ocupa na sua mente “*Depois também não têm tempo para ser Mães. Isso aconteceu muito com a minha Mãe (sim, sim). A minha Mãe tem 6 filhos, com 6 filhos, ela acabou por ter de se desdobrar. Eu ainda me lembro, quando eu cheguei a Portugal, a minha Mãe ainda trabalhava todos os dias, não tinha folgas. Tinha um trabalho durante a semana, mas no fim de semana, ia trabalhar a outro sítio (...) Eu hoje em dia vejo as coisas de uma maneira um pouco diferente, mas na altura, não vi como isso, mas hoje em dia. Não era tua Mãe quanto isso, porque também não podia(sim, sim) é pá, porque também depois de uma pessoa trabalhar 12, 13, ou 14 horas por dia, não digo trabalhar, mas estar fora de casa 13 ou 14 horas por dia, como é que depois vais conseguir chegar a casa e também ter o mesmo nível de paciência e de ouvi(...) só, quando tu és criança ou adolescente, tu não consegues ver isso, e achas que aquilo é obrigação, porque tu, tu tens... tiveste filhos e eu já pensei assim. Tu é que escolheste ter filhos, e são a tua obrigação, mas não é só obrigação, também é escolha (...) Às vezes fico aqui a perguntar como é que ela aguentou; durante anos, não teve férias, não teve nada. Primeira vez que foi passar férias a Cabo Verde; eu sei lá, foi já uns 10 anos depois de eu estar cá, não, 8 para aí. É uma vida complicada, mas ela conseguiu, à custa de muito esforço de muito sofrimento, mas conseguiu”. Aqui Atlas fala da sua Mãe de um modo diferente, mas essencialmente fala de uma Mãe que consegue, ou possivelmente, terá começado a conseguir admirar e significar à distância, mas também de uma Mãe que passou a ocupar um lugar diferente no seu campo de representação, quando o alargou, permitindo-lhe*

perspetivar de maneira diferente características fixas de uma Mãe, que na sua infância e adolescência sentiu e representou de outra forma.

De seguida pergunto-lhe sobre o irmão, e Atlas fala dos vários e diferentes sentidos dessa relação: *“temos uma relação boa, sim, boa. No outro dia mandou-me mensagem, porque eu sou muito chato, fui muito chato durante muitos anos, muito crítico, mas a tentar acordar(...) saí de casa com 17 anos, lutar pela minha vida; em vez de estar (p-e mais uma palavra que não percebi) e ele com 20, ainda estava com aquela mentalidade muito de criança, muito tímido, muito fechado, eu sempre a puxar por ele e a aconselhar e a criticar. Se calhar muitas vezes também um bocadinho de mais(risos) e aí, eu para ele nesse caso; se calhar fui a figura mais paterna (mas tem uma boa educação, é um rapaz trabalhador hoje em dia. Mas estava a dizer, ele no outro dia mandou-me uma mensagem(...))e mandou-me uma mensagem a dizer, áhh, meu irmão obrigado, pelas chatices, pelas críticas e pelos conselhos, finalmente estão-me a dar jeito (grandes risos de parte a parte) mas foi bom ouvir; por causa do ego; até correu uma lágrima no olho”* Aqui Atlas fala num curto espaço, de vários sentimentos diferentes e contraditórios, o seu irmão tem uma boa educação, mas também foi escrutinado pelo seu sentido crítico, ao longo do tempo quanto ao facto de ser infantil, tímido e fechado. Atlas sente-se uma referência paterna para ele e sente que não fez um bom trabalho, mas também ressalta orgulhosamente uma mensagem de gratidão que o seu irmão lhe enviou, pelo seu trabalho enquanto crítico e concelheiro.

Atlas também fala de uma altura na vida dele, em que teria tido ciúmes do seu irmão e onde contrastava com ele, pela ligação que este tinha com a sua Mãe: *“Mas é normal, eu sei lá, mas houve uma altura da minha vida é que eu acho que não percebia muito bem essa diferença. Porque é que ele era mais, porque é que ele conseguia... o que é que ela era mais Mãe com ele e menos com o resto; mas hoje em dia já percebi, ele era mais novo, também foi uma relação diferente, eles passaram muito tempo juntos, eu também não consegui ligar-me assim tanto bem com a minha Mãe porque também passei muitos anos longe dela”* Aqui Atlas refere o seu irmão, a partir da sua Mãe(isto liga-se à pergunta que precede este excerto) e fala de alguns ciúmes, assim como de uma certo ressentimento que terá tido por causa de uma desigualdade no trato. Mas mais uma vez descreve como via as coisas e como as vê agora, depois de um alargamento do campo de representação que lhe permitiu, naturalmente, sentir as coisas de maneira diferente.

Depois de uma pausa, forçada por um silêncio que se fez implementar após um descrição sobre o lugar de enorme importância e afeto que a sua irmã mais maternal ocupa invariavelmente em

todos os seus irmãos, olho para o relógio e tomo a decisão de continuar, tentando recuperar o tema do masculino na ideia, mas não na prática e aqui Atlas estende-se mais sobre o assunto: *“tu, repara, tu és criança de certa forma, mesmo que elas, Mães, mesmo pelas famílias, tu és criado para o homem, tem que ser homem, para cuidar e tomar as rédeas e e e....(...) Eu tenho um amigo meu específico, que é machista, mas ele é machista e nem sabe porque é que é machista, mas eu sei porque é que ele é machista, pelo menos acho que sei....Porque a família dele é toda assim, as mulheres sim; são todas mulheres fortes e mulheres incríveis; mas são todas. Todas elas acreditam, que o homem é que tem de ser...O Pai dela era assim, a Mãe dele é assim, as irmãs dele são assim(iá, como que elas percorre o caminho todo para depois quando for altura de cortar a meta, elas convidam o homem...) ia, mas exatamente(risos meus) não podias ter exemplificado melhor, acredita, mas é mesmo, ele é machista por isso”*. Fazendo um pequeno salto no tempo, Atlas é também perentório a falar disso mesmo, quando refere, o que irá acontecer ao seu amigo, se ele fizer as coisas de forma irresponsável, uma vez que este teve mesmo filhos, numa idade em que sozinho ou até mesmo enquanto casal, não lhes poderia oferecer uma estrutura: *“E vai ter uma Mãe que vai cuidar dos filhos, isso ele tem a certeza, e vai ter uma avó para cuidar dos filhos, isso tem a certeza, vai sempre haver uma estrutura familiar para o apoiar nesse sentido(sim, sim) feminina!”*.

A propósito da tendência que ele observa em Cabo Verde de existirem uma série de indivíduos a fazerem filhos muito novos, quando não existe uma estrutura que lhe possa oferecer uma boa vida, refere novamente como esse facto que ele observa, se inscreve nele como um fantasma até certo ponto irracional *“fazerem filhos muito cedo(sim), quando não tem bagagem ainda suficiente, nem financeira, nem têm bagagem de vida para fazerem filhos. E essa é também uma das estatísticas que eu tentei quebrar (risos meus), daí o facto de eu ter dito, que chegava numa situação, numa relação, que estava a ir para um certo tipo de coisa. Eu fugi e auto sabotei-me de certa forma”*. Apesar de também apresentar um discurso coeso, no qual apresenta bons argumentos, e assume a grande e também muito pesada responsabilidade que é para ele ter um filho, algo que o pequeno excerto que aí vem, demonstra *“A responsabilidade de ter um filho, é um mundo (sim, sim)”*, esse discurso, parece traduzir-se nele, predominantemente de uma forma obscura.

Quando questionado da seguinte maneira: *“E em Relação ao teu irmão, tu achas que ele tem este tipo de conscienciosidade de... Este sentido de peso nele (que ele tem que ser...) no sentido em que, é mais como tu, na, na...nessa ideia de ter um filho, é ter todo o peso do mundo...”* Atlas deixa cair momentaneamente o tema do irmão, e continua imerso no tema, elaborando-o

de uma forma engenhosa e legítima, ao afirmar que o lugar do feminino é mais elaborado na ausência do masculino, não negando no entanto, a capacidade do masculino paterno, oferecer coisas que o feminino, que por mais extraordinário que seja não o pode fazer, e com isso, substitui-lo inteiramente “ *Sim é ter a responsabilidade e a obrigatoriedade de estar lá, para vê-lo crescer e dar-lhe as bases necessárias. Epá as coisas mais básicas, eu sei lá, como te disse, comprar-te o teu primeira ou primeiro preservativo(risos de parte a parte) ensinar-te a fazer a barba(risos)(sim, sim) e é pá e não é só isso, quando se perde a paternidade e não há muita proximidade na tua criação acho que se perdem muitos valores também, também se ganham outros, porque ganhas a parte feminina da vida, o olhar mais feminino sobre a vida e aprecias também mais o lugar da mulher na sociedade, na e família(sim, sim)mas a paternidade também é muito importante, dá estrutura percebes(sim, claro, claro)cria família percebes.*” Sendo que apesar do discurso pesado e responsável que acaba por usar para descrever o papel da paternidade, acaba também por só conseguir dar exemplos triviais de como o paterno poderá ocupar o seu papel.

Tendo sido dado seguimento ao que se estava a dizer, Atlas avança por essa ideia “*Eu sei lá, mas que experiência que tu tens para passar a um filho, para que ele não cometa os mesmos erros do que tu; o que, que....O que tende a acontecer, é que a maneira de conseguir inculcar isso nos filhos, é impor, é reforçar. E não vais, e não podes fazer isto, não podes fazer aquilo! e Isso, eu acho pelo menos, é que a tende a agravar o problema, cria rebeldia, cria exatamente o contra daquilo que ela está a dizer, e acabam, por na verdade repetir os mesmos erros que os Pais e Isso é um ciclo vicioso, um ciclo, um ciclo que nalgum ponto tem de ser quebrado.*” Naturalmente que ao falar dos outros, Atlas também está a falar daquilo que experiencia no íntimo, e na luta que ele próprio trava, para quebrar esse círculo, que em si sente inscrito.

No decorrer desta última fala, responde, em livre associação de ideias à pergunta que fiz sobre o seu irmão, dizendo que o seu irmão estaria de acordo com ele, que o ouviria, mas não teria uma posição tão forte em relação ao tema. Usando depois o exemplo de uma irmã para expressar o modo irresponsável de fazer as coisas, e as consequências graves que o ato impensado de fazer um filho na altura errada poderia ter em duas vidas “*Primeiro tem que fazer uma vida; se quiseres realmente teres um filho, tens de ter um filho com alguém de quem realmente gostas, não vais ter um filho com alguém com quem tiveste uma Paixãozita da treta, e que essa pessoa vai ficar na tua vida, vai ficar ali para o resto da vida colada a ti, ao criar essa ligação, ela não se vai quebrar(sim, sim, sim).*” Em associação em livre, Atlas acaba por fazer deslizar os seus pensamentos, para o seu caso específico, “*Não, nunca foi aquilo que eu quis fazer, nunca*

achei que um filho precise passar por esse tipo de coisas. Para além de que eu vivi um jogo entre a relação do meu Pai e da minha Mãe e eu sou muito parecido com o meu Pai, fisicamente, de cara principalmente igual, sempre fui um bocado puxado para um lado e para o outro; daí o facto de ter vindo para Portugal, ter voltar para Cabo Verde, vir para Portugal outra vez, ter voltado para Cabo Verde outra vez, Andar nesse jogo, é... a minha Mãe ahmm puxava-me para o lado dela depois o meu Pai puxava-me para o lado dele e depois vice versa e andávamos ali naquele jogo e então o que acabou por acontecer, foi que no dia em que ele realmente me disseram que se separaram, eu disse muito obrigado(risos nervosos) eu disse finalmente, porque esse jogo não me fez muito bem, não.”, “Forças opostas, exatamente ahh, tipo, sempre um a tentar influenciar percebes? Meu Pai, que me tentava influenciar contra a minha Mãe, a minha Mãe tentava fazer o mesmo, e viver com a minha Mãe, o problema realmente foi esse, o ela olhar para mim e ver o meu Pai, porque somos muito parecidos mesmo (sim, sim, sim) percebes? Então sempre foi esse peso, eu sempre senti esse peso de de, da....tipo, não tens de ser igual a ele, não podes ser igual a ele, tens de ser diferente, tens de ser melhor(mas apesar de tudo tens coisas dele) a sério, sim sim, sim, de tanto ela me fazer isso, eu acho que interiorizei isso; daí o facto de eu dizer de certa forma, que eu acho que ele não é a ideia, daquilo que um homem... um homem família deve ser, mas o que não quer dizer que ele de facto não seja uma pessoa boa. Mas acho que eu também acabei por interiorizar muito essa influência da minha Mãe, de que tens de ser diferente, tens de ser melhor do que eu...”

neste relato elucidativo, Atlas, vai dizendo muito resumidamente o quão difícil terá sido viver com dois Pais que o disputavam e o tentavam pôr contra o outro progenitor. Atlas fala também de aspetos que terá interiorizado, mas dos quais desconfia, acusando dessa forma a pressão forte que sente/sentiu sobre ele mesmo, para ser diferente do Pai.

Pai, do qual Atlas começa a falar mais pormenorizadamente após a seguinte intervenção: “E o teu Pai, tu dizias que ele conhece várias línguas. O que é que ele faz exatamente?” Meu Pai é técnico de telecomunicações na verdade, mas quando ele era jovem trabalhou muitos anos em navios e viajou pelo mundo todo, então falava muitas línguas na altura (...) “sempre foi uma influência muito, muito intelectual; ele sempre foi, é pá pedagógica, ele sempre me ensinou.... com 4 anos por exemplo eu já conseguia ler, escrever sabes”. Quando convidado a pensar, se o seu Pai se antagonizava à sua Mãe, no sentido em que este a descrevia como mais fechada, e a ele como mais aberto, Atlas, responde: “É um dreamer, ele é um dreamer, pelo menos era, ele era aquela pessoa romântica que vê o mundo e tipo. Ele viajou o mundo todo e então contava-me histórias, de quanto tempo no porto de Singapura e... E passou no japão, quando

este perdido no mar numa tempestade. Sabes? aquelas, vais, vais visualizando, criando aquelas histórias em criança tipo moby dick e isso despertou-me muita curiosidade.” Atlas fala também de um primo a quem chama de Pai, em que encontramos características semelhantes “*o meu primo que também, foi o meu Pai. É um primo mais velho nesse caso, tem para aí a idade da minha irmã, tem 41 anos agora, que é poeta e também é professor de inglês, catedrático de inglês (...) Então dava-me livros para ler e discutíamos, é pá, eu com 7 anos, 8 anos falávamos de extraterrestres e de crises políticas”*. Por fim, fala destes dois tios em uníssono, para falar nas portas que eles abriram à sua mente, num lugar que ele considerava/a monótono, com poucos horizontes “*é pá e, eles abriram muito a minha mente para além daquela minha vidazinha de Ilha de países daquela monotonia. Que eu hoje em dia, tu até, como tu dizes, quando saís, é que das Valor ao que deixaste, mas de pensar Cabo Verde é uma terra muito pequena em que as pessoas vivem só naquele mundinho e aquele mundinho para eles chega e basta, mas para mim nunca chegou. Nesse sentido nunca chegou, porque eu sempre fui muito curioso e queria ler, e queria conhecer, queria viajar e queria... se calhar não fiz tanto como devia, mas a minha ideia na altura era essa, era os meus sonhos, eram esses, era viajar o mundo e conhecer e ler livros e sabes (sim, sim) aí...”* sendo que aqui, Atlas também vinca neste momento que escolhi para acabar a entrevista, o quanto dessa identidade expansiva, construída principalmente na infância, ainda persiste em si.

5.2. ANÁLISE DOS GRANDES TEMAS DE ATLAS

5.2.1. A representação do feminino do masculino e do casal

As representações que Atlas tem do feminino e do masculino cabo-verdiano tem muitas faces, mas se há noções e ideias que acompanham todas essas faces independentemente dos opostos que também se encontram entre as diferentes representações do feminino e do masculino que apresenta, é a noção de poder do feminino por oposição à fraqueza mascarada de força do masculino, assim como a ideia que é transversal a todo o feminino por ele descrito, em que embora o feminino seja mais digno de elogio, sagrado e fundamental, é também a partir dele, ou seja, com a sua mão assim com pela sua maneira de codificar o masculino (não exclusivamente) que o masculino se desenvolve da maneira como se desenvolve.

Indo por pontos, começemos por dizer que para Atlas o feminino tem um poder enorme sobre o masculino cabo-verdiano, mesmo que as aparências possam mostrar o oposto. Começemos então pelo seguinte excerto “*o homem é que manda, o homem é que trabalha, mas na verdade*

isso não é tao real assim, porque na verdade quem sustenta, quem sustenta a família no sentido de manter a casa em pé, é sempre a mulher, é a Mãe, ela é que tá lá para te apoiar quando tu precisas". Por Mãe entenda-se uma figura simbólica que pode ir da Avó à irmã.

Segundo Atlas, o poder do feminino está muitas vezes encoberto e mascarado não só pela mulher, mas também pelo facto de o homem não o conseguir representar, nem reconhecer de forma explicita esse poder que ela tem sobre ele. Numa das interações Atlas diz: *"Eu tenho um amigo meu específico, que é machista, (...) Porque a família dele é toda assim, as mulheres sim; são todas mulheres fortes (...) Todas elas acreditam, que o homem é que tem de ser (...) isso e já tentamos, Já tentei ter essa conversa com ele várias vezes, ele também reconhece isso, mas não consegue fugir ao machismo*". Neste relato fascinante, Atlas acaba por falar de um masculino, que é uma representação sem conteúdo, ou seja uma superfície de aparente poder, sem o poder interior ou real que deveria justificar a aparência dele, e que a mulher é um conteúdo sem representação, criadora do poder do homem, a partir do seu próprio poder, mas que não consegue ser expressada pelo homem enquanto tal, nem se expressa a si mesma dessa maneira. Inclusive, relata que o seu amigo reconhece a validade do argumento, mas não consegue abdicar da representação de si enquanto sexo forte(machismo).

Atlas, para dar conta da preponderância que o materno tem na sociedade cabo-verdiana e que o paterno não tem, dá o seguinte exemplo *"É, é, porque os homens é que mandam, os homens... mandam (tosse teatral) (...)tu podes dizer qualquer coisa sobre o Pai de uma pessoa de Cabo Verde, nunca podes dizer nada sobre a Mãe(sim), a Mãe é intocável sabes(sim, sim)(...) é um assunto tabu, não podes falar mal"* Neste exemplo, Atlas volta a expressar o masculino como não sagrado, fácil de criticar ou destruir, quanto à sua representação na psique dos cabo-verdianos, apesar de um discurso dominante construído a seu favor; mas que a Mãe é sagrada, e é também qualquer coisa de que não se fala, mas que aparece com força e das profundezas, quando de alguma maneira a sua imagem é ameaçada. Em Totem Tabu, Freud (1913) fala de alguns animais (deslocamentos) e rituais que eram protegidos e mantidos, por motivações psíquicas fortes, sem que ninguém pudesse explicar o porquê (Freud, 1913/1969). Um pouco dessa forma, Atlas parece falar da preponderância do feminino na sociedade cabo-verdiana, em que muitas vezes não se consegue expressar ou representar quanto à sua importância. E os próprios homens podem gabar-se de ter muitas mulheres e de as dominarem, mas ao mesmo tempo, o feminino a partir do materno, é qualquer coisa em que não se pode tocar ou ameaçar, assim como esses animais sagrados que eram mantidos intocados por motivos que não se conseguiam nomear.

Sobre o feminino mais isoladamente, Atlas acaba por apresentar esta noção que mesmo no decorrer da entrevista foi legendada enquanto o feminino desmultiplicado, mas que aqui apelidamos de feminino desdobrado e que é amplamente referida na literatura etnográfica sobre Cabo Verde (Fortes, 2013; Ferreira, 2016). Ou seja, um feminino sagrado aonde as mulheres em função das necessidades e circunstâncias ocupam uma panóplia de papéis altamente diferenciados no seio da própria família.

Na sociedade cabo-verdiana, assim como na sua família, Atlas observa e vive/viveu na pele este fenómeno que apelidamos de feminino desdobrado: *“muitas vezes as avós, são mais Mães do que as próprias Mães”*. Aqui, Atlas fala da situação no geral, mas ela também se verifica no seio da sua própria família como vai sendo expresso ao longo da entrevista: *“a minha Mãe é mais o, a figura paterna da família entre aspas e a Perséfone é mais a minha Mãe”*. A importância da Mãe para Atlas, reflete-se nos sacrifícios que esta fez por ele e todos os seus filhos (ainda que não se possa falar de igualdade de circunstâncias): *“Às vezes fico aqui a perguntar como é que ela aguentou; durante anos, não teve férias, não teve nada (...) mas ela conseguiu, à custa de muito esforço de muito sofrimento, mas conseguiu”*, mas não ao nível do trato, aonde é descrita como alguém que não consegue comunicar com o seu filho e que está encerrada em discursos que não admitem variantes, logo, alguém com quem ele não conseguiu criar uma ligação íntima de tonalidade positiva: *“é, até hoje, tanto que nos damos muito bem, mas à distância (risos o 2). vive na sua vidinha, no seu mundinho, em que, que... o mundo é assim, porque tens de viver assim”, “eu acho que nós criamos um muro entre nós”*. A sua irmã é descrita como semelhante, ou pelo menos como não diferente, na dedicação descentrada de si própria que oferta à família, assim como pelos sacrifícios implícitos que fez. A ideia de sacrifício, poderá ser subentendida do seguinte excerto *“A minha Mãe trabalhava e então ela cuidava dos irmãos, as minhas irmãs mais velhas, sim depois, do meu irmão mais novo depois; portanto, ela sempre foi...de certa forma, eu acho que ela nunca sequer chegou a ser criança, sabes?”*, Mas é descrita como radicalmente oposta, quer quanto às suas características, quer quanto à sua relação com Atlas, na medida em que se a sua Mãe é um continente fechado, sem espaço de compreensão para os seus problemas, e por vezes funciona como um espelho, por onde Atlas se olha e deprime narcisicamente, por aquilo que ela lhe mostra e projeta, a sua irmã é um continente aberto, que só consegue sentir afeto e compaixão pelo que se lhe depara pela frente, ecoando com carinho e sem interposição as angústias e os sofrimentos, independentemente de ao fazê-lo poder estar a mimar demais. Sendo que naturalmente estas características, fazem recair a sua irmã para aquela fação de um feminino cabo-verdiano que

não espelha o homem quanto à sua falhas e defeitos, e que por isso como que o permite sentir-se dono de uma representação inflamada de si, que aquele que observa de fora, neste caso Atlas, considera que não se baseia em nada, no real (a Mãe neste aspeto é excessivamente o oposto): “*eu não consigo apontar nela uma coisa que eu não gosto (risos meus), então é mesmo... o único defeito que ela tem, é mimar muito (risos de parte a parte). principalmente o filho mais novo*” “*mesmo traquinas e eu vou lá de vez em quando e ele está a fazer asneiras e eu ralho com ela ou com ele e ele começa a fazer aquela cara triste e se ele fica triste, ela também fica triste(...)* aí digo, *estás a mimá-lo muito, não faças isso(risos), mas eu não consigo Atlas, eu não consigo . Não consegue mesmo, não consegue ter aquela disciplina, aquela rigidez, que os Pais normalmente tendem a impor aos filhos*”, “*mas a ideia que eu tenho de uma Mãe, é ela, a Perséfone*”. Estes exemplos de como a irmã age, por mais cativantes e dignos de afeto e admiração que sejam para Atlas, que implicitamente acaba por dizer que não são como as partes da Mãe com quem ele sempre chocou (imposição, rigidez, e disciplina), ou como o Pai que não terá conseguido corresponder aos seus ideais, são, como o próprio intuí, de natureza ambígua para os processos inerentes à construção de uma identidade. Este mimo, ainda que descrito de uma forma muito particular, liga-se certamente às descrições que faz das dinâmicas a que assiste entre o masculino e o feminino cabo-verdiano, em que o feminino dá incondicionalmente sem exigir uma retribuição, sem responsabilizar, e dessa forma sem educar ou ensinar o masculino a ser de maneira diferente. É desse poder que a mulher tem, o poder ser capaz de ter afeto e amor pelo homem de qualquer maneira, que o próprio homem pode e muitas vezes deverá construir-se de qualquer maneira, com essa falta de limites que Atlas parece identificar no filho da sua irmã.

O masculino cabo-verdiano a partir do paterno é também descrito com enorme ambiguidade. O Pai, assim como um primo a quem chama de Pai, são descritos como interessantes, cultos, viajados, e capazes de transmitir todas essas características causadoras de fascínio e desejo de identificação por parte de Atlas, e com muitas das características daquilo que na literatura acerca do masculino cabo-verdiano, aparece como o Self expansivo (Massart, 1989-2009): “*ele sempre me ensinou.... com 4 anos por exemplo eu já conseguia ler, escrever sabes?*” e “*É um dreamer, ele é um dreamer, pelo menos era, ele era aquela pessoa romântica que vê o (...) então contava-me histórias*”, mas também como centrados neles próprios, distantes e sem consciência da responsabilidade que é ter um filho, e de certa maneira, incapazes de ensinar coisas que possa utilizar na vida real, de estarem lá para o decorrer dos mais diversos acontecimentos: “*sim em Cabo Verde, mas ele também é assim, uma pessoa muito distante,*

vive a vida dele” “porque ele é homem sozinho (cabo-verdiano, no geral), um lobo solitário, mas uma família, não é propriamente uma coisa que se vê assim muito, muito”. Nestes dois excertos que se entrecruzam semanticamente, e que se poderiam ligar a muitos mais no decorrer da entrevista, podemos ver como o masculino paterno em Cabo Verde para Atlas, é algo que tem mais importância pela sua ausência das estruturas familiares, do que pela sua presença e também mais pela sua “fraqueza”, do que pela sua “força”.

Por último, considerámos importante analisar a representação que Atlas tem do casal, e, portanto, da combinação que o paterno e o materno, produzem quando se juntam. Nesse sentido, decidimos usar o seu conceito de casal combinando de (Klein, 1919/1996), para nos auxiliar na legendagem da forma como Atlas o representa; na qual não são as características individuais de cada indivíduo em separado que tornam difícil a simbolização e consequente identificação, mas sim o produto que se gera entre os dois, que não torna possível uma simbolização satisfatória. Nestes casos, é a combinação entre os dois que gera uma realidade psicologicamente intolerável, impossível de simbolizar e não nenhum dos dois isolados.

Considerando isto, podemos observar num excerto adiantado da entrevista a forma como Atlas representa a dinâmica do casal, e por consequente como se experiencia e representa a si próprio: *“sempre fui um bocado puxado para um lado e para o outro; daí o facto de ter vindo para Portugal, ter voltar para Cabo Verde, vir para Portugal outra vez, ter voltado para Cabo Verde outra vez (...)no dia em que eles realmente me disseram que se separaram, eu disse muito obrigado(risos nervosos).”, “Forças opostas, exatamente ahh Meu Pai que me tentava influenciar contra a minha Mãe, a minha Mãe tentava fazer o mesmo, (...)sempre senti esse peso de de, da....tipo, não tens de ser igual a ele, não podes ser igual a ele(...) eu acho que interiorizei isso; dai o facto de eu dizer de certa forma, que eu acho que ele não é a ideia”.* Nestes dois excertos, apercebemo-nos da validade desta noção de casal combinado, quando Atlas agradece que se tenham separado. No entanto, se estes até se terão separado fora de si, no mundo exterior, o mesmo não parece ter acontecido dentro sua psique, sendo esta uma realidade que marca uma parte importante da sua identidade. Pois no segundo excerto apercebemo-nos que esta fusão do casal parental é vivida com um sentido de ambiguidade, em que os opostos se destroem um ao outro ao invés de se complementarem, na medida em que a Mãe é responsável pela destruição da representação do Pai, assim como o Pai seria responsável pela mesma coisa. Desta forma Atlas também danifica a própria representação da Mãe, por ela ter querido danificar uma parte tão importante de si, associada à sua representação do Pai. E por mais voltas que esta explicação contenha, é isto que está no discurso de Atlas que naturalmente

não pode ser como o Pai sem tentar destruir o Pai que há em si, nem pode estar inteiramente grato ou mesmo não odiar a Mãe, por esta lhe ter inculcado o medo e o terror de vir a ser como o Pai, o que deverá fazer com que sintam o Pai como referência/não referência e ameaça à representação de si. Mesmo os aspectos da sua identidade infantil, que faziam dele um superdotado, ficam identificados a este Pai que segundo a Mãe (algo com que ele se identifica inconscientemente), se ele tiver interiorizado quer dizer que vai fazer ou ser como ele e abandonar a família e etc.

5.2.2. A identidade

Neste tema talvez seja importante começar por dizer que a forma como terminamos o tema anterior, contém uma parte essencial daquilo que consideramos ser identidade de Atlas. Que pela forma como Atlas discursa acerca da dinâmica do casal, decidimos que não poderíamos falar dele sem falar na forma como este se inscreve em Atlas, e todas as consequências que terá tido na forma como se representa, experiência, e por consequente se posiciona e fala das mais diversas coisas. No entanto, para falar da sua identidade, talvez faça sentido começar por aquilo que busca enquanto sujeito demarcado pelos indivíduos do seu próprio género, que apesar de muitos negativos, contém tanto da forma como se representa. Atlas, a partir do paterno, define-se como alguém que procura saber mais: saber novas línguas, ter novas experiências, conhecimentos, e que muito cedo se terá destacado como promissor em todas estas áreas: *“com 4 anos por exemplo eu já conseguia ler(...)e tínhamos em casa a fazer contas, e ele a ensinar-me história”*; *“criando aquelas histórias em criança tipo Moby Dick e isso despertou-me muita curiosidade.”* *“Então dava-me livros para ler e discutíamos,”*. A partir do Pai e da Mãe, mas claramente debaixo da grande referência que terá sido o paterno da sua infância, terá interiorizado esta ideia de ter uma inteligência acima da média, e portanto terá sentido que teria um futuro especialmente promissor para todas estas coisas: *“o meu Pai, como a minha Mãe me consideravam(...) uma pessoa que tinha uma inteligência acima da média”* Aqui, apercebemo-nos que esta sua característica se foi mantendo, mas já sem o sentido promissor de outros tempos *“eu sempre fui muito curioso e queria ler, e queria conhecer, queria viajar e queria... se calhar não fiz tanto como devia, mas a minha ideia na altura era essa* *“Aqui, Atlas identifica esta parte em si, mas também que a terá deixado decair. Dessa forma, fica patente a ideia de que terá ficado aquém das expectativas que tinha para si mesmo, uma vez que a transformação para pior da representação do paterno, assim como o sentido negativo que o materno terá sempre dado ao que vem com toda essa curiosidade de que Atlas fala, terão feito*

com que as expectativas dos outros, se não perderam importância, pelo menos deixaram de ser algo com que se pudesse sentir guiado de forma direta, uma vez que o possível desejo de ser guiado pelos Pais durante a infância se terá transformado no contrário, ou seja, no desejo de escapar à sua influência. Algo que aparece de várias formas ao longo da entrevista e poderá ser sintomático da fase adolescente (Bertol & Sousa, 2010) mas não com esta força.

A sua masculinidade é também vivida com grande inquietação e com características que darão um sentido mais negativo a essa parte da sua identidade que falámos no parágrafo anterior. Precisamente pela sua procura de ser um Pai, uma figura paterna, um homem que não é como os homens que foi tomando como referências, principalmente nessa sua infância. Dessa maneira, podemos dizer que o paterno se inscreve em Atlas de uma forma que decidimos nomear como referência/ ameaça, por causa desse terror latente que tem de ser como o Pai, de ser com o masculino cabo-verdiano: *“fazerem filhos muito cedo(sim), quando não tem bagagem ainda suficiente (...) E essa é também uma das estatísticas que eu tentei quebrar (risos meus), daí o facto de eu ter dito, que chegava numa situação, numa relação, que estava a ir para um certo tipo de coisa. Eu fugi e auto sabotei-me de certa forma”*. Neste excerto, fica claro como Atlas se identifica a contragosto, com um masculino que desvaloriza, motivo pelo qual sente inconscientemente que é impotente para ser diferente do que observa.

Naturalmente que a forma como este paterno se inscreve em si, está intimamente ligada com a mediação do materno, como o afirmamos, a partir da representação do casal combinado. Sendo que um dos aspetos mais marcantes da sua identidade e por natural consequência do discurso acerca de si próprio, é sua necessidade de confrontar a autoridade e o sentimento de satisfação e vitória pessoal que atinge ao sentir-se livre dos limites que os outros lhe impõem: *“pelo menos, não, não, não tenho barreiras, não tenho limites impostos por ninguém. Acho eu, é a única coisa que me contenta(risos), a não ser os meus, percebes?”*. Algo que apesar da satisfação que provoca, tem também segundo Atlas uma configuração tétrica, pois sente que essa fuga o aproxima mais daquilo que gostava de proibir em si do que o contrário, ou seja, que o faz aproximar-se psicologicamente de uma parte do paterno de que deseja e ao mesmo tempo tenta escapar, sentindo então que ao fugir da autoridade está também a ir ao encontro de um masculino que quer fugir das suas responsabilidades: *“O que tende a acontecer, é que a maneira de conseguir inculcar isso nos filhos, é impor, é reforçar(...), cria exatamente o contra daquilo que ela está a dizer, e acabam, por na verdade repetir os mesmos erros que os Pais e Isso é um ciclo vicioso, um ciclo, um ciclo que nalgum ponto tem de ser quebrado”*. Neste excerto Atlas fala definitivamente de uma forma mais amarga em relação a essa autoridade de que sempre

tentou escapar, e acaba por dizer que essa atitude da Mãe, que sentiu como intolerável e irrespirável, o fez sentir-se incapaz de simbolizar e sentir que é capaz de encher o seu ideal de homem e de Pai, composto por um sentido de responsabilidade e de peso fortíssimos: “*A responsabilidade de ter um filho, é um mundo*”. Desta maneira, Atlas pensa/sente ser necessário interiorizar este tipo de ideias para quebrar o ciclo vicioso que descreve e se inscreve em si, com relação a um tipo de masculino cabo-verdiano que parece não suportar sentir-se dependente (mesmo que em alguns casos esteja), e acima de tudo, que dependam de si. O que é duro, mas essencial para perceber uma parte fundamental da sua identidade masculina.

5.2.3. Fuga do feminino

Ao falar da sua identidade étnica e masculina, acabámos por falar de uma identidade atraída, ao mesmo tempo que em fuga e amarrada ao masculino. Ao longo da entrevista é notória a qualidade das apreensões que faz do feminino cabo-verdiano, assim como a sua representação de que se o masculino paterno não tivesse estado marcadamente ausente em longos períodos da sua vida, não teria tido uma perspetiva tão nítida e valorizada do feminino, de onde se subentendem certos níveis de proximidade. Mas o mesmo não invalida que desse feminino, também não tenha fugido compulsivamente durante toda a sua vida. Em rigor, em rigor, sentiu e ainda se sente em fuga dos dois Pais, e por causa deles dos dois géneros, quanto aquilo que para ele representam.

Começamos pela sua fuga do materno da Mãe, que a nosso crer se liga intimamente à fuga de outros femininos. O primeiro eixo poderá estar ligado à influência ego sintónica que o masculino terá tido, principalmente na sua infância, e dessa maneira com a pressão que o seu Pai terá exercido para que se identificasse com ele e não com a sua Mãe, uma vez que Atlas os descreve como assumidamente antagónicos e não complementares: “*sempre fui um bocado puxado para um lado e para o outro; daí o facto de ter vindo para Portugal, ter voltar para Cabo Verde, vir para Portugal outra vez, ter voltado para Cabo Verde outra vez*”. Atlas fala também dos largos períodos da sua vida, em que viveu sem a sua Mãe, tendo isso para si constituído um motivo a partir do qual terá sido impossível aos dois criar uma ligação Mãe-filho, passível de ser comparada à que assistiu o seu irmão ter com a sua Mãe: “*Mas ela já nem sequer conseguiu também criar essa ligação. Eu acho que nós criamos um muro entre nós*”.

A partir do seu irmão Atlas descreve os perigos de estar demasiado próximo do materno, acabando por falar também na dificuldade que terá sentido ao lidar com essa absoluta diferença

na forma como ambos se relacionam com o materno da sua Mãe : “ *Eu com 7 anos já tinha uma atitude mais adulta e masculina, vamos dizer; masculina se calhar não foi uma boa expressão, mas mais como é que se diz, mais livre, vais à procura da vida, saí de casa com 17 anos, lutar pela minha vida*”, mas masculina, talvez seja mesmo a expressão adequada para falar dessa necessidade de se afastar do feminino para construir a sua identidade masculina, pois a partir do seu irmão, Atlas reconhece os perigos de estar demasiado próximo do feminino, o que o terá também levado a valorizar ainda mais esse processo de independência precoce que descreve. Inclusive, valoriza o irmão pelo seu corte progressivo numa relação com o materno que ele descreve como sendo quase umbilical de parte a parte. “*ver que finalmente, o miúdo está a assumir-se, a assumir sua própria vida. Porque ele é muito ligado à minha Mãe(...) Já lá teve duas vezes a viver, e passa lá temporadas de 6, 7 meses e depois cansa-se, e ela começa a ligar a dizer que está triste que está sozinha e ele vem*”. Atlas através do irmão identifica esses perigos de excessiva proximidade, e em dado momento até se recrimina e auto elogia, por não ter sido, e ter sido uma referência(o que também é revelador de um sentimento identitário instável) “ *eu era o único e não devo ter feito um bom trabalho*”, “ *meu irmão, obrigado, pelas chatices(...)mas foi bom ouvir; por causa do ego; até correu uma lágrima no olho*”.

O segundo eixo da fuga ao materno estará intimamente ligado a essa necessidade íntima de fuga à autoridade materna, assim como ao olhar extremamente duro e castrador que este materno lhe dirige. Neste sentido, a fuga do olhar materno é também a fuga de um olhar sobre si próprio, construído a partir do outro, neste caso a Mãe, que o faz sentir-se acorrentado a um masculino que à imagem do que sua Mãe tem do seu Pai, não presta. E Atlas é perentório a falar dessa necessidade de escapar,: “*saí de casa da minha Mãe, e comecei a viver sozinho aos 17(...) e a vida que eu tenho, pode ser que não seja a vida que eu idealizava, (...) não tenho limites impostos por ninguém. Acho eu, é a única coisa que me contenta(risos)*” falando também da satisfação que sente por se ter tornado economicamente independente aos 17 anos, apesar dos negativos associados e apesar do exigente e esmagador olhar materno não ter desaparecido, uma vez que terá sido interiorizado.

Esta interiorização pode certamente explicar um outro eixo por onde também se poderá identificar essa necessidade de fugir. Neste caso, não é a fuga ao olhar feminino que o deverá fazer partir em retirada, nem sequer o autoritarismo, mas sim o facto de não se sentir digno desse feminino em quem encontra tantas virtudes como no masculino encontra defeitos. Mesmo a relação com a Mãe, com quem teve um diálogo difícil, sempre em fuga ou à distância, fá-lo perguntar-se a si próprio como é que ela terá tido tanta força, e dessa maneira demonstra uma

imensa admiração, mesmo que intimamente não a considere recíproca. Este olhar que tem sobre si próprio, relacionado maioritariamente com o tipo de presença que o materno da Mãe terá tido na sua vida, ou até mais finamente com essa noção de casal combinado, assim como pelo facto de se ter sentido aparte e sem utilidade num mundo de mulheres “*vi o esforço todo (...)era estudante e elas é que trabalhavam, elas é que faziam tudo*” poderá perfeitamente tê-lo feito interiorizar que não é merecedor desses seres extraordinários que vai descrevendo ao longo da entrevista, e que dele, elas não precisam. Nomeadamente uma mulher com as qualidades que identifica na sua irmã, “*mas se eu vejo aquela minha irmã triste, parece que o meu mundo acabou*”. Uma vez, que enquanto homem identificado a contragosto, com uma cultura masculina de Cabo Verde a que não consegue dar um sentido benévolo, parece não se sentir capaz de dar o passo seguinte, como tão bem afirma no seguinte excerto: “*E essa é também uma das estatísticas que eu tentei quebrar (...) Eu fugi e auto sabotei-me de certa forma*”. Tudo coisas, que nos poderão fazer perguntar, se seria capaz de não se interpor ao seu latente e manifesto desejo de ser com o feminino, complementando-o de forma madura em vez de viver com o sentimento de que iria fugir como um homem típico cabo-verdiano.

“*Mas se eu considero, quisesse assim uma imagem de uma mulher, que, que se não fosse minha irmã, eu me casava com ela, eu acho que essa mulher era a minha irmã*”. De facto, por ser latente que não se sente à altura e com capacidade para cumprir com os seus próprios ideais, podemos sem dúvida questionar-nos se seria ele capaz de fazer comprometer uma mulher como a sua irmã com um “homem assim”. Isto que disse tem a ver exclusivamente com a representação de si mesmo e não com o real do homem que é na sua relação com o feminino “*houve uma altura em que até achei que sim(sim), pensava sim quero ser Pai, quero ser marido, quero... mas sempre que tive assim relações, em que realmente poderia ter seguido por esse caminho, sabotava-me a mim mesmo sabes?*” Até porque parece que ainda não se terá posto verdadeiramente à prova.

5.3. ANÁLISE DA NARRATIVA DE SIGMUNDO

A entrevista começa num impasse. Face à pergunta de começo Sigmundo não é capaz de se posicionar e responde “*é um pouco complicada essa pergunta*” pedindo para eu formular a pergunta novamente. Perante essa sugestão digo qualquer coisa que tente expressar o difícil que é saber o que responder à pergunta original, “*Mas sabes porque é difícil esta pergunta? É porque nós somos homens desde que nascemos...*” e nisto, Sigmundo sente-se possivelmente um pouco mais confortável com a ideia de se aventurar e avança “*Epá, represento-me, sinto-*

me; epá sinceramente, nasci numa sociedade cabo-verdiana muito machista e isso hoje em dia ainda se reflete, reflete-se na sociedade que continua a ser machista. Ahmm, eu tento fugir; fugir a isso, tento fugir a essa cultura desde que nasci; levei com ela dentro seio familiar, no seio dos meus amigos”. Sigmundo começa então por fazer uma pequena declaração de guerra à cultura cabo-verdiana, por causa de um machismo que não considera aceitável, usando também Portugal como um lugar que lhe possibilitou fugir (quase como se fosse perseguido por uma cultura feminista, com um lugar incerto para o masculino):“saindo de Cabo Verde e vindo para Portugal, comecei a abrir um pouco e a tentar ver outros caminhos e pronto. Tento fugir a essa, a essa... A essa coisa que me foi dada pela sociedade e pela família.”. Sigmundo aponta também que pelo facto de ter nascido numa ilha, e ser cabo-verdiano tem a necessidade psíquica e física de expansão, falando também nos horizontes e possibilidades que encontrou cá: “Um cabo-verdiano! é para fora, é do mundo. Somos ilhas e nós temos essa, essa visão para fora; sair, mesmo também por causa das condições, sociais, económicas. É um meio pobre; nós temos de sair, se queremos ter algum sucesso diferente; mas não é, não quer dizer que não consigas fazer lá dentro.; consegues claro, se calhar com um pouco mais de esforço, consegues. Mas sim a emigração é a nossa cina (...) E então, mas... a minha procura pelas coisas... Os meus horizontes alargaram muito; quando cá cheguei.

Quando questionado pela idade que teria quando veio para Portugal, Sigmundo reforça a ideia de que foi educado lá e que existem coisas que se mantêm, e nas quais tem orgulho mas que nem tudo na sua educação merece um lugar positivo, pois também se foi reeducando e alterando ao longo do tempo: “E tentares, e depois disso te reeducares-te a ti próprio. Não, epá, chega de machismos, chega disso; ver as pessoas mais de igual para igual (...) Eu diria um cabo-verdiano mais consciente. Orgulhosamente de ser cabo-verdiano, da nossa cultura, cultura que temos; há coisas a que também aponto o dedo; que não, de que gosto menos; mas, mas sim; é por aí”.

Quando é convidado a falar sobre a forma como o machismo se expressava na sua família diz: “Eu cresci com a minha avó e os meus tios. A minha avó era a dona da casa, era... Mas! a palavra final era sempre dos meus tios. Epá, Mãe (p- a Mãe é a minha avó), vou hoje surfar, sim, sim podes ir, mas se os meus tios disserem não, hoje não vais surfar”. Dessa forma diz que a palavra do paterno pesa mais que a do feminino materno, sendo que neste exemplo concreto, o feminino não se opõe, dá-lhe poder e o masculino retira-o. Paralelamente, logo num primeiro momento, é nos dado a entender que quer a figura materna, quer a paterna foram deslocadas para a figura da sua avó (Mãe) e para a dos seus tios/tio (Pai), algo que se vai

construindo/desconstruindo de forma mais notável, quando fala da sua Mãe e Pai biológicos, ambos distantes espacialmente durante a maior parte do tempo, e no caso da Mãe de certa maneira distante de si mesmo quando próxima. *“A minha Mãe ia... também fez parte desse processo, e teve lá também algum tempo, mas e depois era uma mulher muito intermitente em casa; trabalhava mais fora, noutras ilhas, mas depois ficava sem trabalho, voltava para casa e passava algum tempo, mas depois voltava novamente; então a minha avó é que é a primeira Mãe, a segunda Mãe, e eventualmente a terceira(...)O meu Pai emigrou muito cedo, com 30 e tal anos; eu tenho 32 e o meu Pai tem 31 anos em Portugal”*.

Quando questionado se teria vivido com os seus tios e a sua avó, Sigmundo refere que o avô terá vivido fora durante muito tempo, e que cresceu com a avó e os seus dois tios. Fala do papel da sua avó na transmissão de alguns costumes caseiros, que terão sido exponenciados particularmente por um tio que reúne uma série de características que o seduziram e o terão influenciado, de tal forma que num pequeno e inocente lapso de linguagem o terão levado a chamar-lhe de Pai *“e depois de vir da tropa começou a procurar o que fazer da vida e então começou a... a desenhar, a costurar também com a minha avó. Lá em casa toda a gente costura(risos, ai é), é, toda a gente(...)o meu tio abraçou isso com mais garra e ele tem um talento enorme e hoje faz disso, a vida dele; não, esse foi o que o meu Pai, esse meu tio foi o que influenciou-me mais nessa cena da arte; completamente”* dando também um lugar de destaque a um outro tio que a um determinado nível seria uma referência, mas com o qual sem inquietude ou tensão aparente lhe serviu também como exemplo a não seguir, exemplo a contornar: *“Pois tenho outro tio que é mais, que é o Carlos, kalou, o mais apaziguador; não fala muito, mas quando fala, dá-te aquela direção, aquela linha, aquela conversa(...)Este tinha uma vida digamos comum, digamos, não é que eu ache que seja uma vida comum, mas pronto, saía de casa às 8 para ir trabalhar(...)não, não, não me quero identificar com isso, é mas pronto e o meu tio era muito mais livre e assim como eu estou a ser hoje em dia também(o teu outro tio, o estilista) o estilista sim”*.

Quando convidado a elaborar sobre a relação que eu sugeri entre os costumes da família e práticas que associei ao feminino, Sigmundo reconhece a pertinência desta pergunta provocadora, mas denega e desmente essa relação semântica de proximidade entre as duas coisas para o caso específico da sua família: *“hmmm, eu não ia associar hmmm, sim, o coiso normal, hmmm ahhh, normalmente tu poderias pensar nisso; iá, isso é pertinente, essa pergunta que tu fizeste, porque sim, tu podias associar, mas eu não ia, ia associar, mas isso já é a minha pessoa”*. No entanto, quando específico esta sugestão para o caso concreto do seu

tio, Sigmundo reconhece a probabilidade alta de as duas coisas estarem relacionadas, mas também não consegue propriamente explorar o assunto, dando-nos a sensação que uma grande parte do papel da avó na formação identitária dos indivíduos daquela família, é bastante mais invisível ou difícil de nomear, ainda que aparentemente muito presente: quer pela costura em sua casa, como também, por Sigmundo se referir a ela como primeira, segunda e até terceira Mãe: “ *poderias pensar nisso; já, isso é pertinente, essa pergunta que tu fizeste, porque sim, tu podias associar, mas eu não ia, ia associar, mas isso já é a minha pessoa(...) não, não, não, não é contado por ele, isso é o que eu vi durante a, a a. Nunca me contou essa história, mas se calhar seria interessante um dia falar com ele e ele contar-me uma coisa similar, mas de certeza que vai bater nisso, porque isso é que é o... eu cresci lá, e foi o que o vi.*”

Quando convidado a repensar o que tinha mudado quando cá chegou, Sigmundo foca-se agora não no que mudou, mas no que se manteve; deixando também cair o tom radical com que começou a entrevista para fazer erguer a noção de que foi acrescentando coisas por cima do que já era e levava de Cabo Verde. Aqui sublinha que o seu processo de mudança foi sendo contínuo, começando lá e continuando cá, mas que veio de alguma maneira inteiro e completo de Cabo Verde, assim como particularmente identificado com o seu tio “*mas acho que também já vinha; já tinha qualquer coisinha lá, porque como eu já disse, o meu tio, e esse influenciou-me muito(...) meu processo de educação lá em casa foi completa, eu já sai, então eu sai com 22 anos e chego cá; mas ainda cresci é claro, continuas sempre a crescer; mas a minha educação, a minha maneira de estar na vida; as bases todas de lá . É e chego a lisboa, chego a esta cidade fantástica; saiu de ilha, vivi numa ilha e vim para uma cidade grande, num outro país, num outro continente.*”

Ao falar do processo de adaptação a Portugal, Sigmundo volta a falar deste contínuo entre lá e cá, usando a noção de crescimento: “*sim essa lisboa com uma diversidade enorme e então, facilmente e alguma coisa que estava lá atrás e facilmente começa a dar asas a isso*” começa por dizer que foi viver com o Pai, no cacem, numa “*cidade dormitório*”, mas depressa fez por ir para essa cidade que tem tudo, e lhe permitiu ir abrindo-se cada vez mais “*é um bocado disso, são aquelas zonas que só vais para dormir, não tens nada, depois em lisboa tens tudo(...) fui para lisboa, aluguei um quarto ali em arrosios e vivi lá com estudantes Erasmus, então a coisa começou-se a abrir ainda mais. Acho que tudo se passava ainda, mas tudo se passava; era aqui, é aqui que eu me sinto bem*”

Quando convidado a voltar atrás, convidado a repensar o machismo cabo-verdiano com que começou a entrevista, Sigmundo volta a reforçar a continuidade entre países/culturas, ao

igualizá-las nesse sentido, desmentindo, ou desvalorizando aquilo que começou por dizer: “*tou numa sociedade machista também, porque eu considero Portugal também, sendo lisboa, falo de lisboa também, porque é o que conheço; um pouco diferente, mas machista também.*”. Posto isto, pergunto pelo seu processo pessoal de mudança, e Sigmundo de um modo que eu considerarei evasivo, fugindo ao tema, dá o exemplo de como discriminava os homossexuais antes, mas volta a ser conservador ao insistir na continuidade entre coisas, ao dizer que antes seria apenas um pouco mais fechado. Face a isto, puxo pela relação com o feminino, e aí Sigmundo já fala de uma alteração mais radical, dizendo que antes era possessivo, dizendo psiquicamente, também com isso, que a mulher era qualquer coisa que sentia que lhe podia escapar “*se calhar a minha namorada, era mesmo naquele sentido, de a minha namorada, de posse. É, mas hoje em dia não, nunca, já é completamente diferente; é minha namorada, mas já não é com aquele sentimento de posse. É, tamos juntos até quando nós quisermos, senão tá, quando não quisermos, cada um tá; sempre com respeito pelo meio, um pelo outro*”, sendo que volta a igualizar os dois países/culturas nesse aspeto “*que lá tem muito forte e aqui também tem muito forte; dá para ver. Na rua as vezes, tu vês os homens a gritar com as mulheres e tal*”.

Depois das seguintes perguntas “*E os teus tios por exemplo, iam tendo namoradas, casados?*” Sigmundo lembra que nenhum dos seus familiares estabilizou relacionalmente à primeira, mas ficou tudo estabilizado à segunda, proporcionando um ambiente estável e estruturante, dizendo, no entanto, que os netos (nos quais se incluí), levariam um estilo relacional diferente, “*Portanto foi sempre assim uma coisa muito estável, nunca houve assim. Agora com os netos é que... avacalharam isso tudo (risos dele) (sim, sim) nós é que os netos, eu; nós é que já saímos da linha, se calhar (sim, sim), mas pronto, são outros tempos também (sim, sim) não sei se percebeu?*”.

Insisto novamente sobre o tema do machismo, perguntando por exemplos fora de casa, e Sigmundo apresenta um discurso com teor político que passa por cima do que lhe foi perguntado, “*mas tu, esse machismo, tu, tu encontravas em qualquer, epá. Hoje a sociedade, hoje em dia entendes, também nessa geração, que o homem e a mulher com os mesmos cargos, pois o homem ganha muito mais, a mulher ganha menos, hammm (...). Tou a generalizar (sim, sim) não é assim tanto; mas estes são assim os exemplos que eu diria mais flagrantes não.*”

Face a este discurso que senti como excessivamente defendido (recalcado), lanço uma pequena provocação em busca de furar a muralha, usando uma das noções da entrevista anterior, na qual digo que Cabo Verde, segundo o outro entrevistado era uma sociedade machista na ideia, e matriarcal, quase feminista, na prática “*Sim, sim, nesse aspeto, mas o homem é que sempre*

saiu para ir buscar o sustento, (sim, sim) seja lá dentro de Cabo Verde a trabalhar, seja fora a trabalhar; porque o dinheiro depois vem. É a remessa do emigrante que enviava sempre dinheiro para casa (...) Não encontro um exemplo ao contrário, o homem a ficar em casa e a mulher a ir trabalhar para pôr (sim, sim, claro), do que eu vi, eu não encontro um exemplo assim. A mulher está dentro de casa a tomar conta da casa, das lides de casa; está a cozinhar, porque o neto, o filho, não é; tinha que chegar a x horas para almoçar, para depois voltar para o trabalho” aqui, claramente que Sigmundo representa o homem como mais heroico, aquele que se sacrifica e de quem a mulher depende, mais do que o contrário. Sendo que rapidamente, se apercebe de alguns exemplos que contradizem a afirmação que pouco depois fez :“ Não encontro um exemplo ao contrário, o homem a ficar em casa e a mulher a ir trabalhar”, bastando-lhe pensar no seu Pai para ter esse exemplo: “para descrever essa tal masculinidade, de o homem ter várias mulheres, vá. E o meu Pai, na verdade teve, tivemos essa relação; mas o meu Pai, antes de ter os dois filhos com a minha Mãe; o meu Pai já tinha tido uma outra mulher, que teve os meus dois outros irmãos, antes e depois de ter emigrado e ter estragado, ahmm terminado a relação com a minha Mãe”. Sigmundo ao cometer esse lapso, que foi o de dizer estragado em vez de terminado, também sublinha esta ideia de que o Pai é que estava responsável pelo futuro da relação e não a Mãe.

Ao falarmos sobre a forma como ele representava o Pai, e de que maneira usava as figuras paternas da sua vida, Sigmundo começa por dizer que o seu Pai não ocupa dentro de si um lugar de importância próximo daquele que ocupam os seus tios, mas também vinca a sua independência e autonomia de qualquer figura paterna, inclusive dizendo, que aos dias de hoje, o seu tio pode acrescentar, ou não, sendo que o seu Pai, por estar cá e por estar dentro de uma realidade comum, proporciona comunicações que lhe são mais uteis: “Troco ideias com ele sim, quando quero fazer coisas, ligo para ele, nós encontramos, nós conversamos, mas ele nunca decide por mim. Se calhar, o meu tio poderia decidir por mim. Hoje já ninguém decide por mim, já sou um homem feito e tudo, mas se calhar estava muito mais próximo de os meus tios decidirem alguma coisa por mim, do que o meu Pai”. “Sim, sim, se fosse antes, iria falar diretamente com eles. Hoje em dia e épa, já tamos e as coisas que eu também tenho para falar com o meu Pai. Nós estamos a viver mais ou menos a mesma coisa aqui; é um outro espaço diferente do espaço deles lá. Sim, acabo sempre por trocar ideias com o meu tio, quando falamos e tudo, mas, já há aquela ideia, de que sim, que pode acrescentar, pode não. Mas o meu Pai sim, tá, tando no espaço e as coisas normalmente são para serem feitas cá e tudo.”

Após esta última incursão sobre o masculino, mudo para o feminino, e depois de algumas interações menos harmónicas em que se acaba por não falar de nenhum tema, surge uma interação capaz de deixar algo mais a descoberto, e que dá lugar, quando pergunto se ele via alguma semelhança entre a forma como as namoradas de lá o viam, e a avó via os tios: *“Sim, se calhar sim; a mulher punha-se nessa posição de estar de baixo de, do homem sim.”*. Sendo que uma das coisas que é dita sobre o feminino, e que reforça o que já era latente, é esta coisa da mulher, neste caso as namorada/s que teve e Cabo Verde, estarem de acordo com esta ideia de o homem ter o ascendente, não o interpelando, mas também não o complementando *“M-Então de certa maneira, ela também não te deixava ver a ti como igual, como semelhante? p-Sim, dificilmente, até porque tu estás aí, e estás dentro daquilo e tu sentias-te, tu sentias, (sim, sim) sentias-te, vais de uma relação de poder, de posse. Como eu disse, vais numa relação de poder, de posse. Tu és minha namorada e ela, acho que naturalmente, acho que aceitava aquilo e já esperava”*.

Por fim, ao ser convidado a falar das diferenças entre as relações lá e cá, Sigmundo estabelece um cá, e um lá, que pouco tem a ver com Portugal, mas sim com uma namorada alemã que encontrou cá: *“Nós conhecemos na altura da escola, e é completamente e era completamente diferente, independente, autónoma completamente, tem voz, tem presença; então é uma pessoa bastante comunicativa. Eu sendo cabo-verdiano, muitas vezes encontrava os meus amigos; logo no início e acaba por ser inconsciente; logo no início era muito difícil para ela, porque nós encontrávamo-nos e começávamos a falar em crioulo, mais rápido claro, mas ela ficava, apresentava e tudo, mas podemos, podíamos falar em português, mas e era logo e depois nós começámos, e ela fez-se ouvir a sua voz, e eu a partir daí, foi logo, também; nunca, nunca, mais, sempre com ela do lado, e agora com outras pessoas. Se, se conseguimos falar uma outra língua, porque é que vamos fazer grupo, e isso é um exemplo que se calhar”*. *“Mas é um povo que eu, e epá, isso ajudou-me muito, e epá, fui super bem tratado; aprendi imenso das várias vezes que eu tive lá; e com essa pessoa, aquilo foi; ajudou-me muito nesse processo (sim, sim) (alguns segundos de silencio) completamente”*. *“valorizar a mulher muito mais, não é? Ver que a mulher tem que tar no nossooo; no mesmo patamar do que, do que o homem”*. Aqui vemos como Sigmundo valoriza a namorada que o espelha, mesmo quando o faz quanto à sua inadequação, retirando-lhe também uma determinada forma de poder, ao fazê-lo. Namorada esta que Sigmundo acaba por descrever como estando tatuada na sua vida psíquica.

Por fim, já satisfeito e após sugestão minha, limitamo-nos ambos a concordar que as mudanças que ocorreram na sua identidade não tinham o sentido de uma fuga, mas sim, o sentido de algo que foi ocorrendo naturalmente face às novas circunstâncias a que foi exposto.

5.3.1. A representação do feminino do masculino e do casal

As representações de Sigmundo acerca do feminino e do masculino são difíceis de enunciar claramente, porque a representação do feminino está encoberta, e em função disso, a representação do masculino talvez esteja sobrestimada. Sigmundo começa por afirmar que Cabo Verde é uma sociedade machista, e que sempre fugiu disso. No entanto ao longo da entrevista, faz esforços psíquicos por manter a representação de que a sociedade e a família cabo-verdiana estão sobre a égide do masculino, apesar de também existirem vários indícios do contrário.

A partir do exemplo de sua casa, Sigmundo explica que o poder está do lado do homem, pois é sobre ele que recai o poder de tomar decisões: *“Epá, Mãe (p- a Mãe é a minha avó), vou hoje surfar, sim, sim podes ir; mas se os meus tios disserem não, hoje não vais surfar”* neste exemplo concreto, também está a dizer que é o homem que o interpela e que a mulher lhe dá poder, algo que é transversal à relação com o feminino cabo-verdiano que Sigmundo descreve. Dessa maneira, afirma que a palavra do homem é a palavra final, e que é em função disso que representa o homem como sexo forte (o que é verosímil, ainda que insuficiente), sendo exatamente desta maneira que a literatura descreve a ordem simbólica ideal de Cabo Verde. É este o modelo de uma família tradicional cabo-verdiana (Dias, 2006). No entanto, quando provocado a pensar se a sociedade cabo-verdiana seria machista na ideia, mas na prática seriam as mulheres as figuras centrais da casa, Sigmundo concorda que as mulheres seriam as figuras da casa, mas discorda na medida em que para ele seria sempre o homem a ter o ascendente, pois mesmo fora, seria ele a mandar dinheiro, usando também como argumento o seguinte excerto: *“ Não encontro um exemplo ao contrário, o homem a ficar em casa e a mulher a ir trabalhar”* argumento esse que é um tanto ou quanto falacioso, porque é precisamente pelas mulheres ficarem em casa com os filhos e os Pais ausentes de várias maneiras, que estas deveriam ter mais influencia, e não o contrário. Posto isto, parece de facto existir um movimento psíquico inconsciente de distorção, para que possa manter a ideia de que o masculino tem mais poder do que ele realmente tem, mesmo que esteja identificado manifestamente com a ideia de que é preciso lutar contra o machismo implícito à sociedade cabo-verdiana que descreve.

Sigmundo quando questionado, sobre se o facto de toda a gente costurar na sua casa, e o seu tio se ter destacado nessa área, poderia estar ligado à influência do feminino, não consegue estabelecer quase nenhuma ligação, denunciando com isso uma dificuldade na representação do feminino, ou mais precisamente, uma dificuldade de falar de si e da sua identidade, a partir do feminino: *“hmmm, eu não ia associar hmmm, sim, o coiso normal, hmmm ahhh, normalmente tu poderias pensar nisso; iá, isso é pertinente, essa pergunta que tu fizeste, porque sim, tu podias associar, mas eu não ia, ia associar, mas isso já é a minha pessoa; depois de(sim). ahhh, agora perdi-me. Mas onde é que eu ia exatamente.”* Desta maneira apercebemo-nos que o feminino teve uma preponderância enorme naquela família, e que a Avó (Mãe), foi sempre a figura fraterna presente na vida daqueles homens, pois o Avô não terá sido, uma vez que esteve *“para aí 50 anos na Noruega”*. Mas disso, não há grande registo no campo de representação do qual Sigmundo consegue falar sobre.

Ao longo da entrevista, pergunto várias vezes pelo machismo cabo-verdiano de que Sigmundo começa por falar logo na entrevista, e Sigmundo ou fala de como Portugal ou Cabo Verde são iguais nesse aspeto, ou quando questionado sobre o que tinha mudado em si quanto ao machismo, dá o exemplo da forma como representava os homossexuais antes e agora *“os primeiros homossexuais que apareceram em são vicente(...) sinto até vergonha a pensar que um dia fiz isso”*. Sendo que para esta fuga ao conteúdo da pergunta, parecem existir dois eixos de interpretação ao mesmo tempo contraditórios e complementares. Se por um lado, parecem escassos os ângulos de observação aonde o homem tem o ascendente sobre a mulher em Cabo Verde e a necessidade de afirmar esse ascendente produto de uma impossibilidade de ver e se ver a si mesmo, a partir do feminino, aonde existem esses ângulos em que o masculino estará por cima, Sigmundo pode-se genuinamente sentir demasiadamente embaraçado (com quem também diz recalçamento) para os expressar.

Logo a seguir, a ter-se expressado sobre a forma como via os homossexuais, Sigmundo diz que o tipo de relacionamento amoroso que teria com o feminino cabo-verdiano, estaria associado a um sentimento de posse e de domínio sobre a mulher (e que faz sentido ser um padrão que ele observa): *“se calhar sim, se calhar a minha namorada, era mesmo naquele sentido, de a minha namorada, de posse. É, mas hoje em dia não, nunca, já é completamente diferente; é minha namorada, mas já não é com aquele sentimento de posse”*, e é também a partir daqui que Sigmundo baseia o ascendente do homem sobre a mulher, o que segundo (Massart (2001) corresponde a um aspeto da sociedade cabo-verdiana, que se verifica. Sendo que esta procura pela posse ou domínio concreto de um outro, ao contrário do que possa parecer, poderá remeter

para uma instabilidade na representação do feminino, associada ao sentimento subjetivo de que se aquilo que se tem, não for controlado ou dominado, foge e escapa. O que significa, que embora a mulher possa sentir o homem como aquele que tem poder, psiquicamente no homem, aquilo que o move é a falta desse poder (do poder sobre si mesmo) (Kaufman, 1994). Sendo, que quando afirma que a mulher cabo-verdiana se põe de baixo e se presta a esse tipo de relação, isto é qualquer coisa que carece de explicação: “*sim, se calhar sim; a mulher punha-se nessa posição de estar de baixo de, do homem sim.*”, pois não será com certeza uma característica geral da mulher cabo-verdiana e sim particular, mas que é uma característica que se pode identificar na realidade familiar de Sigmundo? Sim, e depois por deslocamento, lá para fora. Deslocamento no seu duplo sentido, em que por um lado estimula a procura inconsciente do que já conhece, e por outro distorce aquilo que encontra. Face a tudo isto, podemos de facto imaginar que esta avó que aparentemente os terá criado sozinha, não estaria dependente do esclarecimento dos seus filhos para poder decidir, mas ao representá-los da forma como Sigmundo afirma que ela os representa (eles é que mandam), estará a permitir que estes construam uma representação de si poderosa em relação ao feminino, que é construída através do poder de influência de uma mulher manifestamente capaz de simbolizar e dar uma presença simbólica ao marido ausente, que pela sua ausência, não conseguiria impor esse tipo de presença, se não tivesse a mulher que tem. O que é ambíguo, quase paradoxal, mas aparentemente estrutural da sociedade cabo-verdiana e também fascinante.

Curiosamente, Sigmundo ao falar das diferenças entre cá e lá, na forma como se relacionaria amorosamente, dá o exemplo de que com uma namorada que conheceu cá as coisas eram diferentes, uma vez que esta era autónoma, tinha voz, e o espelhava quando era inadequado (retirando-lhe poder com isso). De certa maneira, creio que o que Sigmundo nos poderá estar a dizer, é que ela ao espelhá-lo, mesmo retirando-lhe algum “poder”, libertou-o de alguns sentimentos em relação à mulher, que não conseguiria representar bem. Pois assim, como a maior parte dos conceitos abstratos precisam do seu contrário para que lhes possamos reconhecer uma identidade (sem sombra, não conseguiríamos reconhecer a existência da luz) (Abel, 1888 cit. por Freud, 1910), os seres humanos precisam também de ser interpelados pelo outro, para construírem os limites necessários para poder delimitar a representação dele e a sua, que será possível apenas, se o outro puder ser representado separadamente e não for uma extensão sem interposição dos seus desejos ou angústias, ou seja, que o outro não seja, como algo que acaba por estar contido na descrição que faz da sua relação com o feminino cabo-verdiano, relação essa da qual já faz mais sentido que queira fugir. Sigmundo de facto, fala

desta namorada, como alguém, a partir de quem se recriou e cresceu, algo que não consegue propriamente mencionar a partir do feminino cabo-verdiano.

Sigmundo fala muito pouco da sua Mãe, mas no pouco que fala descreve-a como uma mulher intermitente e desenraizada, *“uma mulher muito intermitente em casa; trabalhava mais fora, noutras ilhas, (...) mas depois voltava novamente; então a minha avó é que é a primeira Mãe, a segunda Mãe, e eventualmente a terceira”*, o que garantidamente terá influência na forma como representa o feminino e, por acréscimo, na forma como o desloca, sendo que este feminino materno ainda que pobremente representado nesta entrevista, contrasta com o feminino da sua Avó (pouco descrito), na medida em que a Avó parece ser solidamente presente, omnipresente e constante na casa aonde cresceu. Posto isto, é possível que alguma da dificuldade representacional identificada, possa ter na base também uma dificuldade em conciliar estas duas figuras, de forma a criar uma representação mais estável do feminino, não passando tal hipótese de pura especulação.

Por último, iremos falar também na noção de casal combinado para o caso de Sigmundo, noção essa que é bastante importante para a forma como representa o feminino e o masculino, uma vez que este representa o Avô, muito possivelmente a partir dos elementos familiares, com destaque claro para a Avó, que terá sido a primordial e principal responsável, pelo respeito, consideração e importância que Sigmundo dá a este Avô, que não terá sido contruído, a partir de uma relação pessoal e próxima. É como se o materno, ao atribuir ao paterno todos os méritos, desaparecesse mesmo estando sempre presente para dar lugar e presença representacional quase absoluta ao papel do ausente. Dessa maneira, quando Sigmundo fala da preponderância do masculino, do paterno, está na verdade a falar também na fulcral importância do feminino e do materno, na transmissão dessas representações, logo, está a falar do casal e não do masculino e do feminino em separado, ainda que seja essa a sua percepção.

5.3.2. A identidade

De facto, Sigmundo quer nos fazer crer que se desenvolveu identitária e estruturalmente a partir do masculino, a partir dos seu tios, nomeadamente aquele que é estilista: *“Este tinha uma vida digamos comum, (...) não, não, não me quero identificar com isso, é mas pronto e o meu tio era muito mais livre e assim como eu estou a ser hoje em dia também”*. Aqui, Sigmundo diz também que é pelo seu tio estilista que se consegue medir e avaliar, o que é bastante importante para a

representação que faz da sua própria identidade, algo que tem a ver com o poder que o masculino paterno exerce sobre si.

Sigmundo baseia o seu desejo de expansão, assim como todo este proveito que faz das possibilidades que Lisboa lhe abriu, a partir do facto de ter nascido numa ilha e ser cabo-verdiano, algo que aparece de facto na literatura como uma parte da identidade cultural dos homens, que vai além do argumento objetivo de migrar para providenciar sustento à família, uma vez que isso muitas vezes deixa de acontecer pelo caminho, e novas famílias se formam (Ferreira, 2016): *”Um Cabo-verdiano! é para fora, é do mundo.”*, assim e a partir da figura do seu tio estilista, que embora local parece ter uma personalidade artística que o faz estar em contacto com muitas pessoas e mundos diferentes, podemos ver uma parte desta identidade expansiva com a qual parece ter uma boa relação e parece ter sido genuinamente construída a partir do seu tio e da cultura do masculino cabo-verdiana que é descrita pela literatura nestes termos (Lobo, 2012)

Por último, de referir também que em relação ao masculino paterno, Sigmundo parece estar confortável. Admite a extrema influência do seu tio, mas também que hoje é autónomo e que o que ele diz pode ou não acrescentar, algo que eu creio que pode ser interpretado à letra *“Se calhar, o meu tio poderia decidir por mim. Hoje já ninguém decide por mim, já sou um homem feito e tudo”*. Com o seu Pai, reconhece diferenças, e que este nunca terá tido a mesma influência que os seus tios chegaram a ter sobre ele, que nunca terá sido o Pai que estes foram para si, mas que hoje em dia, faz até mais uso da sua relação com o Pai do que com os seus tios *“mas, já há aquela ideia, de que sim, que pode acrescentar, pode não. Mas o meu Pai sim, tá, tando no espaço e as coisas normalmente são para serem feitas cá e tudo e o meu Pai, é uma boa pessoa que eu”*. Aqui, Sigmundo acaba por expressar como as figuras paternas estão bem arrumadas dentro de si, mantendo relações diferenciadas com elas. Reconhece o lugar de maior importância que os tios têm na pessoa que é, mas hoje retira mais das comunicações que estabelece com o Pai por viverem num espaço que considera semelhante. Tudo isto remete, para uma flexibilidade psíquica útil para a sua vida.

Claro que estas figuras muito bem arrumadas do masculino só parecem ser possíveis através do desmentido da influência do feminino, de maneira que o que se observa no discurso que apresenta para explicar a sua identidade é verosímil e verdadeiro, mas só em parte, pois também existem algumas e óbvias idealizações do masculino, que implicitamente terão outro tipo de conteúdos por detrás, e que Sigmundo não consegue expressar bem, ainda que haja uma clara tendência para idealizar mais fortemente a cultura cabo-verdiana do que o indivíduo cabo-

verdiano das suas relações próximas; até pelo facto de sentir prazer na mudança, mesmo que esta possa significar a perda, de uma representação inflamada do masculino, o que só deverá ser possível, por causa de um sentimento identitário que aparenta sentir e lhe possibilita flexibilidade psíquica, o que é positivamente contrário ao tipo de idealizações que estão em estado puro (estas sim, patológicas, ligadas às recusas e não aos recalques, como parece ser o caso): *“o meu processo de educação lá em casa foi completa(...) continuas sempre a crescer; (...) a minha maneira de estar na vida; as bases todas de lá(...) chego a esta cidade fantástica”*.

Por causa de tudo isto, mesmo que possamos identificar a instabilidade e a neblina à volta da representação do feminino cabo-verdiano, e a necessidade de dizer que se está completo, com o sentimento de que não se está; e hajam de facto, algumas incoerências no seu discurso; é verdade que parece ter também construído um sentimento identitário estabelecido, em grande parte, a partir das suas identificações aparentemente concluídas ao masculino, o que poderá explicar esta capacidade de se alterar consoante as circunstâncias, modificar-se e abrir-se, sem ficar descaracterizado, ou negando quem é. *“Acho que na verdade, só precisava de ver (sim), uma outra realidade para inverter as coisas (para acor) porque foi super fácil”* Desta forma, parece ser a parte do masculino, que não consegue reconhecer o papel do feminino, fortíssimo na sociedade cabo-verdiano, aquilo de que se queixa quanto ao machismo, e não a impossibilidade psíquica de estar mais próximo do feminino (ainda que seja difícil). Qualquer coisa do tipo, como é que eles não me ensinam a dar valor à mulher, porque é que eu não consigo aprender isso, vindo do masculino, com quem me consigo relacionar e identificar mais facilmente.

Por último, também de referir que esta identificação manifesta, quase total quanto ao masculino, parece ter sido construída e proporcionada principalmente pelo materno da Avó, pois é este que indica o caminho que lhe permite sentir-se satisfeito com uma parte importante da sua identidade masculina, ao expressar através da palavra final dos seus tios que estes enquanto homens é que sabem melhor o que é que é melhor para ele, que ele os pode continuar a procurar sem as ambiguidades fortíssimas (ainda que não inteiramente) que encontramos por toda a literatura de Cabo Verde com relação ao masculino, sentindo-se mais completo, quanto se conseguir sentir mais próximo representacionalmente das suas referências masculinas paternas *“não, não, não me quero identificar com isso, é mas pronto e o meu tio era muito mais livre e assim como eu estou a ser hoje em dia também.”* o que faz também com que embora longe fisicamente da sua referência fundamental masculina (migração), e com a consciência de que pelo facto de Portugal ser diferente de Cabo Verde os conselhos e as conversas com o seu tio

nem sempre são as mais uteis, Sigmundo consiga provavelmente aproximar-se mais dele psiquicamente pelos caminhos da sua construção identitária, simbolizando-o até melhor.

5.3.3. Fuga ao feminino

Para falarmos da fuga ao feminino, podemos talvez começar por retratar um aspeto da forma como se representa, e que se liga intimamente àquilo que julgamos estar na base de uma fuga ao feminino que Sigmundo acaba por não expressar uma só vez de forma direta e manifesta.

Sigmundo está sempre a referir as imensas possibilidades que Lisboa lhe oferece, e o processo de transformação associado à migração que fez dele muito mais aberto e expandido: *“Os meus horizontes alargaram muito; quando cá cheguei”*; *“coisas, muito mais coisas; abrir, portanto, conhecer gente de toda a parte. Até o meu trabalho, é um pouco sobre isso, e vou abrindo.”* Mas também podemos dizer que é muito conservador na forma como representa um número considerável de coisas, e que toda esta abertura de que fala, não se traduziu numa visão muito amplificada da sua cultura e família, aonde Sigmundo opta por percorrer trilhos seguros e estruturantes, pois no fundo o que acaba por dizer da mulher cabo-verdiana está de acordo com uma representação tatuada na tradição cabo-verdiana, aonde esta é submissa em relação a um masculino, que é quem manda mesmo estando ausente e emigrado: *“Não encontro um exemplo ao contrário, o homem a ficar em casa e a mulher a ir trabalhar para pôr (sim, sim, claro), do que eu vi, eu não encontro um exemplo assim.”* De facto, parece-nos a nós que este pequeno exerto demonstra bem, que Sigmundo, munido de estratégias psíquicas inconscientes como o recalçamento e o desmentido, procura ativamente nas realidades que constituem a sua realidade, as coisas que mais o estruturam e lhe dão estabilidade, ou seja, procura o masculino e deixa cair completamente o feminino, que quer pelo excesso de proximidade, muitas vezes considerado pela literatura como desorganizador da construção de uma identidade masculina (Afonso, 2007) quer por outros motivos que não nos deixa olhar de perto, (como, por exemplo a Mãe intermitente de quem não fala); o levam a esquivar-se das perguntas que lhe faço acerca dele.

O que quero dizer com isto é que Sigmundo não consegue representar o feminino cabo-verdiano, se não por referência a um discurso que está fora dele, fora do que sente na relação com o feminino, e isso deverá acontecer porque este o faz sentir-se instável e ameaçado identitariamente, ou não é ele que se esquiva de todas as perguntas que faço à cerca do feminino, como quando não consegue ligar a influência do feminino na carreira do tio, ou no costume familiar *“tu podias associar, mas eu não ia, ia associar, mas isso já é a minha pessoa”*, ou como quando pergunto por machismo cabo-verdiano e me fala de como era preconceituoso em

relação aos homossexuais “*os primeiros homossexuais que apareceram em são vicente*”, ou quando lhe pergunto pelo machismo cabo-verdiano e me fala de Portugal “*estou numa sociedade machista também, porque eu considero Portugal também*” tudo isto são fugas de falar da relação do masculino com o feminino e portanto, fugas a um feminino que não consegue representar de forma estável e complementar, a não ser por intermédio de um discurso que toma de emprestado ao politicamente correto.

Mesmo a forma como se recrimina pela relação de posse não subjetivada que em Cabo Verde estabelecia com o feminino, reflete esta dificuldade em posicionar-se perante ele e em sentir estabilidade ao lado de toda a mulher que não aquela que descreve como muito estável(alemã), e com quem pôde contar(assertiva, pontual e etc.), mas que é no fundo a única mulher de quem consegue falar, por mais que o seu discurso afirme a necessidade de falar do equilíbrio de forças entre o feminino e o masculino; “*também nessa geração, que o homem e a mulher com os mesmos cargos, pois o homem ganha muito mais, a mulher ganha menos*”. A um nível íntimo, que fale da própria experiência, não consegue representá-lo se não de uma forma distorcidamente desequilibrada em relação ao masculino. Pois, tirando essa namorada que teve, não há de facto outra mulher que ele consiga usar para falar de si, e mesmo através das descrições de como costumava ser possessivo, ou das relações atuais, “*Agora com os netos é que... avacalharam isso tudo (risos dele) (sim, sim) nós é que os netos, eu; nós é que já saímos da linha*” Sigmundo acaba por afirmar que embora hoje respeite a mulher, não quer uma proximidade muito grande, assim como a relação intersubjetiva que essa proximidade ameaça promover, que traz com ela uma reestruturação identitária, ou seja, um período de instabilidade em que dois diferentes tentam erguer um terceiro entre ambos, a partir do qual podem conquistar uma nova estabilidade. Algo que parece ser muito difícil na sociedade cabo-verdiana, devido as intensas relações de poder que parecem existir entre o feminino e o masculino atual (Lobo A. , 2012; Fortes, 2013; Massart, 1989-2009).

6. DISCUSSÃO

Na discussão iremos essencialmente destacar o que das duas narrativas se relaciona entre si, o que contrasta, se assemelha e pode explicar o que se encontra na outra entrevista, fazendo-o de forma a que se possam construir mais pontes entre o enquadramento teórico e os grandes temas.

Ao analisarmos a narrativa de Atlas e de Sigmundo, podemos começar por observar que a forma como representam o feminino e o masculino cabo verdiano é essencialmente inversa; Atlas de

facto possui uma visão altamente diferenciada, delimitada ao mesmo tempo que psiquicamente criativa do feminino, com o qual se posiciona sempre de uma forma ambígua e rica, enquanto Sigmundo parece ter uma representação do feminino, instável e com a qual tem dificuldade em posicionar-se ao nível das representações.

Em Atlas por um lado, observamos que o materno da Mãe é de diálogo impossível, castrador, rígido e até destruidor da representação de si, mas isso não anula as características de força que valoriza nessa Mãe, por outro, o materno, da irmã, é digno de todo o seu afeto, seja pelo sacrifício, pela sua capacidade de contenção e amor inesgotável, mas também porque compensou todas as características da sua Mãe, a quem não conseguiu dar sentido na relação direta. O materno cabo-verdiano para Atlas, no geral, é extraordinário, forte e central, mas alimenta, assim como a sua irmã e a sua Mãe (de forma antagónica), os defeitos e as vicissitudes do seu masculino cultural, por causa das formas como se posiciona perante ele. Uma vez que o poder de influência está do lado delas, pelo dependente que os homens são delas e porque o paterno é representado por ele como solitário, irresponsável, distante, pobre na relação com a família, e possivelmente rico na relação com ele mesmo, com o mundo. No fundo, para Atlas, a sociedade cabo-verdiana sem o homem funciona, sem a mulher não existe. Para Atlas o Paterno é central na sociedade cabo-verdiana, pela sua ausência, pela falha, pela sua fraqueza mascarada de força.

Já em Sigmundo, não é que sejamos capazes de encontrar o inverso simétrico de Atlas na representação do feminino e masculino, mas encontramos ao nível da sua representação uma sociedade cabo verdiana absolutamente contrária, na qual o ascendente está destacadamente do lado do masculino e do paterno, e em que um dos seus problemas é a desigualdade de forças entre géneros, por causa de um inflamando ascendente do masculino. Assim, Sigmundo representa o feminino cabo-verdiano, como intermitente, desenraizado a partir da Mãe; presente, não interpelante, mas sem voz e grande influência a partir da avó, passivo e disponível para ser dominado e submetido a partir do feminino com que se relacionou amorosamente (no geral). De forma oposta, representa o paterno como estável e principal responsável pela manutenção da estrutura familiar através da remessa do emigrante; e logo como principal responsável pelo sucesso das suas relações com o feminino. Representa também o masculino como rico identitariamente através do seu tio, capaz de tomar decisões, mas também machista e por isso mesmo prepotente em relação à mulher, o que considera moralmente condenável. No entanto, se através do olhar de Atlas o masculino cabo-verdiano é destruído ao nível das representações, denunciado, tornado quase ridículo, por oposição a um feminino de qualidades

e forças múltiplas que limpa e compensa o desastre que é o masculino paterno; em Sigmundo, o feminino é quase puro e simplesmente apagado e impossível de representar quanto à influência que terá tido na sua identidade, pois não é propriamente capaz de se referir a si mesmo a partir dele, nem de o encontrar numa realidade que esteja de acordo com a literatura. O que se liga, embora não totalmente, às descrições do masculino cabo-verdiano que Atlas faz, que embora totalmente dependente e tornado possível quase exclusivamente a partir do feminino, reivindica para si o estatuto de sexo forte, o direito à atitude psíquica do machismo.

E no entanto, mesmo sendo para nós mais fácil tomar como mais próximas, sofisticadas, específicas e abrangentes as descrições de Atlas em relação à sociedade cabo-verdiana, é-nos perfeitamente possível perceber as realidades de que falam ambos, sem que seja necessário negar a sua verdade em ambos dos casos, uma vez que as descrições do masculino de Sigmundo são verosímeis, assim como as que faz da sua dinâmica familiar, mesmo que se encontre um atitude psíquica estratégica, na forma como desmente, ou se desvia de se pensar e pensar a sociedade cabo verdiana a partir do feminino, e tenha a capacidade de levantar das suas várias realidades, aquelas que o estruturam e lhe permitem construir um sentimento identitário, em relação ao qual se consegue posicionar com mais facilidade e logo com mais qualidade.

De acordo com a literatura, aquilo que percebemos é que a família com quem Sigmundo passou uma grande parte da sua existência está bem assente na ordem simbólica tradicional de Cabo-Verde (Lobo, 2012) aonde a figura paterna, da qual o seu avô é símbolo, sacrifica super egoicamente estar próximo da família para que esta possa proliferar economicamente. E a partir desse sacrifício, que se traduz na possibilidade da mulher e os filhos não se terem de preocupar com a sua subsistência, o paterno habita e molda a casa, mesmo não estando lá fisicamente, pois é procurado e está presente simbolicamente. E é isto que habita o discurso de Sigmundo que muito provavelmente terá sido transmitido pela avó e retransmitido pelos tios.

De acordo com Winnicot (1971/1989), o materno deve ser pensado a partir do círculo em que está incluído, e que a sua relação dual com o filho, é, na verdade desde o início, uma relação triangular. A qualidade do contacto, o que projeta e fantasia o materno sobre a criança ou sobre o bebé, é afetado pela sua relação com o paterno. Dessa maneira, o materno é também um produto do que o rodeia e, nesse sentido a sua Avó parece de facto ser capaz de incluir o seu marido num espaço que ele não habita. Parece ser capaz de significá-lo à distância e torná-lo positivamente presente pelo que projeta no masculino dos seus filhos e netos, ainda que com a paradoxalidade de desaparecer ou não conseguir chegar a existir nitidamente no campo de representação de Sigmundo.

O que nos poderá fazer pensar que é através do sentido de gratidão que a sua avó tem em relação ao masculino que projeta sobre os seus descendentes, a figura de um masculino que podemos imaginar como determinante, poderoso, honrado e possivelmente uma série de outras características, as quais não temos acesso. Já Atlas, descreve a sua Mãe, pessoa que consideramos fundamental para perceber o porquê da forma como se posiciona perante si próprio, pela forma como terá contribuído para destruição de um Pai interno com que sentisse que devesse desejar identificar-se. Pois a Mãe, o que faz, é tentar tirar o Pai dentro de Atlas, para ver se ele não fica igual a ele, o que naturalmente não fez com que ele saísse, mas sim com que ele se danificasse e, por consequência natural, danificando Atlas também, que como o próprio afirma, não considera o seu Pai um mau homem, apenas o considera um homem com o qual sente que não se pode, ou se deve identificar, o que não quer dizer que não se identifique. Identifica-se sim, mas de forma depressiva. O que faz com que o seu Pai seja, a partir de um materno, que afirma o seu “poder”, ao ser capaz de destruí-lo, ao contrário da Avó de Sigmundo que afirma a sua “dependência, fraqueza” ao construir o paterno dominante e importante nos seus descendentes e não, em si mesma.

No parágrafo anterior podemos ver que as figuras paternas distantes estiveram sempre presentes nas psiques de ambos, e que não é pela ausência destas, que não foi possível constituir uma identidade masculina destacada de uma identidade feminina. Muito embora o feminino tenha tido capital importância a esse nível, pois ambos são identificados por eles como tendo identidades masculinas distintas e muito carregadas.

Outro dos aspetos que identificamos como comuns a Atlas e Sigmundo; é o aspeto da identidade masculina cabo-verdiana referenciada na literatura, que é descrita como um Self expansivo, sempre com o desejo de estar em movimento, em busca de se sentir independente dos outros e de se enriquecer narcisicamente (Massart, 1989-2009). Tendo também em comum o facto de partilharem estes traços, a partir do masculino, ao qual é possível ligar manifestamente às suas referências paternas e nomeadamente na relação com o feminino, do qual ambos, de forma muito diferente, considerámos que fogem, compensando, e também dessa forma problematizando e retirando espaço ao desejo e necessidade de simbolizar o feminino, através dos investimentos narcísicos, que estão implicados na definição que usamos de Self expansivo. Mas com a diferença fundamental quanto aos sentidos íntimos e a evolução que este traço apresenta nos dois, na qual se poderá, em quase tudo, ser considerada contrária e muito diferente, com esse contrário a estar marcadamente ligado ao tipo de relação com o feminino materno da Mãe, no caso de Atlas e da Avó no caso de Sigmundo.

Posto tudo isto, começamos por destacar a cultura que como já revimos fala do ethos da migração como algo que começou vindo uma necessidade física ligada ao bem comum e à subsistência da família, mas que com o passar das gerações tendo sentidos diferentes e mais autocentrados no caso do masculino e, dessa maneira se tornou em grande parte, algo que começou a pôr em causa o funcionamento da família na condição de dependência do masculino.

Naturalmente que ao descrevermos que as características deste Self são difíceis de complementar ou juntar à ideia de família, estamos a falar indiretamente quer num caso quer no outro, da aproximação às figuras masculinas e da fuga ao feminino, que em ambos os casos será sentido como se os restringisse, ainda que de forma muito diferente, pois em Atlas esta restrição estará ligada à impossibilidade de se sentir ao nível dos seus ideias, de se sentir à altura do feminino. Em Sigmundo está ligado à instabilidade das representações do feminino, que quando junto dele o fazem sentir-se instável, e à impossibilidade de conseguir coincidir os ideias, as representações de estabilidade que tem da sua família desenhada a partir da figura poderosa e assimétrica do masculino paterno, com a sua nova consciência dos direitos da mulher e da necessidade de igualdade entre géneros, assim como do seu desejo de expansão, de liberdade, de novas possibilidades, experiências e pessoas.

Destacando agora o papel das relações de objeto para sentido íntimo diferenciado do traço comum do Self expansivo, comecemos por dar atenção á narrativa de Atlas quando nos apercebemos que esse traço da sua personalidade terá tido o seu apogeu na infância, e que se terá vindo a alterar sem desaparecer, em função de uma série de ocorrências, que tomaram lugar na sua psique. Atlas descreve a sua infância a partir das suas referências paternas, na qual se destacava como superdotado, um individuo excepcionalmente motivado pela sua curiosidade que planeava viajar e conhecer o mundo de forma incessante. No entanto, percebemos que esta sua característica foi perdendo fulgor, mantendo-se, mas sem o sentido promissor de outros tempos, passando a falar de forma desencantada, passando a falar desse aspeto, expansionista e viajante, como desapontante.

Em Sigmundo encontramos o contrário, pois embora comece sua entrevista a desvalorizar Cabo Verde e a ele mesmo a partir de Cabo Verde, ao longo da entrevista acaba por fazer exatamente o contrário, valorizando Cabo Verde e usando as suas referências de lá, como ingredientes essenciais, para as entusiásticas possibilidades que no seu discurso soube e pôde encontrar em Lisboa. Uma vez que conta a sua história, do fechado para o aberto, como se o sentimento identitário que possui tivesse sido um processo de construção que foi sendo melhorado ao longo do tempo e excedendo até as expectativas. Uma vez que vai insistindo no quanto se foi abrindo

ao longo do tempo, assim como vai referindo o quanto se vai aproximando identitariamente das suas figuras paternas, ao mesmo tempo que vai ficando menos dependente e próximo fisicamente destas.

Posto tudo isto, creio que será possível afirmar, que nesta dimensão identitária que ambos partilham, se encontram sentimentos opostos, e se na narrativa de Atlas usaríamos a palavra decadência para descrever o que ele sente que aconteceu à sua infância “prodigiosa”, na narrativa de Sigmundo seríamos modestos se usássemos a palavra evolução para descrever a exuberância de sentimentos positivos e eufóricos que Sigmundo parece ter para com a fase adulta, quando comparada com aquilo que nos vai representando do seu passado. Desta maneira, são semelhantes, mas muito diferentes na forma como experienciam este traço que têm em comum.

Para terminar, talvez seja oportuno referir os fenómenos que a interpelação, nalguns casos a castração possibilitou, seja na forma como Sigmundo se pode sentir agradecido e criado a partir dessa sua namorada alemã que se afirmou, que o espelhou, o interpelou e lhe deu dessa maneira uma representação mais estável e possível de enunciar do feminino, seja pelo facto de Atlas ter uma representação positiva do materno da irmã, que demonstra ao ser capaz de a significar como o diametralmente oposto daquilo que não consegue gostar, não odiar na sua Mãe, ao mesmo tempo que é capaz de gostar dela, sem se sentir ameaçado e instável por não a conseguir representar e limitar da forma que descreve o seu sobrinho, que não consegue encontrar nela limites. Nesse sentido, o uso psíquico que faz da sua irmã parece claramente positivo mesmo que tenhamos dúvidas de que seria capaz de tolerar a pressão inerente, a estar com alguém como ela. Pois, no seu caso parece que por mais voltas que dê às suas ideias, por melhores que sejam as seus ideais e reflexões, não está nem consegue estar á altura deles(delas). Parece que durante a sua vida o sentimento positivo que lhe advinha das figuras paternas foi sendo esvaziado, esmagado, retirado.

Já em Sigmundo, aquilo que é patente no seu discurso foi esta descoberta de que afinal, a maneira de ser do homem cabo-verdiano não está de acordo com muitos dos ideais que agora tem, mas isso não tem o efeito de o deprimir, ou intimidante fazê-lo mudar de opinião acerca de quem é o sexo forte em Cabo-Verde, de quem ele próprio é a partir dessa representação fálica. Esse sentimento parece manter-se, independentemente de a imagem do masculino de quem era, ficar muito criticável. Pois o sentimento de quem é, permanece preenchido, mantém-se, e é em função dele que os ideias são reordenados. Não há um sentimento de desrealização, mas sim o de conquista de um estado mais avançado. Como ele próprio diz, tornou-se num

cabo-verdiano mais consciente, mais aberto, mais livre, mais como o seu tio, mais próximo do seu Pai e tudo mais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as considerações finais tentemos então, ligar o enquadramento teórico com a análise dos dados, começando por aplicar os elementos da equação semântica que dividimos em três partes e usámos no enquadramento teórico para os dois casos.

A primeira parte era a seguinte: os lugares de onde se vem, enquanto teórico, ser psíquico ou migrante, fazem sempre parte da explicação sobre os lugares aonde se chega. Quanto a esta parte, podemos pensar na ligação que existe entre a inscrição identitária de Sigmundo construída a partir dos seus tios e da cultura cabo-verdiana (o tal ethos da migração) na forma como consegue significar todas as possibilidades e riquezas culturais que encontrou em Lisboa. No caso de Atlas, podemos pensar que a forma tão forte como significa a irmã é consequência da relação penosa e dolorosa que tem com a Mãe, que pode ser literal e simbolicamente definida como o lugar de onde vem.

Na segunda parte da equação tínhamos os lugares aonde se chega, que contêm sempre tanto dos lugares de onde se veio, alteram também a representação desse lugar. No caso de Sigmundo podemos pensar na sua relação com a namorada alemã, que o terá feito alterar a forma de se posicionar perante o machismo cabo-verdiano, alterando, ou forçando-o dessa maneira a alterar a representação do lugar de onde veio. No caso de Atlas, podemos pensar na sua Mãe que conseguiu representar de forma diferente, quando deixou de viver com ela, passando a valorizar e ver nela uma outra pessoa, através da realização de todos os seus sacrifícios e feitos que esta fez em nome da sua família, o que de perto, por causa das relações de poder e das projeções tão intensas não lhe era possível ver.

Por último: para aquele que fica, o que parte não parte da sua psique, ocupando-a por vezes mais do que alguma vez a iria ocupar se nunca tivesse partido. Aproximadamente para este caso, podemos pensar na migração de Sigmundo, que o permitiu sentir-se próximo do seu tio ao ter ficado ou ao ficar mais perto de completar a identificação com ele, ou mesmo na situação do seu Avô, que ao partir permaneceu presente simbolicamente, de uma forma que provavelmente não seria a mesma se tivesse ficado. No enquadramento teórico falamos na quantidade de características do ideal masculino cabo-verdiano, que só poderia ser compatível para o outro, para a família, em caso de migração, o que implica um outro diferente e até mais

organizador do que aquele que existiria se tivesse ficado. No caso de Atlas, podemos perceber que o Pai ao se distanciar, e ao ter a Mãe por perto a tentar destruir a sua representação dele, foi permanecendo muito presente, mas também muito diferente representacionalmente.

De destacar também, uma das características das duas narrativas que se expressam de forma contraditória e que se ligam ao enquadramento teórico, e que de forma sucinta e imprecisa se pode simbolizar da seguinte forma: o sentido psíquico do que não tem sentido e a falta de sentido psíquico do que faz sentido.

Tentando elaborar um pouco as coisas de modo a que seja possível clarificar o sentido desta equação semântica aparentemente paradoxal, usemos para começar o excerto da entrevista de Sigmundo no qual ele afirma o seguinte” *É a remessa do emigrante que enviava sempre dinheiro para casa (...) Não encontro um exemplo ao contrário, o homem a ficar em casa e a mulher a ir trabalhar para pôr (sim, sim, claro), do que eu vi, eu não encontro um exemplo assim*”. Este excerto particular é revelador de como aquilo que não tem sentido, pode fazer todo o sentido psiquicamente; pois é a ausência do paterno no geral que deveria dar a força ao feminino na sociedade cabo-verdiana, que o substitui de inúmeras formas (Fortes, 2013). Posto isto, aquilo que podemos perceber é que pela forma como a sua estrutura familiar está significada, simbolizada, ou seja, pela forma como ele se estrutura, a partir da ordem simbólica manifesta da sua família, que o leva a ver na cultura cabo-verdiana exclusivamente o que o organiza psiquicamente, mas que numa configuração geral não parece lá estar, dando-nos a sensação de que esse machismo de que fugia, é o machismo ao qual se tenta agarrar com muito esforço, pois deixa cair e recalca todos os exemplos que trariam instabilidade a esta versão muito ficcionada, mas psiquicamente muito útil das coisas; inclusive na sua própria família a partir do seu Pai e Mãe temos exemplos dessa ordem simbólica quebrada. Dessa maneira a sua representação da cultura cabo-verdiana parece ter sido apreendida de um livro de regime ditatorial, que tenta passar uma imagem muito idealizada de uma qualquer realidade irreal, ainda que seja uma realidade fundamental para a forma extremamente positiva, numa grande maioria dos casos, de como consegue significar a experiência e, que está longe de o deixar estático psiquicamente, uma vez que demonstra também uma enorme alteridade e flexibilidade em relação a outras dimensões da sua vida psíquica.

Em Atlas, de forma oposta, reconhecemos-lhe uma enorme capacidade de ver as coisas para além do manifesto, para além da forma como lhe são contadas, reconhecemos-lhe a capacidade de dar explicações que não precisam de ser interpretadas para terem um sentido psicanalítico válido. Nesse sentido, as descrições que faz do desmentido do masculino cabo-verdiano, a

forma como consegue implicar o feminino que ele admira, naquilo que desvaloriza no masculino, ou mesmo a capacidade de refletir sobre o porquê da representação danificada que tem dos dois Pais, refletem uma enorme capacidade de ver a sua própria cultura, e os motivos que o explicam e a explicam, mesmo nas suas faces obscuras, latentes e inquietantes. Tudo isto apesar da ambiguidade depressiva com que se coloca perante o materno, o paterno e o seu irmão e o “casal combinado” e por consequente perante si mesmo.

(Devereux (1967a) escreve que um dos objetivos do etnopsicanalista é o de ser capaz de se desapegar progressivamente dos significantes da sua própria cultura e do seu próprio Self, desconstruindo-os e analisando-os através dos fenómenos contra-transferenciais, para assim poder ver e compreender outras culturas com maior nitidez. Mas definitivamente que nem todos o farão a partir de um método instituído e, em Atlas muito embora a capacidade que lhe reconhecemos de ver o outro esteja relacionada com a sua capacidade de olhar para si mesmo de uma forma mais profunda, em algum momento isso nos parecerá uma escolha, pois parece que terão sido as circunstâncias muito específicas da sua existência, que o terão levado a desconstruir os pilares aonde costuma assentar uma parte tão fundamental da identidade do homem: como a cultura, o paterno e o materno(todos naturalmente interligados).

Dessa forma o que se constitui como problema não é aquilo que ele vê, que teve eco no seminário de dissertação, e pode ser confirmado pela literatura, mas sim a forma como estas coisas que vê, se inscrevem nele, o sentido que têm, e que nos dão a sensação de que por mais que os fenómenos que sobrevoam a sua realidade sejam capazes de ornamentá-lo por dentro, que cada pessoa de que fala ocupe um lugar diferenciado, rico e importante dentro de si: seja o seu Pai, irmão, irmã, Mãe, primo a que chama de Pai, mulher que considera sua tia, a senhora que o inclui na sua família. E de que por mais que consiga guardar uma distância crítica em relação às coisas, a partir da qual consegue amplificar a representação que faz daqueles que o rodeiam e de si mesmo, fica a sensação que se sente aprisionado numa lugar psíquico rodeado de grades de nevoeiro que o fazem sentir-se imóvel, o que é verdadeiro, por mais que tudo o que foi sendo dito até aqui seja testemunho da forma como se move bastante, e dos recursos que apesar de tudo apresenta. Tudo coisas que nos terão levado a escolher para si o nome do titã Atlas, por ser dono de um mundo, mas sentir-se nele prisioneiro, amaldiçoado, sem lhe conseguir dar sentido suficiente, para despir de si um sentimento melancólico. Já para não falar, que muitas das coisas que identifica “bem” em tom de acérrima crítica nos outros, as identifica em si mesmo de forma obscura, naquele círculo vicioso que tem de ser quebrado, no fantasma que tem de ser expiado.

Por último, referir outro aspeto da sua identidade, que está ligada ao que já foi referido no enquadramento e tem que ver com a conceção kleiniana de depressão, na qual esta pode ser considerada como sentimento implícito e necessário à alteridade.

Desta maneira creio que podemos em parte explicar a capacidade que Atlas tem em descrever as realidades que o rodeiam, de reelaborar os seus familiares e a si mesmo, ao implicar-se a si próprio na forma como os tratava e representava, à possibilidade de poder deprimir, da forma como Klein descreve a posição depressiva, *“quando tu és criança ou adolescente, tu não consegues ver isso, e achas que aquilo é obrigação, porque tu, tu tens... tiveste filhos e eu já pensei assim. mas não, a escolha dela foi ter os filhos, mas também foi lutar por eles”*. Aqui Atlas consegue abstrair-se de alguns dos ressentimentos que têm fundamento para aceder a lados dignos de valor na sua própria Mãe (que nós reconhecemos também), sendo que é natural que uma parte dele sinta que foi injusto para com a Mãe na sua adolescência, e que isso não aconteceria se tivesse mantido a sua perspetiva original. O problema será a dificuldade em separar o que foi do que é, transitar da culpa para o que está do outro lado e que consegue fazer ao nível da representação do outro, mas não de si mesmo, pois fica sempre grudado a um sentimento depressivo, o que é particularmente evidente quando descreve a sua relação com seu irmão por quem se gratifica e culpabiliza ao mesmo tempo. Sigmundo nesse aspeto é exatamente o contrário, a representação do outro, nomeadamente da cultura cabo-verdiana, mantém-se estática, mesmo que as ideias mudem e ele mesmo também. Sendo que também não dá qualquer sinal de algum sentimento depressivo. A transição de um estado para outro, do sono para o despertar, do machismo para o cabo-verdiano consciencioso, do fechado para o aberto, é sempre a subir, parece nunca ter de descer à fenomenologia da depressão.

Já em tom de últimas conclusões, se de facto era pretendido captar neste trabalho, o universo representacional do masculino, assim como os processos intersubjetivos subjacentes à sua identidade, creio que os resultados terão dado uma resposta afirmativa a esta proposta.

No fim deste laborioso trabalho, concluímos quanto ao essencial, o papel das relações intersubjetivas na forma como a realidade cultural é apreendida e representada, o modo como as representações se alteram e constroem sem perder preponderância, mesmo na ausência dos objetos de representação. Aprendemos também o modo como o feminino e o masculino pode ser representado e interiorizado através do casal simbólico; o papel preponderante do feminino na construção do sentido de identidade masculina na forma como representa e significa um masculino distante, o papel e o sentido de referência, assim como a mutabilidade psíquica passível de ser construída a partir desse masculino distante. Identificamos também uma fuga ao

feminino, no masculino, face a modos diferentes de estar demasiado próximo. Compreendemos também, o papel positivo da interpelação, na possibilidade de representar o outro e os outros, independentemente dos múltiplos sentidos, nem todos psicologicamente positivos destas interpelações.

Concluimos também que algumas das relações que fomos estabelecendo carecem de uma amostra mais alargada que permitisse interpretações mais precisas do material observado e generalizações mais abrangentes acerca dos sentidos do masculino cabo-verdiano através da captação das invariantes encontradas nas narrativas, que por só terem sido duas, terão certamente as suas falhas, de modo que mais entrevistas poderiam ajudar a ultrapassar alguns obstáculos. Creio também que para estudos futuros, seria particularmente importante estudar o feminino cabo-verdiano através deste método. Seguramente que fazendo esse trabalho com os elementos femininos das famílias dos dois entrevistados, se poderiam confirmar, confrontar e até enriquecer algumas das conclusões que se foram retirando e, o mesmo é válido para o feminino no geral.

Mesmo para terminar, deixo aqui um testemunho pessoal, do modo como acredito que este trabalho terá contribuído para a minha formação como psicólogo. É, de facto, notável a quantidade de sentidos que somos capazes de retirar, de duas entrevistas de tempo não superior a uma hora. É notável também a forma como esses sentidos vão surgindo ao longo tempo, assim como a diferença que existe entre o que se pensava que lá estava, horas, semanas depois de se começar a refletir sobre elas e o que lá está meses depois, ou quando se é obrigado a escrever e a ligar as coisas. Desse modo, senti este tipo de trabalho como extraordinário, na sua capacidade de nos fazer amplificar a representação do humano, de o tornar inacabado e fazer sentir que em relação a tudo, há sempre espaços vazios que é possível preencher, sentidos por descodificar. A possibilidade de ao pensar o que se ouve, estar ao mesmo tempo a recriar, a constituir de uma outra forma as narrativas, que dessa maneira passam a abrir possibilidades diferentes é particularmente útil e fascinante também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, J. d. (2007). Análise Psicológica, 25(3). *Masculino e Feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica*, pp. 331-342.
- Bergeret, J. (1974). *PERSONALIDADE normal e patológica*. Porto Alegre: ARTES MÉDICAS.
- Bertol, C. E., & Sousa, M. d. (2010). Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. *Psicologia: ciência e profissão*, 30(4). *Psicologia ciência e Profissão*, pp. 824-839.
- Bettelheim, B. (1954). *feridas simbólicas*. Lisboa: MORAES EDITORES.
- Bion, W. (1962/1991). *Learning from experience*. London: Karnac.
- Bonnard, A. (2007). *A Civilização Grega*. Lisboa: Edições 70.
- Devereux, G. (1955). Culture and the unconscious. Em G. Devereux, *A Study of Abortion in Primitive Societies* (pp. 76-89). New York: Julian Press.
- Devereux, G. (1967a). *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*. The Hague and Paris: Mouton & Co.
- Dias, J. B. (2006). projetos migratórios e relações familiares em Cabo Verde. *REMHU-Revista interdisciplinar da mobilidade humana*, pp. 23-54.
- Ferreira, A. F. (2016). *O LUGAR QUE OCUPA- A AUSÊNCIA DO PATERNO EM DOIS JOVENS CABO-VERDIANOS*. Dissertação, Ispa.
- Fortes, M. C. (2013). *narrativas e práticas de mulheres cabo-verdianas em Portugal e Cabo Verde*. Tese de Doutoramento em Antropologia, FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS.
- Freud, S. (1913/1969). TOTEM E TABU. Em *TOTEM E TABU E OUTROS TRABALHOS(XIII)*. EDIÇÃO STANDARD DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD.
- Hildebrand, P. (2006). The Cleonian tragedy. Em I. W. Mills, *Psychoanalytic Ideas and Shakespeare* (pp. 43-65). Hampshire: Karnac.
- Hollway. (2010). Relationality: The intersubjective foundations of identity. *The Sage handbook of identities*, pp. 216-233.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free association, narrative and interview method*. Londres: SAGE Publications.
- Hornstein, L. (1990). *cura psicanalítica e sublimação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kaufman, M. (1994). Men, feminism, and men's contradictory experiences of power. Theorizing masculinities. Em *Theorizing masculinities*.
- Klein, M. (1919/1996). Estágios iniciais do conflito edípico. Em M. Klein, *Amor Culpa e Reparação* (pp. 214-228). Brazil: Imago.

- Klein, M. (1946/1988). *Envy and Gratitude and Other Works*. London: Virago.
- Kohut, H. (1966). Formas e Transformações do Narcisismo. Em H. Kohut, *Psicologia do Self* (pp. 101-122). Imago.
- Lévi-Strauss, C. (1955). *Tristes Trópicos*. AV. da Liberdade: edições 70.
- Lobo, A. (2012). A FAMÍLIA EM CABO VERDE. UMA PRESPECTIVA ANTROPOLÓGICA. *Revistas de Estudos Cabo-Verdianos*(4), pp. 99-15.
- Lobo, S. A. (2006). *tão longe, tão perto: organização familiar e emigração na ilha da boa vista*. Univerdidade de Brasília.
- Marques, M. E. (Dezembro de 2002). Sobre como é que as mulheres ficaram em silêncio. *Revista Portuguesa de Psicanálise* (23), pp. 55-74.
- Massart, G. (1989-2009). the aspirations and constrains of masculinity in the family trajectories of Cape Verdean men from praia. *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de investigação em Antropologia*, 14(26-27), pp. 23-54.
- Miranda, & Tavares, S. S. (2016). *Arqueologia da Cidade Velham Cabo Verde: da escravidão às multiplas vozes na contemporaneidade*. Dissertação , universidade federal de S.
- Ogden, T. (1979). On projective identification. *International Journal of Psycho-Analysis*(60), pp. 357-373.
- Ogden, T. (2018). The analytic third: working with intersubjective clinical facts. In *The Analytic Field*. Routledge, pp. 169-198.
- Ramos, A. (2009). *Conflitos de identidades em Cabo Verde: Análises dos casos de Santiago e São Vicente*. Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos, Universidade do Porto.
- Winnicott, D. W. (1971/1989). *Playing and reality*. London: Tavistock Publications.
- Winnicott, D. W. (1990). origins of creativity. Em C. Zanarti, *Essencial papers on the psychology of the women* (pp. 132-146). ESSENCIAL PAPERS ON PSYCOANLYSIS.

ANEXOS

ANEXO A- NARRATIVA DO ATLAS

M- Então pronto, fala-me lá da tua experiência

P-Começamos por onde?

M- hmm um marcador temporal? deixa-me ver (alguns segundos em silencio)

M-ahmm, eu acho que eu acho que vou parar

P – dia 19 de setembro de 1998 foi o dia em que cheguei a Portugal(sim), epá foi estranho, eu na verdade não queria vir, a minha Mãe já vivia cá e as minhas irmãs e eu fui dos últimos filhos a vir para cá e eu não queria vir, era como eu te disse, era aquele mundinho e eu não tinha ideia nenhuma do que iria encontrar aqui e era um bocado assustador, mas depois quando vim, entretanto cheguei para a escola, já um bocadinho atrasado, a escola tinha começado em setembro , cheguei com dois meses de atraso. O primeiro choque foi viver num bairro completamente português; não havia africanos, não havia emigrantes, basicamente, eramos a única família de emigrantes que havia ali e epá foi um bocado solitário, ir à escola e não conhecer ninguém.

m- Do que percebi, tu vieste cá e a tua Mãe e as tuas irmãs já cá estavam(sim), mas eras o único homem da casa na altura?

P- Tinha o meu irmão mais novo que tem menos 5 anos que eu e que na altura tinha uns 6 anos (e já cá estava) e já cá estava sim.

m- Então pelo que percebi, foste crescendo sozinho, ou como o único homem da casa, nesses momentos?

P- Não que me sentisse muito, não é, as famílias cabo-verdianas não são propriamente muito patriarcas (risos de parte a parte) normalmente a mulher é que tem mais, como é que se diz, o controlo, a figura central da casa, é normalmente a mulher(sim, sim) epá e viver no meio de 4 mulheres, sendo eu o único homem mais velho, fui tendo sempre uma boa ligação com elas e apesar de também ter uma perspetiva masculina, fui tendo sempre mais uma perspetiva feminina, porque vi a luta, o sofrimento, vi, como é que se diz... vi o esforço todo que a minha

Mãe e as minha irmãs foram fazendo e eu pronto, era estudante e elas é que trabalhavam, elas é que faziam tudo (risos)

m- E elas eram todas mais velhas do que tu?

p- Todas mais velhas do que eu.

m- Mais, ou menos?

p- A minha irmã mais velha tem mais 10 anos do que eu, tanto que neste momento tem 41 e eu 31. E ela foi praticamente minha segunda Mãe, porque quando a minha Mãe veio para Portugal, ela é que ficou em Cabo Verde e só depois de muitos anos, é que ela veio (sim, sim)

m- E, portanto, tens essas referências todas do poder da mulher?

p- eu acho que sim, eu sempre vi, se calhar nas africanas em geral, apesar de haver aquela coisa, de, o homem é que manda, o homem é que trabalha, mas na verdade isso não é tao real assim, por que na verdade quem sustenta, quem sustenta a família no sentido de manter a casa em pé, é sempre a mulher, é a Mãe, ela é que tá lá para te apoiar quando tu precisas, porque o Pai... isso é uma coisa que eu sempre achei na sociedade cabo-verdiana e até na sociedade africana em geral, haver uma certa falta de paternidades sabes (sim, sim), é um problema grave na socia.. e especialmente em Cabo Verde que é um país de imigrantes, ou o Pai está fora, ou... não existe sequer, ou fazem filhos muito novos e não estão lá para os ver crescer e é normalmente a mulher que toma essa... as Mães, as avós e as tias, estás a ver?

m- E o teu Pai, qual é a tua história com ele?

p- Eu, epá, ele e a minha Mãe entretanto separaram-se, eu tive muitos anos com ele, vivi muitos anos com ele (lá em Cabo Verde?) sim em Cabo Verde, mas ele também é assim, uma pessoa muito distante, vive a vida dele, tanto que eu enquanto adolescente a viver com ele em Cabo Verde, nós não vivíamos juntos, eu vivia numa casa, que era minha e da minha Mãe e da minha família e ele supostamente vivia lá também, mas não(risos) ;ele estava sempre fora, porque tinha outra mulher, deitava-se fora da minha Mãe, tinha outra mulher, então passava mais tempo com ela, do que... portanto foi uma experiencia, uma adolescência pelo menos na parte em que eu estive em Cabo Verde de 2008 a 2003 muito mais solitária. Em que fazer-me homem foi uma coisa, foi como é que se diz, foi um esforço solitário, não foi (sim, sim), em que não encontrei nenhuma referência, porque eu não achava que ele fosse uma referência, percebes? Apesar de o admirar como pessoa e de ser um homem inteligente que me influenciou muito e e... ele adora línguas, eu também adoro línguas então ele deu-me essas bases todas, essa

curiosidade toda, tipo para o mundo e para tudo, mas nunca o achei como uma referência masculina e que nunca achasse que aquele homem é o que eu quero ser, olha se calhar na infância talvez tenha tido essa percepção, mas na adolescência não.

m- Risos, tava... só aqui uma pequena correção, tu disseste 2008 a 2003 ou 2001 a...

p- 2001 a 2003 (2001 a 2003, pronto é só isso) sim porque eu cheguei a Portugal em 98, mas estive cá, até 2000, entre 2000 de março, 2000 se não me engano, março de 2000, foi no carnaval; março 2000 voltei para Cabo Verde, estive lá quase um ano, 9 meses, ou mais, não me lembro exatamente.

m- Mas pronto, voltando ao teu Pai, estavas a falar, se calhar num primeiro momento até o idealizaste ahh, achaste que ele era a pessoa a seguir, de alguma maneira, mas a seguir mudaste essa percepção.

p- sim, sim, também pelas coisas que aconteceram, a separação, e a vida que ele tinha diferente da minha e epá, ele estava lá, ele sustentava-me, uma coisa boa ele me fez; arranjou-me os meus primeiros preservativos (risos de parte a parte) nessa parte, ele foi bem Pai, mas, mas não era a ideia, eu acho que tinha expectativas maiores estás a ver (sim, sim) a ideia de um Pai era um.... ideia de um Pai era, era uma coisa mais (não percebi).

m- Sim, sim, mas isso é uma coisa, mas, mas estás a dizer que tens, tinhas essas expectativas, mas é uma coisa que tu percebes que é uma coisa de Cabo Verde ou um problema de Cabo Verde.

p- , eu, eu, sim, sim, eu sempre achei que é uma coisa, é um padrão que eu já identifiquei à muitos anos, mesmo, mesmo dos tempos da adolescência, porque eu via pá, entretanto, falando dos amigos com quem eu cresci, ahh, se eu te dizer que são aí um grupo de 20 ou 30 pessoas , amigos mesmo, próximos, ahh, 4 ou 5 tinham Pais presentes, não havia muitos. Uns viviam no estrangeiro, outros já se tinham separado da família da mulher, já tinham outras famílias, outros nem sequer existiam, ou nem sabiam quem eram os Pais. há um amigo meu que eu só conheci o Pai dele, na verdade, ele mesmo, só conheceu o Pai dele quando tinha para aí uns 15 anos, coisas desse tipo, então... a masculinidade não é... É um bocadinho sobrevalorizada, a ideia de que um homem é que é o centro de tudo, mas no fundo não é, porque ele é homem sozinho, um lobo solitário, mas uma família, não é propriamente uma coisa que se vê assim muito, muito(eehm).

m- Mas e como é que tu sentes isso em ti?

p- É, é, eu acho que é um, eu acho que todo o meu caminho da adolescência até a idade adulta foi um bocadinho a querer fugir a isso sabes(sim), não quer dizer que eu vá ser melhor enquanto Pai de família, enquanto marido, ou não sei o quê, mas como eu não tenho a certeza de que vou conseguir ser aquilo que eu idealizo como deve ser um chefe de família, um Pai e tudo, então sempre fugi, eu nunca quis ter esse tipo de compromissos sabes(ok, ok..) houve uma altura em que até achei que sim(sim), pensava sim quero ser Pai, quero ser marido, quero... mas sempre que tive assim relações, em que realmente poderia ter seguido por esse caminho, sabotava-me a mim mesmo sabes?(sim, sentias um peso demasiado grande aos ombros) exatamente, ia e eu no fundo digo mesmo, uma auto sabotagem(riso nervoso) sabes, quando as coisas estão mesmo a correr bem, a correr para aquele lado, era quando eu achava forma de estragar (sim sim, pois isso é uma coisa forte), mas pronto. E é e isso é que eu te ia dizer, a minha ideia como homem, pronto, chegar a Portugal, viver aqui, pá a adolescência foi um bocado complicada, não, não consegui encontrar o meu lugar, mas também vivia num bairro muito pequeno, na pontinha, um bairro tipicamente português. No fundo, acabei por me adaptar, tenho montes de amigos que também cresceram ali, fui aceite, fui bem aceite, no início não tanto, mas para o final sim, pá toda a gente me conhecia, chegava o natal, convidavam-me todos para a casa deles, havia uma senhora que era a dona Bárbara, a Mãe de um grande amigo meu e íamos todos ao circo, então o Atlas, iam os filhos todos; ela tinha para ai uns 4 ou 5 filhos e quando comprava os bilhetes, os bilhetes para toda a gente e comprava um bilhete para o Atlas também; adaptei-me muito bem, cheguei à escola, tive algum sucesso no início e depois as coisas começaram a mudar para o lado, não é? No começo da adolescência, a rebeldia; o não gostar muito figuras de autoridade, nunca tive paciência para me dizerem, nunca deixei que me dissessem como viver a vida, ou... (sim, sim).

m- E a tua Mãe para ti, ela é uma figura de autoridade?

p- É, é, até hoje, tanto que nos damos muito bem, mas à distância (risos o 2). Sabes é uma pessoa religiosa, que vive na sua vidinha, no seu mundinho, em que, que... o mundo é assim, porque tens de viver assim, porque deus vai te salvar e não sei quê, e eu quando estudei religião para ai aos 10, 12 anos de idade e nunca mais voltei para trás, então tudo o que ela me disse eu tentei sempre fazer o contrário, eu tenho muito essa particularidade, que é quando me tentam impor alguma coisa, eu fujo sempre e faço exatamente o contrário.

m- Sim, sim, tanto que tens essa referência materna, muito forte, que tanto é da tua Mãe como da tua irmã (sim, sim) mas ao mesmo tempo tens essa necessidade de te soltar, de alguma forma.

p- De me soltar, exatamente, de não me prender com, com..., de não me prender com as regras e com as expectativas dela, não é. Eu cresci, epá hmna gdg, epá eu cresci num mundo, em que tanto o meu Pai, como a minha Mãe me consideravam; era considerado como uma pessoa que tinha uma inteligência acima da média. E tinha tudo, entrei na escola mais cedo, aos 5 anos já estava na escola, 5 não, 4 na verdade (sim), aos 4 anos já estava na escola, depois passando do primeiro ah, da primeira classe, passei, fazia. Quando passei para a segunda classe, fazia a segunda classe de manhã e a terceira à tarde. Passei diretamente para a terceira classe, não fiz o segundo ano, fiz só os primeiros três meses, então toda a gente tinha muitas expectativas e muita pressão, de eu ia fazer isto e que eu ia ser aquilo e que tinha de fazer isto e que eu tinha ser aquilo e isso de certa forma pôs tanta pressão em mim... quer dizer acho acho neste momento que isso pôs tanta pressão em mim, ... hmm que, que eu acabei por me rebe, rebe hamm, rebeliar contra isso, e não quis ser nada daquilo, não, não, porque é que eu tenho de estudar não sei o quê, se eu não sei o que quero ser sabes? Porque é que, que eu tenho de ser religioso, se eu nem sequer acredito em deus (riso meio nervoso), tipo, sabes, coisas desse tipo. E eu, na verdade, é que sou um bocado rebelde, isso é realmente a minha grande perspetiva contra tudo.

m- Mas também falavas dessa grande pressão que, que sentes em ti mesmo não é

p- Sim, sim porque são ideias que tu crias em ti mesmo, apesar de não queres fazer o que eles querem, ou pelo menos, o que eles esperam de ti, ou pelo menos eu, ahhh também idealizas, que, que se escolhesses fazer, ser aquele homem, serias aquele tipo de homem, aquele padrão, aquela coisa..a, tipo um retrato de família sabes? Ahhhmm, não sei se consigo explicar melhor

m- Sim, sim, mas tu já falaste nisso, tu já explicaste, houve momentos da tua vida em que sentiste que poderias fazer parte dessa fotografia não é, desse retrato e outros, em que de repente percebi, epá, não, isto é demais, isto é...

p- Mas também te questionas, será que eu realmente vou responder à ideologia que eu próprio fiz, às expectativas que eu próprio criei, percebes?

m- Sim, sim é, mas sim, falas dessas expectativas que os outros criaram sobre ti, que depois passaram a ser as tuas, e é contra ti que tu te rebelas, de alguma maneira, não é?

p- De certa forma é, porque acabas por absorver isso deles e tornam-se tuas não é, como tu disseste, tornam-se tuas não é, e mas e no final nem tu próprio sabes se aquela verdade, é mesmo o que tu queres, ou que tu realmente queres ser ou que realmente queres fazer, fazer (é

é ... (mais baixinho) interessante). *Epá Viver em Portugal, pá pois chegando aqui, chegando à adolescência, entretanto comecei a trabalhar aos 17 anos e também, em mais um ato de rebeldia, sai de casa da minha Mãe, e comecei a viver sozinho aos 17; a trabalhar, era vendedor na altura, e nunca mais olhei para trás, e a vida que eu tenho, pode ser que não seja a vida que eu idealizava, com certeza, mas... pelo menos, não, não, não tenho barreiras, não tenho limites impostos por ninguém. Acho eu, é a única coisa que me contenta(risos), a não ser os meus, percebes? (sim, (um pequeno impasse) pois, pois... é mas é...)*

m- Mas é isso que estavas a dizer da, da... Não gostas que os outros te imponham limites, mas percebes que tens os teus próprios limites.

p- Sim, sim, acabas sempre por ter (sim, sim, sim) acabas sempre por ter; tens sempre uma ideia de, de, do que é ser, um tipo de pessoa que tu queres ser não é,(sim, sim) apesar das coisas não correrem da maneira como tu imaginas, mas tens uma ideia do que achas que deverias ser como pessoa, das tuas capacidades, das tuas limitações. E epá e dentro dessas... e vais chegando mais perto e as vezes também te afastas um bocadinho disso, mas fazer essa, essa reflexão e olhar para trás e perceber em que ponto é que te perdes, em que ponto é que passaste a ser isto e não aquilo(sim, sim, si, não, não)

m- hmm és, já percebi amm, tu és uma pessoa introspetiva e, e até estou a sentir... normalmente neste tipo de entrevistas, não é suposto que eu tenha uma postura tão... tão clínica, não é que eu tenha... eu acho que não estou a dizer nada por fora, não é? mas estamos numa linguagem, parece Já ela própria, meia psicanalítica, mas acho que é tua culpa, no bom sentido (risos 2) (é, é, é).

p- Mas é, uma coisa que eu venho pensando há muito tempo; sabes? é uma introspeção que eu faço; que não faço tantas vezes como devia se calhar, ou então se calhar, as vezes faço demais(risos). Mas é, sempre, olhar, epá, teres um olhar crítico sobre ti mesmo, sabes, claro que não é só sobre a vida. O que é que estás a fazer, pá, para onde é que estás a caminhar? como é que vai; que tipo de pessoa é que te estás a tornar? Onde é que, que, em que ponto da tua vida, é que perdeste certos sonhos e começaste a ter outros? (sim, sim). Estavas a falar de futebol antes, houve uma altura, tinha... em que eu por acaso não tinha, até não era muito mau. Jogava até bem, cheguei a treinar no Sporting, nunca joguei, mas cheguei a treinar no Sporting, e não é que eu sonhasse, ser jogador de futebol, não, não sonhava, mas gostava (Sim, sim) mas se calhar até poderia ter sido (claro, claro). Mas daí, a tal história, das regras, e dos caminhos trilhados, sabes, e epá, nunca gostei muito de estruturas, por exemplo ir aos treinos,

tinhas dois treinos por dia e depois ainda tinhas de ir à escola, e depois, depois, não podias faltar, chegar atrasado e tinhas de acordar cedo todos os dias; já não chegava à escola, fogo. Acordava todos os dias às 7:00 da manhã, para estar na escola às 8:00, depois e a treinar as 11, depois voltava para a escola, e comer, depois voltava outra vez à tarde; duas vezes, 3 vezes por semana, fazias isso e aquilo. De certa forma cansou-me, era esgotante, eu chegava às últimas aulas, tipo às aulas das cinco, seis da tarde e adormecia, era mesmo cansativo.

M- Como é que era o papel da tua Mãe, como é que ela geria essa vida tão atarefada?

p- Ela por acaso hmm, ela nunca gostou muito, essa ideia do futebol, a verdade é essa, mas ela nunca, mas ela nesse sentido também nunca me tentou influenciar muito, mas eu, nunca lhe dei muito espaço. Porque antes demais, eu também não sou esse tipo de pessoa que dou muito espaço para que as pessoas argumentem muito. Se eu quero realmente fazer alguma coisa, não há ninguém que vai dizer que não, ou se eu não quero realmente fazer alguma coisa, também não há ninguém que me faça(risos) e acho, também que ela desistiu dessa batalha há muito tempo.

m- Tu no início falaste, do teu Pai foi uma pessoa que te influenciou e etc. mas em relação ao qual, tu sentias uma certa distância, também. ele próprio, tu dizias que ele se afastava, não é que isso era contrário daquilo que as figuras femininas da tua família faziam. Então, ao mesmo tempo que te estou a ouvir falar, e tu também falas da tua Mãe, com uma pessoa... tu cedo, também guardaste distância, não que fosse ela, que se distancia-se de ti, eras tu próprio (sim, sim) que guardava essa distância(eu é que criava, esse gap exatamente) e, e então, fala-me também, dessa tua irmã(a Perséfone).

p- A Perséfone é uma figura da minha vida, da minha família, apesar de hoje já não estarmos muito perto. Também, temos vidas diferentes, mas ela sim, é uma pessoa que eu considero, hamm, como é que se diz, uma figura, uma figura, se há... ela é a Mãe, é mesmo Mãe, ela é mulher, é tipo, cozinha maravilhosamente bem, sempre foi muito materna, cuida de toda a gente, está sempre a cuidar de toda a gente, sabes? (sim, sim) tem 3 filhos, 2, um deles não é dela, é de um relacionamento antigo do marido. Mas tipo, ela é quase mais minha Mãe, consegui em certas situações, ser mais minha Mãe do que a minha própria Mãe; mas também a minha Mãe emigrou cedo, portanto eu não consegui vê-la mais dessa forma; mas a Perséfone cuida, a Perséfone é amorosa, não critica, não julga, não impõe, sabes?(sim,

sim)É uma pessoa, da mesma forma como eu te disse, que a ideia que eu tenho de um Pai, não era o que o Pai foi(sim) o que não quer dizer que ele tenha sido mau, mas a ideia que eu tenho de uma Mãe, é ela, a Perséfone(sim, sim) não a minha Mãe, claro que gosto da minha Mãe e que, que... Mas acho que a Perséfone é muito mais materna, enquanto minha irmã mais velha, do que a minha própria Mãe. Porque ela é mesmo uma pessoa carinhosa, porque é carinhosa, não sabe ser de outra maneira(Risos os dois)(sim, sim) é mesmo, mesmo e tu vês pelos filhos dela, ela é super amorosa, ela tem um filho, agora, que é o tiago, um miúdo mesmo traquinas e eu vou lá de vez em quando e ele está a fazer asneiras e eu ralho com ela ou com ele e ele começa a fazer aquela cara triste e se ele fica triste, ela também fica triste, ele fica com uma lágrima no olho e ela fica com uma lágrima no olho e aí digo, estás a mimá-lo muito, não faças isso(risos), mas eu não consigo Atlas, eu não consigo . Não consegue mesmo, não consegue ter aquela disciplina, aquela rigidez, que os Pais normalmente tendem a impor aos filhos. Para! Tens de fazer isto! não sei quê, se calhar ainda levas uma palmada. Não, não consegue mesmo, não é do íntimo dela (sim, sim).

m-ahmm, mas tu fizeste alguma coisa disso; o que é que eu quero dizer com isto, deixa-me lá ver se eu percebi, tu estás a falar dela e ela parece que é exatamente o contrário, daquilo que a tua Mãe representa para ti (sim, sim). De alguma maneira, ao mesmo tempo que é filha da tua Mãe, acaba por ser também muito diferente, não é?

p- Sim porque a minha irmã, ela cresceu numa altura, ela é a primeira filha da minha Mãe, e de um relacionamento anterior também, e pá, a minha Mãe foi tendo filhos e ela sempre cuidou dos filhos. A minha Mãe trabalhava e então ela cuidava dos irmãos, as minhas irmãs mais velhas, sim depois, do meu irmão mais novo depois; portanto, ela sempre foi...de certa forma, eu acho que ela nunca sequer chegou a ser criança, sabes? (sim, sim)

m-hmm, agora estava aqui a pensar, a tua Mãe, parece quase a mulher da tua Mãe, de alguma maneira (sim, risos)

p- A minha Mãe é mais o, a figura paterna da família entre aspas e a Perséfone é mais minha Mãe, porque ela sempre... Portanto, eu tenho três irmãs mais novas do que a Perséfone: a Hesperateusa, a Eagle, e a Eritia e ela primeiro cuidou da Hesperateusa, depois a Eagle, a Eritia e depois cuidou de mim, depois cuidou do meu irmão. Portanto ela sempre foi Mãe, minha Mãe ia sair para ir trabalhar e ela é que ficava connosco, ela é que cozinhava, ela é

que lavava, ela é que(sim, sim, nice) pois ela é o que eu te digo, ela é assim, ela é aquela figura que eu sim considero, minha Mãe. Mas depois ela também exagera, porque depois ela mima tanto, que depois também tem de haver um certo limite, não é? Mas se eu considero, quisesse assim uma imagem de uma mulher, que, que se não fosse minha irmã, eu me casava com ela, eu acho que essa mulher era a minha irmã(risos os 2), é ela e sabes porquê, hmm, quando ela se casou com o meu cunhado, não é, já há muitos anos, eu e os meus primos, já estava toda a gente a lhe dizer, olha pá, boa sorte ham, vê lá se não fazes asneira, senão, é que se tu perdes esta mulher, és o homem mais estúpido do mundo(risos, se era a figura querida de toda a gente, a tua irmã, não é)É, e, deixá-la ir, foi, foi uma coisa que doeu, eu(, sim, sim).

m- Estou aqui ouvir de falar da tua estrutura família e pensei realmente, que em Cabo Verde, muitas vezes acontece isso. A sociedade é tão matriarcal, que muitas vezes se desdobra, na medida em que algumas mulheres que têm um papel masculino e que trabalham e não podem estar tanto tempo em casa etc. E depois as filhas, ou as mulheres que não trabalham, tomam um papel diferente.

p- Isso acontece sempre, ou é, as filhas mais velhas, ou são as avós (sim, sim, que se desmultiplicam), sim porque as avós, isso acontece muito em Cabo Verde, muitas vezes as avós, são mais Mães do que as próprias Mães. Porque imagina, as Mães vão trabalhar, vão à procura da vida, não é, e quem fica com as crianças, geralmente são as avós, ou as irmãs, ou as tias (sim, sim) daí o facto, que em Cabo Verde. Eu falo em Cabo Verde, porque é uma sociedade que eu conheço melhor, mas também acho que África em geral, acontece também muito isso, nas sociedades também não serem tão patriarcais quanto isso. São patriarcais na ideia, mas na prática não são, porque o centro de tudo sempre foi a mulher.

m- Mas tu sentes isso, que a sociedade é patriarcal na ideia?

p- É, é, porque os homens é que mandam, os homens... mandam (tosse teatral) entre aspas; os homens é que controlam, mas não, na verdade não é, não é, porque no fundo ham ... Se tiveres esta conversa com qualquer outra pessoa de Cabo Verde, ela vai te dizer a mesma coisa; tu podes dizer qualquer coisa sobre o Pai de uma pessoa de Cabo Verde, nunca podes dizer nada sobre a Mãe(sim), a Mãe é intocável sabes(sim, sim)é que é mesmo intocável(risos meus), é que não podes, é que normalmente é mesmo, é um assunto tabu, não podes falar mal, não podes

dizer... então(é o objeto sagrado) mas é que é mesmo e eu acredito que sim e acredito que deva ser assim.

m-Sim, mas tu tens isso em relação à tua irmã, não é?

R- Sim, sim, mas em relação à minha Mãe também, só que, como tu disseste, como elas se desdobram tanto e acabam às vezes por ter um papel mais masculino na sociedade, estás a ver, vão trabalhar e elas é que têm de providenciar para a família. Depois também não têm tempo para ser Mães. Isso aconteceu muito com a minha Mãe (sim, sim). A minha Mãe tem 6 filhos, com 6 filhos, ela acabou por ter de se desdobrar. Eu ainda me lembro, quando eu cheguei a Portugal, a minha Mãe ainda trabalhava todos os dias, não tinha folgas. Tinha um trabalho durante a semana, mas no fim de semana, ia trabalhar a outro sítio. Então o tempo que passávamos, era quando ela chegava a casa cansada, há noite, praticamente (sim, sim) para acordar antes de mim e ia trabalhar. Chegava depois de mim e então... Ela era mais Mãe naquela coisa do impor as regras e tens de fazer isto. Tens de ir à escola! tens não sei o quê, mas no facto de ser Mãe, de dar apoio não era tanto. Eu hoje em dia vejo as coisas de uma maneira um pouco diferente, mas na altura, não vi como isso, mas hoje em dia. Não era tua Mãe quanto isso, porque também não podia(sim, sim) é pá, porque também depois de uma pessoa trabalhar 12, 13, ou 14 horas por dia, não digo trabalhar, mas estar fora de casa 13 ou 14 horas por dia, como é que depois vais conseguir chegar a casa e também ter o mesmo nível de paciência e de ouvir (sim, sim, sim) e nisso entram as irmãs, que fazem esse papel durante o dia, que te ajudam a fazer os trabalhos de casa, o que não acontecia mas pronto, mas sei lá, aquele papel de suporte, de suporte diário, mais feito por as outras figuras...(sim, sim eu estou a imaginar, a tua a Mãe, não, a tua irmã quando estavas mais triste, era com ela com quem conversavas, era... e era se calhar ela que te compreendia...) que te ouvia, que não julgava, tanto que não vou dizer para a minha Mãe, o meu problema do dia, de não sei o quê, um problema qualquer, ela está cansada, depois de 14 horas fora de casa, não vai ter(sim, não vais por mais peso ainda, do que ela já tem) E não vai ter a mesma sensibilidade, é pá porque está cansada(sim, sim, sim, porque acha que tem uma vida mais dura do que a tua, também) e tem e tem (sim, sim), só, quando tu és criança ou adolescente, tu não consegues ver isso, e achas que aquilo é obrigação, porque tu, tu tens... tiveste filhos e eu já pensei assim. Tu é que escolheste ter filhos, e são a tua obrigação, mas não é só obrigação, também é escolha. Ela também podia ter sido como muitas Mães, nem sequer são Mães, que têm filhos e não cuidam (sim, sim) mas não, a escolha dela foi ter os filhos, mas também foi lutar por eles, tanto que a minha Mãe conseguiu levar 6 filhos para Portugal e fê-lo sempre sozinha. Meu Pai em

Cabo Verde, que de certa forma até ajudou em algumas coisas, mas como eles estavam separados, também não foi assim tanto, apoio como isso (sim, sim) pois (pois a tua Mãe tem realmente aquele sangue na guelra) aquela força, e é uma mulher de 1 metro e meio (mas leva tudo à frente). Às vezes fico aqui a perguntar como é que ela aguentou; durante anos, não teve férias, não teve nada. Primeira vez que foi passar férias a Cabo Verde; eu sei lá, foi já uns 10 anos depois de eu estar cá, não, 8 para aí. É, uma vida complicada, mas ela conseguiu, à custa de muito esforço de muito sofrimento, mas conseguiu (Ela agora ainda trabalha tanto como trabalhava?) não, já não, ela já não trabalha. Ela, por ela, ainda continuava a trabalhar, mas a saúde é que já não a permite, porque ela levanta-se todos os dias às 7:00 da manhã na mesma (risos os dois), Não vale a pena; vai dormir meu! Sabes o que é que é acordar, tipo para aí as 10:00 da manhã, pronto às 10:00 da manhã, ela não; ela acorda às 7:00 e a primeira coisa que ela faz, é abrir os estores, abrir as cortinas e depois começa a fazer coisas epá e tu viras-te e pensas, mas tu não dormes e tu cansas... e tu cansado de andar a não fazer nada, cansado de ir à escola, mas pronto (nice, nice).

m- E o teu irmão, tu falaste do teu irmão

p- Sim, sim, é o meu irmão mais novo, o meu mimadinho da família. Eu gosto de gozar com ele, ele é o primeiro filho da minha Mãe, ele na verdade foi o primeiro a vir para Portugal, com a minha Mãe, porque ele tinha um problema de saúde, um problema nos rins e, entretanto, teve de ser operado e, entretanto, vieram. O meu Pai e minha Mãe já estavam separados. vieram, e Já que estou aqui, se calhar consigo ter uma vida melhor e aos poucos vou trazendo os meus filhos, e é pá, então ele passou muito tempo com a minha Mãe; ele é o mais parecido com ela, ele é o mais...(risos) é, o último filho, como se diz em Cabo Verde, é o kodé, como é que se diz em Portugal ahmm, o mais novo?

m- Não sei, há muitas coisas que se dizem acerca filho mais novo (Mas não há uma expressão para dizer isso? Quando é mesmo mais novo) epá... há, mas eu agora já não me lembro

p- Bem, mas isso agora já não interessa. Em Cabo Verde diz-se kodé, kodé, é quando é mesmo o último. Ele agora tem 26 anos, vai fazer amanhã, acho eu, está agora em Londres, está a trabalhar, entretanto já foi, já voltou, é pá, temos uma relação boa, sim, boa. No outro dia mandou-me mensagem, porque eu sou muito chato, fui muito chato durante muitos anos, muito

crítico, mas a tentar acordar... Eu com 7 anos já tinha uma atitude mais adulta e masculina, vamos dizer; masculina se calhar não foi uma boa expressão, mas mais como é que se diz, mais livre, vais à procura da vida, saí de casa com 17 anos, lutar pela minha vida; em vez de estar (p-e mais uma palavra que não percebi) e ele com 20, ainda estava com aquela mentalidade muito de criança, muito tímido, muito fechado, eu sempre a puxar por ele e a aconselhar e a criticar. Se calhar muitas vezes também um bocadinho de mais(risos) e aí, eu para ele nesse caso; se calhar fui a figura mais paterno (sim, sim). Porque ele não tinha outra referência masculina, eu era o único e não devo ter feito um bom trabalho, mas pronto, ele não é.., mas tem uma boa educação, é um rapaz trabalhador hoje em dia. Mas estava a dizer, ele no outro dia mandou-me uma mensagem a dizer-me que está em Londres, finalmente conseguiu alugar a sua própria casa, foi viver com a namorada e mandou-me uma mensagem a dizer, áhh, meu irmão obrigado, pelas chatices, pelas críticas e pelos conselhos, finalmente estão-me a dar jeito (grandes risos de parte a parte) mas foi bom ouvir; por causa do ego; até correu uma lágrima no olho, olho, mas não. Foi mesmo muito bom ouvir, ver que finalmente, o miúdo está a assumir-se, a assumir sua própria vida. Porque ele é muito ligado à minha Mãe e apesar de não só... por ele ser tímido e não ter....Mas ele é mesmo muito ligado a minha Mãe, no sentido em que ele não consegue viver muito tempo longe dela, só para tu veres, já não é a primeira vez que ele vai para Londres; Já lá teve duas vezes a viver e passa lá temporadas de 6, 7 meses e depois cansa-se e ela começa a ligar a dizer que está triste que está sozinha e ele vem

m- Mas há... A Mãe também tem essa relação diferente com o teu irmão

P- Sim, sim, mas se calhar, talvez porque passaram demasiado tempo juntos Percebes. a minha Mãe chegou a Portugal em 95 E de 95 até para aí hmm... 97, não a minha Mãe chegou a Portugal em 93, 93 até 98, 97, ela viveu praticamente só com ele, então é, são muito ligados, mesmo muito hmm. Mas é normal, eu sei lá, mas houve uma altura da minha vida é que eu acho que não percebia muito bem essa diferença. Porque é que ele era mais, porque é que ele conseguia... o que é que ela era mais Mãe com ele e menos com o resto; mas hoje em dia já percebi, ele era mais novo, também foi uma relação diferente, eles passaram muito tempo juntos, eu também não consegui Ligar-me assim tanto bem com a minha Mãe porque também passei muitos anos longe dela(Sim, sim) E é difícil deixares de ver a tua Mãe. Eu sei lá, com seis, sete anos e depois voltar a ver a tua Mãe aos 12, 13, portanto estás a ver(sim, sim) e nesse tempo todo, só a vi uma vez, que foi uma vez em que ela esteve em Cabo Verde, mas foi com ahhh (E claramente com aquela figura de substituição da tua irmã não) Sim, sim

exatamente, e estamos a falar também de eu não estar habituado, nem sequer, só às regras; Mas ela já nem sequer conseguir também criar essa ligação. eu acho que nós criamos um muro entre nós, uma distância que até hoje ainda estamos a trabalhar conseguir quebrar esse muro, sabes? (mas a trabalhar), a trabalhar sim, porque nós fizemos muitos progressos (Risos de parte a parte) acredita nós fizemos mesmo muitos progressos ... (Risos parte a parte)

m- É, fixe, mas e a relação desse teu irmão com a tua irmã?

p-Igual igual, (nesse aspeto) é Igual, é de respeito, sabes. A minha irmã, é uma pessoa que ninguém consegue não ter esse tipo de relação com ela, porque da mesma forma que eu não deixo que ninguém me imponha nada, a ela não consegues, porque não tens coragem (risos meus, sim, sim) não consegues (lhe apontar nada), porque te vais chatear com ela, vais-lhe pôr algum problema e não consegues, olhas para ela e vais ter... é como se tivesses a bater na tua própria cara, então não podes, não podes fazer isso, é! porque ela foi Mãe, ela foi nossa Mãe. A minha Mãe ia trabalhar, quando ela chegou a Portugal e quem cuidava do irmão mais novo era ela também, e durante muitos anos (isso é uma expressão espetacular, é como se tivesse a bater na tua própria cara) mas é verdade, imagina um exemplo, se eu vejo a minha irmã triste, está bem, se eu vejo as minhas outras irmãs tristes também me dói, mas se eu vejo aquela minha irmã triste, parece que o meu mundo acabou... percebes, tipo. É porque ela não merece. Que ela nunca, ela nunca... ela é uma pessoa que tem 41 anos, eu tenho 31 e eu não consigo apontar nela uma coisa que eu não gosto (risos meus), então é mesmo... o único defeito que ela tem, é mimar muito (risos de parte a parte). principalmente o filho mais novo, mas é mas é, é muito carinhosa, muito carinhosa.

m-Sim, mas parece aquele tipo de mulher que é quase como um sol inesgotável, não é? (é, mas é incrível) que só tem coisas para dar.

p- Mas é, é incrível, como é que ela consegue ter isso tudo e eu até admiro isso de certa forma, porque ninguém tem tanto. Porque de certa forma, até certo ponto, tens de guardar alguma coisa para, para ti, não é, mas ela não, ela está sempre... É com o marido, é dos filhos; e se eu, que vivo longe deles, não tão longe, assim, vá, mas não vivo naquele círculo familiar há muitos anos; mas no momento em que eu precisar de alguma coisa, nem que seja só para eu ser ouvido. eu sei lá, é só uma coisa na minha vida e eu só quero, é desabafar (sim), eu vou à casa dela e vou estar ali 3 horas a falar com ela. Vou estar ali; ela vai estar com a mesma paciência

de sempre, começo a calma, com, com a mesma paz de espírito de sempre e vai ouvir só. No máximo vai-te dar um conselho, nunca te vai julgar (nice, nice), é uma figura incontornável da nossa vida, que todas as minhas irmãs, temos feitios muito diferentes, personalidades muito fortes, muito bem-postas e vincadas, mas ela também tem, mas uma versão muito mais amável, e mais... sabes? (algum silencio) sim, mas pronto e então.

m- Olha já estamos em 39 minutos, oralmente estas entrevista é suposto fazerem-se em 45 E etcétera. Porque a certa altura a malta começa a repetir, mas acho que isto ainda pode continuar.

Estava aqui a pensar (ahmm). Uma pergunta que ainda não me conseguiste responder, que já foi... (já dei voltas) é aquela em que tu dizes, que no papel, que na ideia, a sociedade cabo-verdiana é patriarcal, mas que depois não é. Mas aquilo que eu queria saber é, porque é que na ideia, é se quer patriarcal, quem é que afirma isso ou....

p- A sociedade em si, acho eu no geral, sabes, é, é... tu, repara, tu és criança de certa forma, mesmo que elas, Mães, mesmo pelas famílias, tu és criado para o homem, tem que ser homem, para cuidar e tomar as rédeas e e e....

m- Há, tu sentes isso, que o homem é criado dessa maneira, é ele....

p- Eu, eu percebo dessa maneira, mas acho que que eu se calhar, nesse aspecto, tive um bocado de sorte também, epá, porque na minha família, nunca ouvi esse tipo de, de, de estereótipos. Mas eu via isso, muito nas famílias dos meus amigos, das pessoas que viviam à minha volta, que sim. Eu tenho um amigo meu específico, que é machista, mas ele é machista e nem sabe porque é que é machista, mas eu sei porque é que ele é machista, pelo menos acho que sei... Porque a família dele é toda assim, as mulheres sim; são todas mulheres fortes e mulheres incríveis; mas são todas. Todas elas acreditam, que o homem é que tem de ser...O Pai dela era assim, a Mãe dele é assim, as irmãs dele são assim(iá, como que elas percorre o caminho todo para depois quando for altura de cortar a meta, elas convidam o homem...) ia, mas exatamente(risos meus) não podias ter exemplificado melhor, acredita, mas é mesmo, ele é machista por isso, e já tentamos, Já tentei ter essa conversa com ele várias vezes, ele também reconhece isso, mas não consegue fugir ao machismo, mas também reconhece, é tipo, a última vez que eu vi a Mãe dele, por acaso foi no casamento do meu sobrinho, eu estava a falar com ela e ela, e tu pá, quando é que casas, quando é que me dás um sobrinho, porque ela diz que

se considera a minha tia, eu a considero minha tia também, porque ela diz, mas quando é que me dás um sobrinho, porque sabes que um homem, o homem tem de fazer família e eu hmm, mas sabes, aquela ideia é isso; é aquilo que eles te ensinam, um homem tem de criar qualquer coisa, um homem tem de fazer, um homem tem de tomar as rédeas da sua vida e fazer filhos, de gerar família, arranjar uma mulher(risos).

m-Sim, sim, só por cusquice, esse teu amigo tem essa família, já.

p- Ele não criou família, mas tem filhos, mas muito cedo, fez filhos, o filho dele agora tem para aí uns 10 anos e ele tem mais ou menos a mesma idade do que eu e, portanto, teve filhos para aí aos 20 anos (mas separou-se da mulher) sim (corresponde ao estereotipo, portanto!) responde exatamente. Mas aí é que está(mas as mulher continuam a convidá-lo a cortar a linha da meta) sim mas é exatamente isso, ele para além de fazer parte de outro estereótipo, que é o dos jovens cabo-verdianos hamm, e um estereótipo e de outra estatística também, que é a dos jovens cabo-verdianos fazerem filhos muito cedo(sim), quando não tem bagagem ainda suficiente, nem financeira, nem têm bagagem de vida para fazerem filhos. E essa é também uma das estatísticas que eu tentei quebrar (risos meus), daí o facto de eu ter dito, que chegava numa situação, numa relação, que estava a ir para um certo tipo de coisa. Eu fugi e auto sabotei-me de certa forma, porque outra. A maioria dos meus amigos com quem eu cresci, Já têm filhos; é claro que quando eu digo já; eu tenho 31 anos, é normal que eles já tenham filhos, mas quando eu digo já, é quando eu tinha 20 anos e a maioria deles já tinham filhos: uns Fizeram aos 15, aos 16, aos 17, Aos 20, no caso desse meu amigo e é pá e na altura, a maioria deles ainda vive com os Pais (risos)percebes? (sim, sim) e tipo, como é que uma pessoa dessa idade consegue ter filho e quem é que vai cuidar do teu filho, a tua Mãe? A tua avó (claro, claro) eu nunca quis fazer isso. Eu sempre achei que algum dia eu, se tiver um filho, se chegar a ter...à situação de ter um filho, tem que ser com alguém com quem...No momento que eu quiser; se eu não me aconteceu por acidente, na adolescência ter um filho, como aconteceu com muitos, sabes? Porque é que agora com 20 e tal anos, com 20 e poucos, vou fazer um filho, sem ter uma estrutura familiar para dar, sem ter um... Uma vida para lhe dar ainda e nem me sentir sequer preparado. A Responsabilidade de ter um filho é o mundo (sim, sim).

m- Mas é uma coisa que tu não sentes na maior parte dos cabo-verdianos, não é? esse estereótipo de que tu falas, tu estás a dizer, que ele já tem tudo, já lhe é garantido, como se ele não precisasse de fazer nada para já ter um determinado tipo de estatuto.

p- E vai ter uma Mãe que vai cuidar dos filhos, isso ele tem a certeza e vai ter uma avó para cuidar dos filhos, isso tem a certeza, vai sempre haver uma estrutura familiar para o apoiar nesse sentido(sim, sim) feminina!, (risos de parte a parte)percebe?(claro, claro) mas eu nunca achei isso muito correto, e vi isso em tanta gente né, tenho tias, tenho uma tia em específico, que tem três filhos e quem cuida dos seus filhos , e é quem cuidou dos filhos até quase à idade adulta. Pois os miúdos já são quase adultos, pelo menos um já é, foi a minha avó; tipo o Pai desapareceu, ela como também tinha de trabalhar, tinha de fazer outras coisas e quem cuidou dos meus primos foi a minha avó (sim, sim).

m- E em Relação ao teu irmão, tu achas que ele tem este tipo de conscienciosidade de... Este sentido de peso nele (que ele tem que ser...) no sentido em que, é mais como tu, na, na...nessa ideia de ter um filho, é ter todo o peso do mundo...

p-Sim é ter a responsabilidade e a obrigatoriedade de estar lá, para vê-lo crescer e dar-lhe as bases necessárias. Epá as coisas mais básicas, eu sei lá, como te disse, comprar-te o teu primeira ou primeiro preservativo(risos de parte a parte) ensinar-te a fazer a barba(risos)(sim, sim) e é pá e não é só isso, quando se perde a paternidade e não há muita proximidade na tua criação acho que se perdem muitos valores também, também se ganham outros, porque ganhas a parte feminina da vida, o olhar mais feminino sobre a vida e aprecias também mais o lugar da mulher na sociedade, na e família(sim,sim)mas a paternidade também é muito importante, dá estrutura percebes?(sim, claro, claro)cria família percebes?

m- Não, não, não, esta Ideia de que em parte, uma grande parte das gerações cabo-verdianas não tivessem, tive... um Pai que os visse crescer ou que os ensinasse e etecetera. Pois. eles próprios chegam a uma determinada idade e não sabem como fazer; mesmo querendo ser um Pai diferente do que aqueles que eles tiveram.

p- E as vezes também, acabam por repetir os mesmos erros, que é o pior, porque aquilo torna-se um ciclo, que é, um Pai, uma pessoa que é Pai adolescente, a tendência disso, repetir-se com o filho dele é muito grande(sim, sim, sim), tanto como falas de Pai, falas de Mãe, uma mulher que tem um filho aos 15 anos aos 16, a tendência para que ela faça a mesma coisa é muito maior, porque como; e com essa idade que bagagem é que tu tens; seja emocional, seja pedagógica...Eu sei lá, mas que experiência que tu tens para passar a um filho, para que ele

não cometa os mesmos erros do que tu; o que, que....O que tende a acontecer, é que a maneira de conseguir inculcar isso nos filhos, é impor, é reforçar. E não vais, e não podes fazer isto, não podes fazer aquilo! e Isso, eu acho pelo menos, é que a tende a agravar o problema, cria rebeldia, cria exatamente o contra daquilo que ela está a dizer, e acabam, por na verdade repetir os mesmos erros que os Pais e Isso é um ciclo vicioso, um ciclo, um ciclo que nalgum ponto tem de ser quebrado(sim, sim, estás a falar de um jogo de forças que não podia ser mais psicanalítico nesse sentido) eu acho pelo menos, e o meu irmão estavas a dizer, o meu irmão nesse sentido, eu acho que ele pensa muito como eu, apesar de ele não ter um olhar tão crítico, tão crítico sobre isso como eu; mas às vezes temos essas conversas. Hoje em dia já não tanto, porque ele agora está fora, mas sempre tivemos horas e horas a falar sobre coisas desse tipo. Mas apesar de ele não olhar exatamente da mesma forma como eu, acho que desse pronto de vista sempre fui uma boa influência para ele e sempre achei percebes? Eu tenho uma irmã mais nova... mais nova? ela das minhas 4 irmãs é a mais nova, e ela teve uma filha numa altura em que ela não tinha capacidade Psicológica. emocional para ter filhos e quando a minha irmã engravidou, eu sempre fui um dos maiores críticos sobre isso, não que eu seja a favor do aborto, na verdade não sou. Acho é que não se deve fazer filhos quando não se tem capacidade para os.... Mas se as coisas realmente acontecerem é pá, pelo menos faz um esforço para seres Pai; Pai e Mãe ou wherever. Eu e o meu irmão também tínhamos esta conversa, ei, e tu, também tens de ter cuidado porque estás a chegar a uma altura, que se não tomares cuidado, essas coisas acontecem. Primeiro tem que fazer uma vida; se quiseres realmente teres um filho, tens de ter um filho com alguém de quem realmente gostas, não vais ter um filho com alguém com quem tiveste uma Paixãozeta da treta, e que essa pessoa vai ficar na tua vida, vai ficar ali para o resto da vida colada a ti, ao criar essa ligação, ela não se vai quebrar(sim, sim,sim). Vais ter alguém na tua vida de quem nem gostas e que está presa á tua vida de certa forma(sim,sim). Acho que essa escolha deve ser feita, apesar de não ser tão linear como eu estou a dizer, porque há fazes na vida em que gostas e depois deixas de gostar (sim, sim, claro, claro) pois há... Não, nunca foi aquilo que eu quis fazer, nunca achei que um filho precise passar por esse tipo de coisas. Para além de que eu vivi um jogo entre a relação do meu Pai e da minha Mãe e eu sou muito parecido com o meu Pai, fisicamente, de cara principalmente igual, sempre fui um bocado puxado para um lado e para o outro; daí o facto de ter vindo para Portugal, ter voltar para Cabo Verde, vir para Portugal outra vez, ter voltado para Cabo Verde outra vez, Andar nesse jogo, é... a minha Mãe ahmm puxava-me para o lado dela depois o meu Pai puxava-me para o lado dele e depois vice versa e andávamos ali naquele jogo e então o que acabou por acontecer, foi que no dia em que ele realmente me disseram que se

separaram, eu disse muito obrigado(risos nervosos) eu disse finalmente porque esse jogo não me fez muito bem não

m- hmm, mesmo quando estavam juntos, sentias que eram forças opostas?

p- Forças opostas, exatamente ahh, tipo, sempre um a tentar influenciar percebes. Meu Pai que me tentava influenciar contra a minha Mãe, a minha Mãe tentava fazer o mesmo, e viver com a minha Mãe, o problema realmente foi esse, o ela olhar para mim e ver o meu Pai, porque somos muito parecidos mesmo (sim, sim, sim) percebes? Então sempre foi esse peso, eu sempre senti esse peso de de, da....tipo, não tens de ser igual a ele, não podes ser igual a ele, tens de ser diferente, tens de ser melhor(mas apesar de tudo tens coisas dele) a sério, sim, sim, sim, de tanto ela me fazer isso, eu acho que interiorizei isso; dai o facto de eu dizer de certa forma, que eu acho que ele não é a ideia, daquilo que um homem... um homem família deve ser, mas o que não quer dizer que ele de facto não seja uma pessoa boa. Mas acho que eu também acabei por interiorizar muito essa influência da minha Mãe, de que tens de ser diferente, tens de ser melhor do que ele...

m- E o teu Pai, tu dizias que ele conhece várias línguas. o que é que ele faz exatamente?

p- Meu Pai é técnico de telecomunicações na verdade, mas quando ele era jovem trabalhou muitos anos em navios e viajou pelo mundo todo, então falava muitas línguas na altura (e tinha esse interesse de conhecer outras línguas e e..)sim, sim, falava grego e Inglês, francês, holandês, uma data de línguas e isso de certa forma foi uma coisa que que... e, e eu adorava quando ele... ele tinha um amigo que também andou nos barcos com ele, e também falava grego. Quando eu era criança; eles sentavam-se os dois ao lado de minha casa e começavam a falar e eu ficava a olhar, o que é isto, eles estão a inventar uma língua, isto não pode ser real. Mas depois vim a perceber, a descobrir realmente; ele falava grego. Porque, entretanto, e aqui há uns anos atrás, eu tive uma namorada grega e o meu Pai liga-me, e ela é que atende o telefone e ele começou a falar grego com ela e ela háaa, o teu Pai fala grego (Risos de parte a parte) já te tinha dito, mas pronto. Mas ya, eu sempre gostei, mas ele nesse sentido, sempre foi uma influência muito, muito intelectual; ele sempre foi, é pá pedagógica, ele sempre me ensinou.... com 4 anos por exemplo eu já conseguia ler, escrever sabes (ele também?) , eu(há tu) sim, porque era uma coisa que ele sempre me fazia em casa e távamos em casa a fazer contas, e ele a ensinar-me história, ensinando ciências, matemática

m-sim ele nesse aspeto ele próprio antagoniza-se em relação à tua Mãe, a tua como tu dizes era uma pessoa com as coisas mais fechadas e assim direitas e etc. o teu Pai é esta pessoa...

p- É um dreamer, ele é um dreamer, pelo menos era, ele era aquela pessoa romântica que vê o mundo e tipo. Ele viajou o mundo todo e então contava-me histórias, de quanto tempo no porto de Singapura e... E passou no Japão, quando este perdido no mar numa tempestade. Sabes? aquelas, vais, vais visualizando, criando aquelas histórias em criança tipo Moby Dick e isso despertou-me muita curiosidade(risos de parte a parte)(sim, sim Por ser o Pai a dizer e por seres criança, tudo aquilo é...) sim, sim, eu adorava, não havia coisa que me dava mais prazer, do que me sentar à noitinha depois do jantar e começar a ouvir as histórias dele, estás a ver; histórias da vida, da Grécia; quando ele viveu na Grécia e eu imaginava a Grécia, os gajos de túnicas e de (uma palavra que não percebi) na mão. pronto não era assim, não era nada assim, mas pronto (risos de parte da parte) nesse sentido uma influência muito boa, ele e o meu primo que também, foi o meu Pai. É um primo mais velho nesse caso, tem para aí a idade da minha irmã, tem 41 anos agora, que é poeta e também é professor de inglês, catedrático de inglês, ele também viveu uns anos em Espanha, quando era mais jovem e sempre gostou muito de ler, e sempre me influenciou muito nisso. Então dava-me livros para ler e discutíamos, é pá, eu com 7 anos, 8 anos falávamos de extraterrestres e de crises políticas e do estado da união soviética(risos) sabes? Coisas que e é pá e, eles abriram muito a minha mente para além daquela minha vidazinha de Ilha de países daquela monotonia. Que eu hoje em dia, tu até, como tu dizes, quando saís, é que das Valor ao que deixaste, mas de pensar Cabo Verde é uma terra muito pequena em que as pessoas vivem só naquele mundinho e aquele mundinho para eles chega e basta, mas para mim nunca chegou, Nesse sentido nunca chegou, porque eu sempre fui muito curioso e queria ler e queria conhecer queria viajar e queria... se calhar não fiz tanto como devia, mas a minha ideia na altura era essa, era os meus sonhos, eram esses, era viajar o mundo e conhecer e ler livros e sabes (sim, sim) ai...

m- então sim, acho que podemos ficar por aqui, acho que isto foi(espero que tenha sido bom para) foi bem mais do que eu estava a espera.

ANEXO B- NARRATIVA DO SIGMUNDO

Então vá; pronto. A pergunta de remate é a seguinte: como é que tu te representas enquanto homem, pertencendo, ou sabendo tu que pertences a uma cultura cabo-verdiana.

(silêncio durante 4 segundo

A- Já.

M- Já, temos tempo, nem que tenhamos de parar, tipo...

P- Então formula a pergunta novamente

M- Então, como é tu te representas, pensas ou até mesmo te sentes enquanto homem, sabendo tu que pertences a uma cultura cabo-verdiana.

P-Sim, bem complicada essa pergunta.

M- Mas sabes porque é difícil esta pergunta? É porque nós somos homens desde que nascemos. Por exemplo no início a maior parte dos temas que nós tínhamos) eram coisas do género: ahmm, como é que foi o teu processo de migração, ou então, fala-me da tua gravidez. Há um momento específico, há um antes e um depois(exatamente).

P- Epá, represento-me, sinto-me; epá sinceramente, nasci numa sociedade cabo-verdiana muito machista e isso hoje em dia ainda se reflete, reflete-se na sociedade que continua a ser machista. Ahmm, eu tento fugir; fugir a isso, tento fugir a essa cultura desde que nasci; levei com ela dentro seio familiar, no seio dos meus amigos. Epá na sociedade, na sociedade toda... é toda machista e epá, saindo de Cabo Verde e vindo para Portugal, comecei a abrir um pouco e a tentar ver outros caminhos e pronto. Tento fugir a essa, a essa... A essa coisa que me foi dada pela sociedade e pela família. Hoje em dia já sou um cabo-verdiano mais consciente, um Cabo-verdiano. Um Cabo-verdiano! é para fora, é do mundo. Somos ilhas e nós temos essa, essa visão para fora; sair, mesmo Também por causa das condições, sociais, económicas. É um meio pobre; nós temos de sair, se queremos ter algum sucesso diferente; mas não é, não quer dizer que não consigas fazer lá dentro.; consegues claro, se calhar com um pouco mais de esforço, consegues. Mas sim a emigração é a nossa cina e eu desde que emigrei, vim primeiramente para estudar; Também tenho família aqui, tenho família lá; é fifty fifty, é metade, metade. E então, mas... a minha procura pelas coisas... Os meus horizontes alargaram muito; quando cá cheguei.

M- E vieste para cá com que idade?

P- Então o meu processo de educação foi todo feito lá. E tentares, e depois disso te reeducares-te a ti próprio. Não, epá, chega de machismos, chega disso; ver as pessoas mais de igual para igual. Seja lá, seja lá a opção que tu escolheres para a tua vida e pronto. Então eu diria que sou um Cabo-verdiano consciente; sei de onde é que vim, das minhas raízes, da minha cultura e tudo isso, mas como tudo, tento adicionar mais coisas, muito mais coisas; abrir, portanto, conhecer gente de toda a parte. Até o meu trabalho, é um pouco sobre isso, e vou abrindo. Eu diria um cabo-verdiano mais consciente. Orgulhosamente de ser cabo-verdiano, da nossa cultura, cultura que temos; há coisas, há coisas a que também aponto o dedo; que não, de que gosto menos; mas, mas sim; é por aí.

M- Já, então pronto, tu disseste que nasceste numa sociedade machista. Mas, como é que as coisas aconteciam na tua família; de forma é que isso se expressava, ou verificava, por exemplo

P- De todas as formas, o homem é que, é que... Dentro da minha família especificamente; depois posso tentar alargar as minhas experiências (sim, sim, isso depois também faz parte de ti). Mas dentro da família, é quase sempre o homem que tem a palavra final para muita coisa; mesmo o líder... Eu cresci com a minha avó e os meus tios. A minha avó era a dona da casa, era... Mas! a palavra final era sempre dos meus tios. Epá, Mãe (p- a Mãe é a minha avó), vou hoje surfar, sim, sim podes ir; mas se os meus tios disserem não, hoje não vais surfar (então, eles é que tinham o poder de veto, de alguma maneira) sim, sim exatamente.

m- Então tu viveste em casa da tua avó e dos teus tios?

p- Sim e com a minha Mãe também, mas depois a minha Mãe foi muito cedo para outra ilha trabalhar. Então cresci basicamente com a minha avó e com os meus dois tios sim. E pronto, a minha avó não trabalhava, era só, era em casa. O marido dela, que é o meu avô, viveu fora durante muito tempo; para aí 50 anos na noruega. A minha avó não trabalhava, era mais em casa, tomava conta da casa e fazia coisas em casa. Durante algum tempo, a minha avó, o que fazia, era, era costureira, fazia coisas de arranjos, de roupas, e depois foi a profissão que o meu tio viria abraçar, e hoje em dia é estilista, é. E pronto, então eu cresci com a minha avó e os meus tios basicamente; A minha Mãe ia... também fez parte desse processo, e teve lá também algum tempo, mas e depois era uma mulher muito intermitente em casa; trabalhava mais fora, noutras ilhas, mas depois ficava sem trabalho, voltava para casa e passava algum tempo, mas depois voltava novamente; então a minha avó é que é a primeira Mãe, a segunda Mãe, e eventualmente a terceira. O meu Pai emigrou muito cedo, com 30 e tal anos; eu tenho 32 e o meu Pai tem 31 anos em Portugal. O meu Pai(uma palavra ou uma pequena frase que não

percebi) primeiramente vivia quando eu.; nos meus dois primeiros anos de vida antes de eu vir para Portugal, para Lisboa, eu vivi com os meus Pais; com a minha Mãe, e com a minha avó, ahh; com a minha Mãe e o meu Pai, e depois nasceu a minha segundaaaaa; a minha irmã Também, da relação entre o meu Pai e a minha Mãe; mas depois os dois separaram-se e, e.. pronto o meu Pai veio; eu com dois anos; o meu Pai emigrou e nós fomos para casa; pronto deixamos a casa aonde vivíamos e fomos viver junto da nossa avó

m- Que é do lado da tua Mãe? (certo) e como é que foi depois crescer com os teus tios, de que maneira é que eles te influenciaram, ou.

p- tudo, tudo; o meu tio, um dos meus tios é estilista e sempre foi muito virado para a arte, era dançarino, coreógrafo Também, na altura, era mas novo e depois começou aa.; foi para a tropa portanto, e depois de vir da tropa começou a procurar o que fazer da vida e então começou a... a desenhar, a costurar Também com a minha avó. Lá em casa toda a gente costura(risos, ai é), é, toda a gente, a Letícia pequena já fazia...(a letícia é minha irmã) já fazia as roupas das suas bonecas e tudo e entãooooo, pronto, o meu tio abraçou isso com mais garra e ele tem um talento enorme e hoje faz disso, a vida dele; não, esse foi o que o meu Pai, esse meu tio foi o que influenciou-me mais nessa cena da arte; completamente, como ver o.... Curiosidade e conhecer pessoas, e esse lado para a arte, é do meu tio. Pois tenho outro tio que é mais, que é, é o Carlos, kalou, o mais apaziguador; não fala muito, mas quando fala, dá-te aquela direção, aquela linha, aquela conversa (risos meus), é, e esse é técnico de telecomunicações. Este tinha uma vida digamos comum, digamos, não é que eu ache que seja uma vida comum, mas pronto, saía de casa às 8 para ir trabalhar, chegava a casa depois, para ir almoçar, ia novamente, voltava às 5, de segunda a sexta feira; pronto, o que a sociedade nos dá como padrão de normal; (sim), não, não, não me quero identificar com isso, é mas pronto e o meu tio era muito mais livre e assim como eu estou a ser hoje em dia Também(o teu outro tio, o estilista) o estilista sim, que é muito mais livre, que tem o seu próprio trabalho; faz a sua hora, tem o seu horário pronto, e eu identifico-me muito com aquilo, eu não quero estar preso a escritório ou o quê, num local fechado a trabalhar x horas por dia, a ter dois dias de folga por semana; quero fazer o meu horário e isso dá-me isso tá a ver.

M- Não sei, estava aqui a pensar; tu falaste da sociedade masculina, mas tu agora Também está a falar da forma, dos modos, das maneiras de fazer as coisas da tua família, depois passaram de geração em geração, e como na tua a casa toda a gente faz, ou começou por fazer trabalhos que tu associarias ao feminino.

p- hmmm, eu não ia associar hmmm, sim, o coiso normal, hmmm, ahhh, normalmente tu poderias pensar nisso; iá, isso é pertinente, essa pergunta que tu fizeste, porque sim, tu podias associar, mas eu não ia, ia associar, mas isso já é a minha pessoa; depois de(sim). ahhh, agora perdi-me. Mas onde é que eu ia exatamente (alguns murmúrios).

M- Estavas a dizer (algum impasse). Eu gostava de saber de onde é que vêm essas origens de, de onde é que. A tua avó imagino que tenha sido a pessoa que ensinou o teu tio a costurar e a fazer todo esse tipo de coisas.

p- Sim, foi a minha avó que ensinou toda a gente a fazer(sim). E depois surgiu de uma necessidade Também, tens, o meu tio... hmmm.

consegues pôr pausa (sim, sim).

neste momento dá-se uma pequena interrupção da entrevista, porque uma das pessoas que teria alugado um quarto na casa onde AR vivia, parte um copo, e sem se aperceber que uma entrevista estava a decorrer, interrompe-nos. A entrevista recomeça muito pouco tempo depois.

m- É, começar; estava, estávamos pelos universos da costura.

p-ahh, sim, um dia. E o que é que eu ia dizer-te? surgiu de uma necessidade e quando o meu tio sai da tropa, ahhm; e agora o que fazer da vida, percebes? E não houve... e nessa altura começou a dançar nananan,, e depois começou a; mas depois a dança Também tinha um custo; e epá, o gajo tinha de viver Também(claro) e não seria; mas e agora estou a imaginar Também, porque contado por ele não tem isso, mas advém disso de certeza, porque depois Também tinha de dar um rumo à vida e começou a costurar com a avó

m- Iá, iá e isso é engraçado, porque contado por ele não fala da influencia da avó?

p- não, não, não, não é contado por ele, isso é o que eu vi durante a, a a, nunca me contou essa história, mas se calhar seria interessante um dia falar com ele e ele contar-me uma coisa similar, mas de certeza que vai bater nisso, porque isso é que é o... eu cresci lá, e foi o que o vi.

m- Então pronto, tu falaste-me de quando chegaste a Portugal, que a tua perspetiva das coisas mudou de alguma maneira, tipo; falha com algum detalhe disso, assim, pequenos exemplos; avança por aí.

p—Não sei, mudou sim, mas acho que Também já vinha; já tinha qualquer coisinha lá, porque como eu já disse, o meu tio, e esse influenciou-me muito. Ahh, hoje em dia o meu Pai, nós

falamos. Não tem, tenho muitas coisas, algumas coisas do meu Pai, é claro; mas assim uma relação afetiva muito próxima, muito próxima, eu não tenho com o meu Pai, assim que commmmo eu tenho com o (teu tio) o meu tio por exemplo, com os meu dois tios e com a minha avó, mas isso é normal, só não foram; foram 22 anos, com 2 anos cheguei lá em casa e tive até aos 20 anos de idade, tive lá 20 anos e tudooooo. E eu costumo dizer, faço essa comparação minha e com a minha irmã, que saiu com 17 anos e temos coisas diferentes, tipo, um irmão que saiu um pouco mais cedo e então eu digo: o meu processo de educação lá em casa foi completa, eu já sai, então eu sai com 22 anos e chego cá; mas ainda cresci é claro, continuas sempre a crescer; mas a minha educação, a minha maneira de estar na vida; as bases todas de lá. É e chego a lisboa, chego a esta cidade fantástica; saiu de ilha, vivi numa ilha e vim para uma cidade grande, num outro país, num outro continente.

M- Qual é que era a ilha que eu agora não me lembro?

p- São-vicente (são-vicente iá) são vicente, Também muito aberta para a; propicia a essa coisa da arte; essa, juntamente com santiago, é mais cultura e pronto

m- Mas chegaste cá, cidade fantástica

p- Sim, essa lisboa com uma diversidade enorme e então, facilmente e alguma coisa que estava lá atrás e facilmente comesças a dar asas a isso. Eu primeiramente cheguei, fui para casa, vivi com o meu Pai durante algum tempo; mas o meu Pai mora em são marques, no Cacém e eu adoro lisboa e eu vinha estudar para lisboa, estudava ali em Arroios e depois passa a minha e vindo das aulas passava a maior parte do tempo aqui, sentia-me confortável dentro de lisboa. Lá em cima como toda gente costuma dizer, naquelas zonas de dormitório; e eu certamente, e é um bocado disso, são aquelas zonas que só vais para dormir, não tens nada, depois em lisboa tens tudo. Pouco tempo depois, eu disse: Pai, eu vou sair de casa e vou para lisboa e fiz, fui para lisboa, aluguei um quarto ali em Arroios e vivi lá com estudantes Erasmus, então a coisa começou-se a abrir ainda mais. Acho que tudo se passava ainda, mas tudo se passava; era aqui, é aqui que eu me sinto bem. Porquê, porque é uma cidade cultural, epá, tudo o que tu possas imaginar, tu tens dentro de lisboa; tens muito, aqui dentro de lisboa, pessoa e agora com este mundo turístico então, já há muita coisa, casinhas, queres ir ouvir um fado, queres ir a um fado, gostas de de ouvir um fado, beber um como, meu, queres ir a uma loja tejo bar, tens lá uma... epá, muita coisa e epá, isso é uma das coisas que me atrai(iá)

m- Voltando atrás; tu comesças-te a entrevista a dizer que de algum tempo a esta parte vinhas a fugir de um certo machismo, que te tinha sido inculcado.

p- sim, exatamente, tou numa sociedade machista Também, porque eu considero Portugal Também, sendo lisboa, falo de lisboa Também, porque é o que conheço; um pouco diferente, mas machista Também.

m-sim, sim, mas fala do teu machismo de alguma maneira, ou o que é que mudou em ti, como é que tu te representavas antes e agora como é que te representas.

p- não era, eu não diria como é que me representava antes, eu se calhar era um pouco mais fechado a certas coisas, e epá, eu agora não estou a ver um exemplo assim tão concreto, epá mas posso ir buscar um, em criança, os primeiros homossexuais que apareceram em são vicente; na altura e aindaaaa, epá, o pessoal achava aquilo esquisito e nós até troçávamos com aquilo; isso hoje em dia é uma coisa e sinto até vergonha a pensar que um dia fiz isso, percebes?(sim, sim) hoje em dia, isso para mim, não, deus)não percebi), não, nunca. Isso é uma coisa que eu poderia dizer para demonstrar essa diferença

m- Já, mas em relação ao feminino; se reservavas dantes um lugar qualquer à mulher?

p- hmm, nãooooo.(algum silencio) sim se calhar sim, se quisermos pensar, se calhar até; se eu reservava?

m-Sim, se tinhas assim uma maneira diferente de encarar a mulher

p- Sim, se calhar sim, se calhar a minha namorada, era mesmo naquele sentido, de a minha namorada, de posse. É, mas hoje em dia não, nunca, já é completamente diferente; é minha namorada, mas já não é com aquele sentimento de posse. É tarmos juntos até quando nós quisermos, senão tá, quando não quisermos, cada um tá; sempre com respeito pelo meio, um pelo outro. Sim essas coisinhas mudaram completamente, mas lá, quase de certeza absoluta que era mais uma posse e isso acontece, que lá tem muito forte e aqui Também tem muito forte; dá para ver. Na rua as vezes, tu vês os homens a gritar com as mulheres e tal. E a dar aquela voz e assim e assim e pronto. Eu nesse aspeto por exemplo, era uma coisa que eu tinha.

m- E os teus tios por exemplo, iam tendo namoradas? casados?

p- Por acaso, o meu tio, os meus tios; o meu tio, sempre teve relação, relações com namoradas novas tipo. Foram hmm, conheci duas mulheres do estilista; mas depois de algum tempo estragaram; a relação acabou e a atual. E o meu outro tio Também conheci duas namoradas e sempre foi com essa intenção; por exemplo na primeira relação dele, ele saiu de casa, depois a coisa Também, acabou por não correr bem e ele voltou para a casa; depois é a mulher dele atual, com os filhos e tudo, têm um casal agora e já moram na casa dele e já não tão lá em

casa, e pronto sempre foi muito estável sim, nesse sentido, lá dentro de casa. A minha avó só conheceu o meu avô. O meu avô é a segunda relação, e da minha avó Também, mas com os meus tios e a minha Mãe é tudo do meu avô. Portanto foi sempre assim uma coisa muito estável, nunca houve assim. Agora com os netos é que... avacalharam isso tudo (risos dele) (sim, sim) nós é que os netos, eu; nós é que já saímos da linha, se calhar(sim,sim), mas pronto, são outros tempos Também(sim, sim) não sei se percebeu?

m- iá, mas estava aqui a pensar, mas pronto tu começaste a dizer, ou que ouvias esse machismo em tua casa e, mas Também havia outros exemplos de Cabo Verde. Vai-me descrevendo mais ou menos o que é que foste vendo lá.

p- Em relação ao machismo(sim) mas tu esse machismo, tu, tu encontravas em qualquer, epá. Hoje a sociedade, hoje em dia entendes, Também nessa geração, que o homem e a mulher com os mesmos cargos, pois o homem ganha muito mais, a mulher ganha menos, hammm. há uma taxa de desemprego na família que eu acho que é muito, bastante elevando, ou neste momento não sei, mas na altura haviam muito mais jovens a trabalhar na(sim, sim, iá), era o homem que era o dono da casa; a mulher cuidava da casa, a mulher ficava em casa a tratar da casa, e o homem é que ia trabalhar para a rua buscar o sustento da família e isso. Tou a generalizar(sim,sim) não é assim tanto; mas estes são assim os exemplos que eu diria mais flagrantes não é?

m- Estava aqui a pensar; o que me estás a dizer, é claro que tem toda a validade, mas não deixa de ser um discurso politicamente correto (ai é) se é que me entendes, porque é uma coisa que faz parte da nossa sociedade portuguesa, ou cabo-verdiana; mas nesse aspeto não diferenciam. O que eu tava a tentar perguntar, era tipooo, por observações pessoais, coisas que tu foste vendo; como os teus amigos viam as coisas (do machismo, sim) sim, lá. Dou-te um exemplo da entrevista que eu tenho disponível; ele por exemplo, descrevia a sociedade cabo-verdiana muito machista na ideia, mas, pois, na realidade, o poder, as figuras centrais das casas costumavam ser as mulheres, muitas vezes até eram elas que trabalham porque os Pais migravam e elas ficavam.

p-Sim, sim, nesse aspeto, mas o homem é que sempre saiu para ir buscar o sustento, (sim, sim) seja lá dentro de Cabo Verde a trabalhar, seja fora a trabalhar; porque o dinheiro depois vem. É a remessa do emigrante que enviava sempre dinheiro para casa, como o meu avô fez durante muito tempo, por isso é que a minha avó tava dentro de casa, cuidava de casa, mas o que tinha a palavra; éeee, a palavra; claro que tu Também tinhas a figura central, eee, mas Também, e

no meu caso, Também retrata da mesma coisa, que era, a minha avó que tava lá; o pilar da casa, mas depois os meus tios... Em que a minha avó dizia que sim, tudo bem, mas se os meus tios (sim, sim), nesse aspeto. Mas depois é quem está a meter o dinheiro lá dentro. É que é, é, eu aceito que ele diz, a figura central pode ser a mulher, mas, epá; o poder de decisão é do homem, é do homem. Não encontro um exemplo ao contrário, o homem a ficar em casa e a mulher a ir trabalhar para pôr (sim, sim, claro), do que eu vi, eu não encontro um exemplo assim. A mulher está dentro de casa a tomar conta da casa, das lides de casa; está a cozinhar, porque o neto, o filho, não é, tinha que chegar a x horas para almoçar, para depois voltar para o trabalho; os netos tinham de chegar depois da escola e comer, para depois voltar e vir para a escola; que lavava, que passava, as lides da casa(sim, sim, sim).

Agora outra coisa do, do, para vincar esse feminismo Também, que é o que eu Também ia dizer; que é, que é dos homens terem o hábito de terem várias mulheres, sim, claro, como me perguntou pelo meu caso, lá dentro de casa isso não aconteceu muito, não; mas dá para ver; mas isso Também poderia ser um, poderia ser válido para descrever um, para descrever essa tal masculinidade, de o, o homem ter várias mulheres, vá. E o meu Pai, na verdade teve, tivemos essa relação; mas o meu Pai, antes de ter os dois filhos com a minha Mãe; o meu Pai já tinha tido uma outra mulher, que teve os meus dois outros irmãos, antes e depois de ter emigrado e ter estragado, ahmm terminado a relação com a minha mãe, chegou cá e teve uma outra família, tenho mais dois irmãos, que já nasceram cá(sim, sim)

m- Portanto dessa forma, Também vão haver, vão havendo figuras paternas, que quando existem, são autoritárias, mas que Também vão caindo, não é? Na vida das pessoas.

p- Como assim?

m- então deixa-me ver o que é que eu quero dizer com isto ahmm. Tu falaste-me dos teus tios como figuras presentes, que tinham a palavra final. Ahmm, mas o teu Pai deixou de ter essa preponderância na tua vida.

p- Completamente, completamente, tanto que tenho a idade do meu e tirando, tirando a altura em que eu vivi lá com ele, na casa dele e tudo, ou quando cheguei, ainda sim, ainda tinha esse poder; tanto que eu ainda tava na casa dele, mas depois que eu saí, o meu Pai não tem muito. Troco ideias com ele sim, quando quero fazer coisas, ligo para ele, nós encontramos, nós conversamos, mas ele nunca decide por mim. Se calhar, o meu tio poderia decidir por mim. Hoje já ninguém decide por mim, já sou um homem feito e tudo, mas se calhar estava muito mais próximo de os meus tios decidirem alguma coisa por mim, do que o meu Pai.

m- Decidir, de aconselhar (sim, de aconselhar) e influenciar (sim, sim).

p- Mas eu falo, eu converso muito com o meu Pai; um homem com muita experiência, gosto de conversar com ele, mas nesse sentido assim; não tem, não tem muita preponderância, como os meus tios, é diferente. Mas pronto, isso podes levar como válido, se calhar, não sei se. Isso dos homens com várias mulheres, é para (sim, sim)

m- Então pronto, de alguma maneira, quando tu te vais aconselhar, ou queres um conselho, ou qualquer coisa assim do género, perguntas aos teus tios.

p- Não, não assim diretamente, porque o meu Pai está cá, mas é uma outra forma de

m- Sim, Também és mais velho (sim Também) tamos agora, Também a falar de um tempo anterior

p- Sim, sim, se fosse antes, iria falar diretamente com eles. Hoje em dia e épa, já tamos e as coisas que eu Também tenho para falar com o meu Pai. Nós estamos a viver mais ou menos a mesma coisa aqui; é um outro espaço diferente do espaço deles lá. Sim, acabo sempre por trocar ideias com o meu tio, quando falamos e tudo, mas, já há aquela ideia, de que sim, que pode acrescentar, pode não. Mas o meu Pai sim, tá, tando no espaço e as coisas normalmente são para serem feitas cá e tudo e o meu Pai, é uma boa pessoa que eu.

m- E, e, e usares o feminino como confidente. Por exemplo, tens essa memória de em Cabo Verde, falares com mulheres de Cabo Verde sobre variadíssimos assuntos, ou, ou.

p- Sim, se calhar sim, tinha umas amigas interessantes para isso. Normalmente as namoradas que eu fui tendo, eram as pessoas que, que.

m- Mas no seio da família? por exemplo: com a tua avó.

p- Sim, nós falávamos muito, eu falava muito com a minha avó, mas no sentido de, de ser a confidente...eee...

m- não, mas dá o teu sentido, o que tu quiseres, para ver só..(sim, falava) de que maneira?

p- sempre fui muito curioso em saber da vida dos meus familiares e tudo, saber história da minha avó, então sentava sempre com ela; não, não sempre mas muitas vezes sentava com ela; ela gostava de ir ali a uma praça, em frente da nossa casa e passar lá o final de tarde e então muitas vezes eu sentava lá com ela e a ouvir essas histórias do passado dela(iá) e do resto da

família. E depois era mais as namoradas que eu fui tendo durante, durante o tempo em que falava de coisas mais íntimas, ou, o que era. mas cá dentro de casa não sentia tão à vontade para falar de certas coisas (está bem)

m-(algum silencio) E as tuas namoradas de lá, imagino que fossem cabo-verdianas?(não percebi o que ele disse) e cá? (cá?) sim

p- por acaso nunca tive uma namorada Cabo-verdiana

m- e tu notas, tipo algumas coisas que as tuas namoradas de Cabo Verde tinham e que cá é de outra maneira.(algum silencio, com pequenos murmúrios, com algumas palavras que não identitifico). Não faço ideia de que tipo de namoradas; de onde é que vêm as namoradas que tu tens cá, era só para (as, não; a namorada) muitas vezes é só (a namorada) só tiveste uma namorada, não percebi.

p- não, não, a namorada, não as; parece que são muitas no, no (sim, sim, sim) sim, a namorada. Não era diferente, pessoas diferentes, cultura diferente, epá, não, não se compara, não dá para comparar (sim, sim). Não sei com é que fazia a distinção; se é que há distinção possível, não é? (pois) mas culturalmente são; por exemplo se tivesse namorado, com portuguesa, epá tem outros valores, outra mentalidade de que uma cabo-verdiana; é uma coisa completamente diferente; é simplesmente diferente, nem para melhor, nem para pior.

M- Sim, mas eu não queria saber se era melhor ou pior. A minha ideia é sempre fazer-te descrever, tipo:

p- Descrever, sim, mas não consigo. Epá, é, Manel, é isso, culturalmente, é mais por aí... são duas coisas diferentes.

M- Deixa ver, uma pergunta, pode ser que inspire aí qualquer coisa. Tu falavas-me que a tua avó tendia a representar os teus tios; ou dava aos teus tios, assim como o teu avô a palavra final; o poder de decisão. Tu vias isso, por exemplo com as tuas namoradas cabo-verdianas(não oiço) se te viam a ti de uma maneira semelhante aquela que a tua avó via os teus tios?

p- Sim, se calhar sim; a mulher punha-se nessa posição de estar de baixo de, do homem sim.

M- Então de certa maneira, ela Também não te deixava ver a ti como igual, como semelhante?

p- Sim, dificilmente, até porque tu estás aí, e estás dentro daquilo e tu sentias-te, tu sentias, (sim, sim) sentias-te, vais de uma relação de poder, de posse. Como eu disse, vais numa relação

de poder, de posse. Tu és minha namorada e ela, acho que naturalmente, acho que aceitava aquilo e já esperava. Um pouco diferente, e depois podia fazer muitas variações de ilha para ilha, ou o que é (sim, sim) lá tem muito que... são vicente por exemplo, já seria menos, e estou a falar de são vicente, e ainda, e tou a assumir como, como figura masculina em cima entre e aspas da mulher; mas se formos para os meios mais pequenos, em santo antão, por exemplo: ainda a diferença, aindaaaa (é maior), é maior exatamente. E em são vicente por exemplo já é considerado que os homens e as mulheres estão em pé de igualdade; dizem claro, mas claramente que não, mas é um pouco menos; a diferença é menos gritante do que comparado com santo antão, por exemplo (e notasteee.. não, tu é que falas, diz, diz). Sim eeee então, e a mulher; só para rematar esta. E a mulher, punha-se na, na, ou ficava, a, de uma certa forma, ou de outra, punha-se nessa posição.

M- sim, mas.n n,, não sentia Também como inferior; não era... Tu agora se calhar à distância vês isso; mas ela própria aderira, tipo, identificava-se com, não é? E notas diferenças para com outras relações que cá estiveste (sim, sim) em que não eras posto nesse pedestal?

p- sim, sim, evidentemente, tive uma relação com 6 anos e meio, com a Atena, uma alemã; ela era alemã. Nós conhecemos na altura da escola, e é completamente e era completamente diferente, independente, autónoma completamente, tem voz, tem presença; então é uma pessoa bastante comunicativa. Eu sendo cabo-verdiano, muitas vezes encontrava os meus amigos; logo no início e acaba por ser inconsciente; logo no início era muito difícil para ela, porque nós encontrávamo-nos e começávamos a falar em crioulo, mais rápido claro, mas ela ficava, apresentava e tudo, mas podemos, podíamos falar em português, mas e era logo e depois nós começámos, e ela fez-se ouvir a sua voz, e eu a partir daí, foi logo, Também; nunca, nunca, mais, sempre com ela do lado, e agora com outras pessoas. Se, se conseguimos falar uma outra língua, porque é que vamos fazer grupo, e isso é um exemplo que se calhar..

M- De uma coisa de que ela te obrigou a fazer de maneira diferente, de alguma maneira(sim,sim, sim). Que obrigou, mas não no sentido pejorativo (sim, sim, sim, exactamente).ahh, iá, nice.

Eu, pronto, que tu já disseste muitas vezes, que vieste cá, e começaste a abrir a mente e etc. E imagino que essa relação comprida, tenha feito muito parte do teu processo de transformação.

P-Sim, muito, mas muito, vim para Alemanha, várias vezes visitava a Alemanha, e conhecer e tár lá presente. E agora cá entre nós, haa. Epá diz-se muita coisa dos aleMães, e muita coisa do que diz, é verdade e pode ser verdade; mas epá, eu amo o povo que; é um, que podes contar

com eles, podes contar com eles, e dizem que é, é(iá). Eu gostei muito disso:. Horas é horas; as vezes é um pouco de mais(sim,sim). Mas pronto, sendo, sendo africanos, latinos como somos; se calhar por vezes, é um pouco demais. Mas é um povo que eu, e epá, isso ajudou-me muito, e epá, fui super bem tratado; aprendi imenso das várias vezes que eu tive lá; e com essa pessoa, aquilo foi; ajudou-me muito nesse processo (sim, sim) (alguns segundos de silencio) completamente.

M-entao pronto, tu poderias dizer de alguma maneira, que, que ao vir para cá, e ao ter essa namorada e tudo mais; que a tua ideia do feminino Também foi crescendo, foi-se diversificando, imagino.

p- Do feminino? (sim), valorizar a mulher muito mais, não é? Ver que a mulher tem que tar no nossoo; no mesmo patamar do que, do que o homem (é, numa relação de complementaridade) sim, de complementaridade, exato.

m- É, pronto, volto outra vez. tu começaste a entrevista com a cena do masculino, de que foste educado para ser machista, entre aspas. Fala-me então Também um bocadinho, de como foi sentir; tipo, o acordar desse sonho, não é? Em que tu vivias de alguma maneira; tu começaste a dizer que era uma sociedade fechada e portanto tu vivias em Cabo Verde, e vias muito essa realidade à volta, e portanto achavas mesmo que o homem, tinha qualquer coisa a mais não é. Ahhh, ahh, o que é que eu quero dizer com isto,? ah, ah; tu na altura vivias dessa maneira, de alguma maneira; mas era a tua realidade , não, não conhecias outra, não é?

P- Não conhecia outra realidade não é; a partir do momento em que tu te abres, e tu conheces outra realidade; agora é contigo, tu podes.

M- Sim, sim, mas e fez-te, fez-te sempre sentido, ou foi assim um processo; epá calma aí, isto agora não é igual. Tu deste-me o exemplo de Cabo Verde, de estares a falar em crioulo com os teus amigos e achavas normal, e ela, não, isto não é normal, não é aceitável, tens de, de falar um linguaaa.

p- Claro que não é normal, porque tendo uma pessoa do meu lado, e sendo eu namorado, na altura uma pessoa que vivia comigo, uma das pessoas mais importantes da minha vida. E é claro, que não era normal, se, (sim, sim) falar contigo numa língua em que a outra pessoa não percebe e(sim, sim) e tando ai do teu lado; quando nós três temos a capacidade de nos entender numa língua; claro que não, não é normal; mas foi uma coisa que veio em não. Acho que na verdade, só precisava de ver (sim), uma outra realidade para inverter as coisas (para acor)

porque foi super fácil, porque tava lá; alguma coisa tava lá; e precisava só mesmo de conhecer outra realidade, e isso foi uma coisa que vim, e até hoje vai surgindo naturalmente; surgiu naturalmente, as coisas foram-se transformando. Foi um processo natural (sim, sim, sim)

m- não, é engraçado, porque, me faz sentido o que estás a dizer, no sentido em que tu começaste a dizer que estavas a fugir do masculino, mas acabou por não ser uma fuga. Foi, as coisas foram acontecendo, tiveste uma namorada e foste descobrindo outra realidade e isso.

p- foi-me mostrando isto, vais-lhe mostrando e aquilo vai-te fazendo sentido (de outra maneira), não é? (ok)

M- Olha, já estamos; curiosamente já fizemos os quarenta e pouco minutos, eu acho que está fixe, (ai é) iá.